

Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

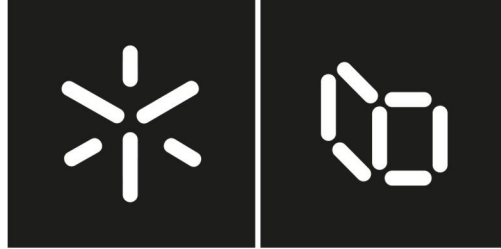
António Gaspar Cunha

Literatura Distópica no Universo dos Ciborgues

António Gaspar Cunha **Literatura Distópica no Universo dos Ciborgues**

UMinho | 2020

Junho de 2020



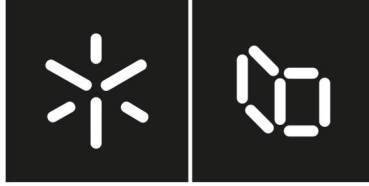
Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

António Gaspar Lopes da Cunha

**Literatura Distópica no Universo dos
Ciborgues**

junho 2020



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

António Gaspar Lopes da Cunha

Literatura Distópica no Universo dos Ciborgues

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Teoria da Literatura e Literaturas Lusófonas

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Maria do Carmo Pinheiro Silva Cardoso Mendes

junho 2020



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Gostaria de aproveitar este parágrafo para agradecer à minha família, Celeste e João, que ainda hoje acha estranho o facto de me ter dedicado durante dois anos a fazer um mestrado em literatura.

Agradeço à orientadora desta dissertação, a Professora Maria do Carmo Mendes, o empenho e dedicação incondicionais e o seu profissionalismo. A sua presença está, também, nestas páginas.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

A ciência e a engenharia funcionam muitas vezes como indutoras da literatura, sendo exemplo disso as narrativas distópicas nas quais os escritores se servem dos desenvolvimentos tecnocientíficos para criar um mundo ficcional que tem frequentemente o objetivo de chamar a atenção sobre o perigo desses progressos. É nesta dicotomia tecnociência-literatura que se desenvolve esta dissertação com o objetivo de colocar em evidência marcas distópicas. Para isso, as obras literárias estudadas, *The Handmaid's Tale*, *The Testaments* e *Machines Like Me*, foram abordadas sob o ponto de vista do esbatimento dos limiares entre gêneros num ambiente "ciborguiano", tendo como referência teórica principal o ensaio de Donna Haraway, "A Cyborgue Manifest: Science Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twenty Century".

Nas narrativas de Margaret Atwood foi estabelecida uma sociedade distópica através de uma revolução fundamentalista em que a personagem principal, a Serva, foi criada para ser uma máquina de procriar, mas sem que fosse possível retirar-lhe efetivamente as suas características humanas, apesar da educação repressiva a que foi sujeita. No caso do ciborgue engendrado por Ian McEwan, Adam, a conceção de uma inteligência artificial em que se incorporaram as características do *homo sapiens*, não foi suficiente para criar um ciborgue viável que pudesse viver num mundo de homens. Em ambos os casos, tendo em conta a subjetividade das obras estudadas, a Serva e Adam encontram-se muito mais próximos do homem do que da máquina. Uma proximidade induzida pelo amor que aglutina a catástrofe presente nas narrativas.

Assim, tendo em conta a análise efetuada, poder-se-á concluir que o mito do ciborgue não poderá ser usado como metáfora para o esbatimento dos limiares entre gêneros, como proposto inicialmente por Donna Haraway. Isto está de acordo com os desenvolvimentos mais recentes em que a própria Donna Haraway considera que o mito do ciborgue já não é suficiente.

Palavras chave: ciborgues, ciência, distopia, tecnologia.

SUMMARY

Science and engineering often work as inducers for literature, such as for example the dystopian narratives in which writers use technoscientific developments to create a fictional world that frequently aims to draw attention to the danger of such progress. It is in this technoscience-literature dichotomy that this dissertation is developed with the aim of highlighting dystopian marks. For this purpose, the literary works studied, *The Handmaid's Tale*, *The Testaments* and *Machines Like Me*, were approached from the point of view of blurring the differences between genres in a "cyborg" environment, having Donna Haraway's essay as the main theoretical reference, "A Cyborgue Manifest: Science Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twenty Century".

In Margaret Atwood's narratives a dystopian society was established through a fundamentalist revolution in which the main character, the Handmaid, was created to be a procreate machine, but without being able to effectively remove her human characteristics, despite repressive education to which it was subjected. In the case of the cyborg engineered by Ian McEwan, Adam, the conception of an artificial intelligence that incorporated the characteristics of *homo sapiens*, was not enough to create a viable cyborg able to live in a world of men. In both cases, taking into account the subjectivity of the works studied, the Handmaid and Adam are much closer to man than to machine. A love-induced closeness that brings together the catastrophe present in the narratives.

Thus, taking into account the analysis carried out, it can be concluded that the cyborg myth cannot be used as a metaphor for blurring the gap between genders, as initially proposed by Donna Haraway. This is in line with the latest developments in which Donna Haraway herself considers that the cyborg myth is no longer enough.

Keywords: cyborgs, dystopia, science, technology.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
1. O MUNDO DOS CIBORGUES	15
1.1. Utopia e Distopia na Literatura	15
1.2. Manifesto a Favor dos Ciborgues	19
1.3. Novos Desenvolvimentos	35
2. MARGARET ATWOOD	44
2.1. Uma Revolução Teocrática Cristã como Distopia	44
2.2. Movimento Compressor	49
2.2.1. Infância	49
2.2.2. Universidade	50
2.2.3. Família	51
2.2.4. Revolução	52
2.2.5. Treino	57
2.2.6. Procriação	59
2.3. A Caminho de Uma Certa Liberdade	67
2.3.1. Implosão	67
2.3.2. Amor	70
2.3.3. Feminismo	71
2.3.4. Sexualidade	75
2.3.5. Conflito	76
2.3.6. Liberdade	78
2.4. A Serva, os Ciborgues e a Literatura	80
2.5. Os Testemunhos	88
2.5.1. Fluir do Tempo	88
2.5.2. Tia Lydia: Cruzando as Revoluções	92
2.5.3. Agnes: Filha de Gilead	99
2.5.4. Daisy: Semente de Esperança	103
2.6. Uma Única Memória	105
3. IAN McEWAN	108
3.1. Homo-Ciborgue	108
3.2. Máquinas Como Nós	110
3.2.1. Aprendizagem	110
3.2.2. Inteligência	119
3.2.3. Percepção e Subjetividade	123
3.3. Máquinas Sem Género	124
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS	137

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A vida distópica das mulheres: um movimento compressor.

Figura 2- A implosão da sociedade num mundo ciborguiano.

Figura 3- A estrutura de *The Testaments*.

Figura 4- Paralelismo entre Offred e Adam no espelho múltiplo.

Figura 5- Paralelismo entre Lydia e Charlie no espelho múltiplo.

INTRODUÇÃO

A apropriação de ideias da ciência para o desenvolvimento de histórias mais ou menos fantásticas por parte dos escritores faz todo o sentido, porque na realidade a ciência e a engenharia ocupam uma grande parte da vida da humanidade. Assim, a ciência e a engenharia poderão funcionar, e fazem-no muitas vezes, como indutoras da literatura e da arte em geral, sendo exemplo disso as narrativas distópicas, onde os escritores, servindo-se dos novos desenvolvimentos tecnocientíficos, criam um mundo ficcional principalmente para chamar a atenção sobre os perigos desses progressos.

Todavia, o oposto também acontece. Ou seja, a imaginação ficcional, que excede frequentemente o conhecimento existente, poderá servir como inspiradora de novos desenvolvimentos científicos e técnicos ou propor a existência desses desenvolvimentos, *e.g.*, as obras de Júlio Verne sobre o submarino e a viagem à lua, e o *Frankenstein* de Mary Shelley.

É nesta dicotomia tecnociência-literatura que se pretende desenvolver este trabalho. As obras literárias a estudar, *The Handmaid's Tale*, *The Testaments* e *Machines Like Me*, serão abordadas sob o ponto de vista do esbatimento dos limiares entre géneros num ambiente "ciborguiano", tendo como referência teórica principal o ensaio de Donna Haraway, "A Cyborgue Manifest: Science Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twenty Century"¹.

Ocorrem-me duas ideias:

Primeira, por que razão se diz "smart phone" e não a sua versão em português? Na verdade, a tradução desta "expressão" para português poderá trazer uma ambiguidade. Poder-se-ia, numa primeira aproximação, dizer "telefone inteligente", mas a sua tradução em sentido contrário resultaria em "intelligent phone"!... Ou seja, por que razão não lhe chamamos "intelligent phone" desde o início? Só pode ser porque de facto este aparelho eletrónico não é "inteligente", mas sim "esperto": "telefone esperto", alguém diria. Esta ambiguidade apresentada desta forma simples tem como intenção introduzir um conceito que está no centro da existência dos ciborgues no futuro, conceito este que corresponde ao segundo pensamento referido: O que é a inteligência (artificial)?

Assim, esta segunda ideia, estreitamente relacionada com a primeira, resulta do conceito de "inteligência artificial". Na verdade, a inteligência artificial é muito baseada na análise de dados. Veja-se

¹ A palavra "cyborgue" funciona aqui como adjetivo, o que torna a tradução para português um pouco complicada. Esta tradução seria: "Um Manifesto em Favor dos Ciborgues: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX".

o caso da evolução dos computadores usados para “vencerem” os mestres de xadrez. Neste caso, só a análise de milhões de dados, ou seja, de jogadas anteriores, permitiu aos computadores vencerem os mestres. Sendo assim, o que falta aos computadores para serem “inteligentes”?

É também verdade que os mestres de xadrez baseiam grande parte do seu jogo numa análise e num conhecimento de jogadas anteriores. Este é um facto que acontece em todas as atividades humanas. O que fará, então, a diferença entre duas pessoas do mesmo nível capacitivo para analisar esses dados históricos, neste caso, entre dois mestres de xadrez? A resposta a esta pergunta talvez esteja na natureza humana, na sua natureza orgânica, na sua constituição química, nas reações químicas que ocorrem no seu interior, na sua genética, na evolução genética!...

Esta constitui uma grande diferença: a natureza eletrónica, um conjunto de zeros e uns, dos computadores e dos ciborgues, com grande capacidade de armazenar e analisar dados, uma natureza/capacidade fria e rigorosa. Tudo isto por oposição a uma natureza orgânica, uma natureza genética, uma natureza que provoca emoções e sentimentos. A diferença entre a capacidade repetitiva, por parte dos computadores e ciborgues, e a capacidade inventiva e criativa e dada a sentimentos, por parte do *homo sapiens*. É, no entanto, importante chamar a atenção para o cinema como um bom exemplo de esbatimento de fronteiras neste plano. Por exemplo, o filme *Inteligência Artificial* constrói a perspetiva distópica, mas não inteiramente absurda, de que máquinas têm sentimentos e emoções. No entanto, não existe consenso sobre o que distingue a inteligência (humana) da inteligência artificial. A questão está mais relacionada com a perceção do que com alguma grandeza que se possa medir.

Foi Alan Turing, em 1950, que criou/definiu esta nova área de investigação científica: a inteligência artificial. A ironia está, também, presente no seu ato de criação realizada por um homossexual que ajudou a vencer a Segunda Guerra Mundial. Suicidou-se em 1953, com 41 anos, depois de um ano de tratamento hormonal (castração química). Criou as máquinas de Turing, as precursoras dos computadores, num processo complicado, porque existia guerra (uma guerra entre a tirania e a liberdade, entre a democracia e o nazismo), as máquinas foram endeusadas, pois a elas se recorria para decidir quem morria e quem vivia, num contexto em que nem todos podiam ser salvos. Os decisores não eram seres onnipotentes, eram pessoas que faziam palavras cruzadas, pessoas que obedeciam a um chefe escondido, esse sim a comportar-se como deus. Foi neste contexto que surgiram algumas questões que ainda hoje não estão totalmente esclarecidas: sou uma máquina ou um homem? As máquinas pensam? Turing respondeu a estas questões, dizendo que as máquinas não podem pensar

como nós, pensam de forma diferente, tal como todas as pessoas raciocinam de modo distinto². Só porque uma coisa pensa de forma diferente de nós: significa isso que não pensa? Esta é a verdadeira questão. Uma vez que admitimos que os humanos possam ter essas diferenças, pensar de forma diferente entre eles, porque é que não podemos aceitar que existam essas diferenças entre “cérebros” de outros materiais? Em 1950, Turing publicou um artigo, “O Jogo da Imitação”, com o objetivo de tentar identificar quem estava à nossa frente, um jogo que faz perguntas para determinar se algo é uma máquina ou um homem.

Talvez, na atualidade, não seja necessário preocuparmo-nos com os computadores eletrônicos (se forem tidas em conta questões éticas, por exemplo), mas sim com os circuitos orgânicos, uma vez que o desenvolvimento de computação baseada em tecidos orgânicos é já uma realidade, apesar de ainda incipiente. E, afinal, o *homo sapiens* também funciona numa base algorítmica.

Numa “evolução ciborguiana” poder-se-ão, numa primeira aproximação, considerar quatro casos: i) alteração do desempenho humano pela ingestão e/ou injeção de químicos e pela manipulação cirúrgica do corpo humano; ii) fabricação de máquinas que tenham um desempenho semelhante ao do homem, mas mais eficiente, *e.g.*, robôs e ciborgues; iii) modificação genética através da manipulação de genes em seres já existentes, iv) evolução genética através da geração de novos indivíduos, estes melhorados a partir da geração anterior (neste caso, numa evolução genética acelerada).

De facto, a manutenção, ao longo das gerações, dos genes individuais no sentido de os preservar deixa de fazer sentido em todas as três situações referidas. Daqui se pode compreender a ironia presente no ensaio “Cyborgue Manifest”, uma ironia acerca do feminismo e da luta das mulheres pela sua emancipação numa sociedade machista. No entanto, talvez se possa ver aqui uma dupla ironia. Se, por um lado, as mulheres não precisam dos homens para se reproduzirem, por outro, a humanidade deixou de necessitar do homem e da mulher, uma vez que a preservação da espécie pode ser assegurada de forma artificial, sem a reprodução tradicional, assumindo, ainda, que esta reprodução artificial poderá, ou não, manter as características que definem o *homo sapiens*, como conhecido atualmente.

Tendo em conta que a civilização ocidental é em grande medida herdeira da cultura greco-romana e que foi posteriormente envolvida por um cristianismo (ou outras religiões) “castrador”, seria importante verificar como se comportavam os “verdadeiros” gregos no que a esta questão concerne. Seguindo como base o ensaio de Paulo Alexandre e Castro (2019), sabe-se que na Grécia antiga as

² Como se verá adiante, a perspetiva que orienta a ficção narrativa de Ian McEwan é inteiramente distinta desta.

relações entre pessoas estavam socialmente “bem” estabelecidas: casavam para manterem as suas posses ao longo das gerações nas mesmas famílias; os homens encontravam-se com outros homens nos balneários; as mulheres, por outro lado, só podiam conviver, em relações íntimas, com outras mulheres e, por fim, o pagamento de sexo por parte dos homens a mulheres que viviam desse trabalho era socialmente aceitável e promovido.

E hoje?! Como se poderia transpor esta ideia grega, da qual herdamos a civilização, para uma sociedade em que a reprodução pode ser artificial?

O ensaio de Donna Haraway, como a autora sublinha, “é um esforço para construir um mito político irónico, fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo”³. A ironia está relacionada com determinadas contradições, coisas que parecem incompatíveis, mas que são necessárias, realidades colocadas pela autora lado a lado. Por exemplo, usar o humor e realidades sérias por contraposição à blasfémia. A pensadora pretende que a ironia seja mais respeitada dentro do socialismo-feminismo: “A ironia é uma estratégia retórica e um método político”. A ligação de Haraway com o mundo “ciborguiano” foi estabelecida desta forma: “No centro da minha fé irónica, da minha blasfémia, está a imagem de um ciborgue.” (Haraway, 1991, p. 149).

Sendo o ciborgue um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social, uma criatura de ficção, fica, assim estabelecida, e de uma forma resumida, a relação entre a ficção (literária) e a realidade social que a autora quer abordar, a fronteira entre a ficção científica e a sociedade, “uma ilusão de ótica”.

Foi no plano de estabelecimento deste quadro teórico que a escolha das obras a estudar se baseou.

The Handmaid's Tale de Margaret Atwood apresenta de forma distópica um conceito sobre a sociedade, metamorfoseando-a no futuro através de uma revolução fundamentalista. A história narra a vida de uma mulher, uma serva, que, graças à sua capacidade fértil, é obrigada a conceber filhos para as elites estéreis. Os descendentes devem ter as marcas genéticas do comandante e serão assumidos pela sua mulher como seus. A revolução foi promovida por radicais religiosos de direita que impuseram

³ Nesta dissertação, optou-se por uma tradução do ensaio de Donna Haraway, baseada na tradução em português do Brasil realizada por Tomaz Tadeu (Haraway, Kunzru, Tadeu, 2000).

um regime policial com um duplo objetivo: fazer cumprir as normas definidas e aplicar castigos a quem não as executa (o exílio em colónias poluídas, onde a vida é muito breve).

Importa realçar duas ideias que subjazem a uma leitura possível da obra:

Em primeiro lugar, a diegese sustenta-se numa revolução teocrática promovida por religiosos, constituindo desta forma um retrocesso temporal até à época em que um sistema religioso impunha (como ainda hoje acontece) a conduta moral apropriada e subjuga os crentes, particularmente as mulheres.

Em segundo lugar, o grupo religioso que promove a revolução pertence a uma orientação política de direita (extrema-direita), por oposição ao feminismo, com origem na esquerda política.

É minha opinião que tal recuo no tempo representa um retrocesso civilizacional, sugerindo que se vive em dois mundos totalmente opostos: um mundo antigo, repressivo e machista, e um mundo moderno somente vivido por alguns, os que têm o poder e que, aparentemente, se servem dos meios que a sociedade atual possui.

Recuperam-se na obra princípios ultraconservadores que afetam as relações humanas, o papel da mulher na sociedade, a função meramente reprodutora que lhe é imputada, a interdição de formação (veja-se que uma das práticas mais cultivadas é a queima de livros), a obediência a outras mulheres – as Tias – numa sociedade fortemente hierarquizada também no feminino (como simbolicamente se traduz no cromatismo da indumentária em função do grupo a que a mulher pertence) – e aos homens, a perda de autonomia (as criadas saem à rua aos pares, logo, em espírito de vigilância mútua, e fazem-no apenas em duas circunstâncias: para executarem uma lista de compras ou para visualizarem o destino daqueles que se revoltaram contra o sistema teocrático).

É nesta amálgama de períodos da civilização ocidental que se move uma mulher a quem só é permitido viver porque pode procriar, porque pode manter a espécie! A que preço? Será verosímil? Não precisa de o ser para nos obrigar a pensar sobre o futuro que não será forçosamente inverosímil, uma época em que se poderão, de facto, acentuar as diferenças entre os géneros. Um futuro onde ser feminista, nas suas várias categorias, não fará sentido. Talvez este livro seja uma crítica ao feminismo, como alegado por Allana Callaway (2008) na sua dissertação. Sugere, ao mesmo tempo, um universo distópico, porque simultaneamente verosímil e inverosímil, irreconhecível no presente, mas dotado de traços que o presente pode antecipar ou reconhecer.

The Testaments, também da autoria de Margaret Atwood, publicados muito recentemente, apresentam os depoimentos de três mulheres cuja vida é completamente interdependente de Gilead e da sua teocracia. Esta seqüela conta a história de Gilead quinze anos depois de Offred (a serva do primeiro romance) ter entrado no desconhecido. Estes três testemunhos narram a própria perspectiva da história de Gilead. Uma Tia que se move nos meandros do poder desta ditadura e que conspira para a combater; uma rapariga que vive fora de Gilead e que só conhece esse país pela televisão, mas que, sem o saber, a ele está fortemente ligada; e uma rapariga que vive na normalidade de um regime teocrático porque foi aí que nasceu. No fim, todas estas vidas convergem num único ponto com resultados revolucionários que podem conduzir ao fim deste regime.

Em *Machines Like Me*, de Ian McEwan, a compra de um robô, num futuro (ou presente) indefinido, por um homem que se viu repentinamente com alguma capacidade aquisitiva e, aparentemente, sem perspectivas de um porvir que o satisfizesse, é o ponto de partida para uma história onde sentimentos humanos se misturam com as capacidades de uma máquina "ciborguiana". É no confronto das necessidades materiais e afetivas entre os três intervenientes da narrativa que se desenvolve o processo de aprendizagem do robô que o conduz a um ponto de não retorno. A percepção de um fim próximo, quer pela observação de outros robôs, que encontra como por acaso, quer pelo sentimento de perda da afeição pela mulher amada, que considerava um dado adquirido, conduziu-o pelos caminhos da vingança e de um suicídio "indireto". Será uma máquina capaz de sentir como nós? É esta a pergunta que fica, entretanto, por responder. Num futuro, talvez!... Por enquanto, limitamo-nos à "orgia ciborguiana", como referida por Donna Haraway.

Este trabalho tem como propósito principal colocar em evidência marcas distópicas da literatura contemporânea num diálogo entre ciência e um futuro ficcional.

Para concretizar este objetivo, no primeiro capítulo analisa-se em detalhe o ensaio de Donna Haraway; no segundo capítulo abordam-se as narrativas de Margaret Atwood *The Handmaid's Tale* e *The Testaments*; no terceiro capítulo trata-se o romance de Ian McEwan *Machines Like Me*, e, finalmente, serão apresentadas as conclusões.

1. O MUNDO DOS CIBORGUES

1.1. Utopia e Distopia na Literatura

A criação de obras literárias distópicas pode constituir, e constitui muitas vezes, uma forma de um escritor projetar no futuro as suas ideias sobre o presente, fazendo uso das ferramentas científicas e tecnológicas existentes, a caminho de serem inventadas ou “criadas” pela imaginação literária. Simultaneamente, sendo o Homem na sua essência um ser social, as ferramentas tecnológicas inovadoras, que interferem com as sociedades, desempenham, neste contexto, um papel muito importante. Assim, as tecnologias da informação, viajando pelo planeta à velocidade da luz, reduzindo o espaço-tempo, ou seja, o tamanho do planeta, a quase nada, não podem ser ignoradas (Virilio, 2000), tanto mais que as pessoas que nos estão mais próximas, aquelas com quem contactamos e temos mais afinidade, poderão estar, na verdade, do outro lado do planeta. Assim, talvez não seja necessário, no futuro, conviver com pessoas da nossa cidade para que se possa dizer que vivemos em sociedade, neste caso uma sociedade virtual. Com isto só se pretende dizer que uma sociedade utópica, ou distópica, não pode ignorar estas realidades.

A palavra utopia foi introduzida por Thomas More há quinhentos anos (em 1516), numa narrativa de viagens com o mesmo título, *Utopia*, o que, considerando a origem etimológica da palavra, quererá dizer: uma viagem a lugar nenhum, a um lugar que não existe. Este é um conceito que apareceu muito antes, na *República* de Platão, como Thomas More chamou a atenção ao colocar no início da sua edição de *Utopia* o texto do filósofo grego que se refere a este conceito e do qual se reproduzem aqui os dois primeiros versos: “Noplacia (utopia) foi uma vez o meu nome, / Ou seja, um lugar onde ninguém vai. / (...)” (Layh, 2006, p. 42).

A palavra utopia tem sofrido ao longo do tempo algumas mudanças no seu significado e na sua aplicação, tendo sido usada por autores e investigadores, de acordo com as diferentes conveniências, em diversas áreas de estudo, por vezes conflituantes. Ao mesmo tempo que significa um lugar maravilhoso, representa, também, um género literário (Vieira, 2010, p. 4).

O número de livros publicados abordando o tema da utopia/distopia é muito grande, tal como o período em que foram criados, desde os antigos gregos até aos nossos dias. Utopia pode significar quer o “bom lugar” quer “lugar nenhum”, mas em muitas destas obras, principalmente nas distópicas, será o mau lugar que se pode encontrar em todo o lado, significando que o ideal utópico de progresso moderno é, normalmente, refreado pelo desencanto que resulta de um crescimento e desenvolvimento

sem limites de um certo capitalismo, mas também de ditaduras, principalmente as de carácter marxista (Claeys, 2010). Assim, muito ligado ao prefixo u (negativo) está, também, associado implicitamente o prefixo eu (positivo), ou seja, utopia pode significar eutopia, o lugar feliz, o bom lugar (More, 1995; Vieira, 2010). Com utopia poder-se-á querer, assim, promover o movimento do “possível” na direção do que se pensa seja o positivo ou bom, eventualmente, no sentido da liberdade.

Ao longo deste seu trajeto, a palavra utopia foi sendo complementada, o que de certa forma restringiu a sua significação inicial, como por exemplo a palavra eutopia, criadora de um impasse com utopia que persiste até hoje (Vieira, 2010). Na realidade, e na maior parte das narrativas referidas, é criada uma sociedade “não-utópica”, designada por distopia, que possui uma ou mais características que a tornam suscetível de ser “desagregada”, acabando os membros dessa sociedade por desistirem de lutar para a manter (o mesmo acontecendo com o leitor), dado que essa sociedade representa, dessa forma, uma (não) utopia da sociedade que se considera como ideal, mas que não poderá ser implementada, apesar de ser permitida sempre mais uma tentativa nesse sentido.

O estudo da utopia permite questionar e colocar em confronto o progresso e a regressão do desenvolvimento das sociedades, sendo que, na maior parte dos casos, aquilo que é considerado como progresso ideal, e de certa forma utópico, poderá ser travado pelo desencanto proporcionado pela forma como o desenvolvimento e o crescimento são aplicados na prática diária. No tempo atual, até se poderá dizer que estamos perante o fim da utopia (questão que tem interessado, entre muitos outros, Zygmunt Bauman), uma vez que caímos numa forma de capitalismo “quase” selvagem, num individualismo proporcionado pelas tecnologias da informação e num controlo absoluto por parte das empresas multinacionais que fazem tudo em nome do lucro e do controlo. Vivemos, na verdade, num capitalismo global que, servindo-se das tecnologias, consegue chegar a cada indivíduo, prostrado em frente de um ecrã, sem necessitar de intermediários. Os políticos, e os seus partidos, que até certo ponto atuam como uma religião, perderam os seus “ouvintes” nos canais tradicionais, e, agora, mesmo sendo contra o capitalismo (e principalmente estes), usam as “armas” das teletecnologias para chegar ao “sofá” onde se senta um potencial “colete-amarelo”, que o veste e despe a uma velocidade estonteante. São, assim, necessários, vários “Tweets” diários, informativos e contrainformativos, para manter quem vive da “necessidade” do voto ou do dinheiro das pessoas, com o nariz fora de água, a respirar como que ligado a máquinas. Estas características são apanágio das sociedades pós-modernas, voláteis ou líquidas, que vivem de momentos efémeros (Bauman, 2001).

Thomas More apresenta, inicialmente, a ideia de utopia como contraponto com as sociedades desse tempo, as quais assentavam na valorização do dinheiro e da riqueza, na corrupção, na individualidade e na existência de um rei absoluto que tem sempre razão e que tudo controla. Sociedades caracterizadas pela administração das situações de modo mais conveniente, mesmo que não fossem as ideais; onde a política era controlada de uma forma indireta e sutil, às escondidas do povo, uma ideia que não representa uma sociedade utópica (cf. More, 1995, pp. 104-107).

Note-se a semelhança entre as duas situações; os reis absolutos, de há quinhentos anos, foram substituídos pelas multinacionais, que dominam as teletecnologias. Não será assim? Analisando mais profundamente, poder-se-ão encontrar algumas diferenças, um domínio local promovido por um rosto conhecido foi substituído por um domínio global operado por rostos desconhecidos. Surge, então, uma questão: serão os países que controlam as empresas ou é o contrário? Se forem as empresas a controlarem, dado que são multinacionais, o território deixa de existir, ou de fazer sentido, e, assim, simultaneamente com a redução do espaço do planeta a um mundo global, a informação circula instantaneamente à velocidade da luz, significando que o espaço-tempo é quase eliminado. É como se pudéssemos (ou a informação pudesse) estar em todo o lado no mesmo instante (Virilio, 2000).

Thomas More criou uma sociedade ideal a partir das estruturas sociais existentes na sua época, mas eliminando todas as convenções históricas e sociais, começando do nada.

No entanto, é relevante ter em conta as características dessa sociedade utópica que tornam a sua implementação, numa sociedade de Homens, difícil ou mesmo impossível. A capital da ilha da Utopia é Amaurota, a cidade sem habitantes, localizada junto ao rio Anhydria, que não tem água, e habitado pelos Alaopolitas, os que não têm cidade. Ou seja, Thomas More, sabendo-o, criou algo impossível.

Na distopia criada por Aldous Huxley em 1932, *Admirável Mundo Novo*, os cidadãos, através de meios químicos e de lavagem cerebral, foram colocados ao serviço das instituições que controlam tudo e todos. É um conflito permanente entre o desejo humano de estabilidade, a paixão e a aspiração individuais. Na sociedade criada foram eliminados a doença, a pobreza, o envelhecimento e todas as preocupações, tal como sempre desejado pela humanidade. Simultaneamente, tudo o que era humano foi erradicado: a paixão, o desespero, a história, a literatura, a religião, a democracia, a família e o amor. Neste livro foram expostas as características de um estado mundial despótico e desumano, particularmente os desenvolvimentos tecnológicos e científicos que permitem controlar a geração de novos elementos para a sociedade, *i.e.*, a eugenia.

O último romance de Aldous Huxley, publicado em 1962, *A Ilha*, é também uma utopia em harmonia com *Admirável Mundo Novo*. Nesta narrativa, Pala é uma ilha que floresce baseada numa sociedade ideal alicerçada em ideias que provêm do budismo e do hinduísmo. Para Huxley este tipo de comunidades pacíficas está condenado à extinção devido à ganância e avidez dos homens. Uma ilha é, por natureza, um universo utópico. Como afirmam Chevalier e Gheerbrant (1994, p. 374), “A ilha é um mundo em pequeno formato, uma imagem do cosmos, completa e perfeita, porque ela representa um valor sagrado concentrado”.

Em 1964, George Orwell, um discípulo de Huxley, publicou uma obra distópica intitulada *1984*. Esta narrativa introduziu na linguagem corrente um conceito bem conhecido: “Big Brother”. De facto, neste romance, quem governa (o Partido) controla tudo através de meios eletrónicos; enviando informação através dos tele-ecrãs, faz lavagem cerebral aos trabalhadores e, quando necessário, e no sentido de desmoralizar o trabalhador, o seu passado é alterado. Isto é realizado através da modificação dos documentos por um especialista chamado Winston Smith. A rotina modificou-se a partir do momento em que um “amigo” lhes emprestou, a ele e à namorada, um livro revolucionário. A felicidade só poderia ser coletiva e resultava da capacidade de vigilância e da ignorância da população. A manipulação dos pensamentos de Winston é realizada através de uma metódica tortura, que, ao longo de meses, altera os seus estados de consciência, terminando por substituir o ódio que expressa ao “Grande Irmão” por uma declaração de sentido oposto. Orwell coloca o leitor, portanto, diante da possibilidade de existência de uma sociedade onde reinam a manipulação, a suspeição, a denúncia (designadamente a de pais pelos próprios filhos) e a completa ausência de privacidade, num sistema em que tudo é controlado e todos os cidadãos se controlam.

A literatura é um meio privilegiado de conhecimento acerca da experiência subjetiva vivenciada pelos seres humanos. Kafka e Proust, entre outros, no início do século XX, fizeram da escrita uma forma de compreensão do mundo, mostrando nas suas narrativas como as novas forças sociopolíticas poderiam modificar a vida quotidiana das pessoas. As narrativas distópicas podem, também, ser entendidas desta forma, ou seja, como os desenvolvimentos tecnológicos podem mudar a vida das pessoas. Constituem uma forma de aviso, chamando a atenção para as relações que se estabelecem entre a percepção dos humanos, *i.e.*, a sua subjetividade, a sociedade, a cultura e o poder.

Assim, a utopia nasceu no século XVI, enquanto a distopia tem a sua origem no século XX. A primeira procura olhar para o mundo em liberdade através da implementação de novas ideias, a segunda intenta mostrar de uma forma assertiva como novas ideias (modernas) podem coartar essa mesma

liberdade. Neste caso, as novas ideias, aparentemente libertadoras, podem conduzir à perda de liberdade, sendo necessário chamar a atenção sobre essa ação de forma hiperbólica, uma vez que a sociedade fica anestesiada com a aparente vantagem destes novos desenvolvimentos. Na prática, os indivíduos que deviam lutar contra o poder que os coarctam acabam por ser o seu apoio. As distopias baseiam-se muito neste conceito, podendo, por consequência, ser definidas como uma crítica que enfrenta a modernidade e os desenvolvimentos técnico-científicos.

Serve esta secção para contextualizar a análise das obras distópicas consideradas. Será, todavia, importante antecipar a ideia de que as tecnologias não são “más”; o que pode ser negativo – e muitas vezes tal acontece – é o modo como são utilizadas.

1.2. Manifesto a Favor dos Ciborgues

Tendo em conta a riqueza textual e as subtilezas conceptuais deste ensaio (Haraway, 1991), optou-se por fazer um resumo detalhado por forma a não se perderem os pormenores mais importantes e mantendo-se a profundidade de análise, mas tendo sempre como objetivo último a contribuição para o exame literário das narrativas escolhidas e a possibilidade da leitura dos romances à luz das considerações da bióloga, professora e escritora norte-americana.

O ensaio de Donna Haraway está dividido em seis secções: i) um sonho irónico de uma linguagem comum para as mulheres no circuito integrado (Haraway, 1991, p. 149); ii) identidades fraturadas (*idem*, p. 155); iii) a informática da dominação (*idem*, p. 161); iv) a “economia do trabalho caseiro” fora de “casa” (*idem*, p. 166); v) as mulheres no circuito integrado (*idem*, p. 170) e vi) ciborgues: um mito de identificação política (*idem*, p. 173).

i) Um sonho irónico de uma linguagem comum para as mulheres no circuito integrado

Inicialmente, Donna Haraway estabelece a relação do ciborgue com o feminismo, começando por explicitar claramente o objetivo do seu trabalho: “O objetivo deste ensaio é um esforço para construir um mito político irónico fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo.” (Haraway, 1991, p. 149)⁴.

⁴ O ensaio de Donna Haraway foi publicado pela primeira vez em 1985, como indicado na referência citada.

A autora questiona-se se será este mito – o mito dos ciborgues – mais fiel ao feminismo que a blasfêmia. Não é apostasia, pois não pretende abandonar a luta pelo feminismo; procura, somente, encontrar um caminho diferente, um caminho que não esbarre no futuro, nas ideias do futuro, na sociedade que se está constantemente a modificar e a (re)formar. A ironia que refere está relacionada com contradições, com colocar lado a lado conceitos que parecem incompatíveis porque todos são necessários, *e.g.*, humor e seriedade por contraposição à blasfêmia. A autora quer que a ironia seja mais respeitada dentro do socialismo-feminismo, até porque: “A ironia é uma estratégia retórica e um método político.” (*ibidem*). Será importante notar que o ensaio foi escrito em 1985 nos EUA, há muito tempo, mas numa sociedade sob o ponto de vista social e político mais “avançada” que a nossa – em Portugal.

Donna Haraway apresenta assim o mito que pretende mostrar: “No centro da minha fé irónica, da minha blasfêmia, está a imagem de um ciborgue.” (*ibidem*). Ciborgue tem uma múltipla conotação: um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e uma criatura de ficção. Se, por um lado, o ciborgue é apresentado como uma realidade física, por outro, constitui, também, uma realidade social trazida até nós pela ficção: “Realidade social são relações sociais vividas, a nossa mais importante construção política, uma ficção que muda o mundo.” (*ibidem*).

O feminismo, o movimento feminista, constitui-se como um objetivo crucial para uma organização coletiva libertadora das mulheres, para “construir a experiência das mulheres” (*ibidem*), colocando a “descoberto” um dos problemas da sociedade. Esta libertação resultou da tomada de consciência e da apreensão imaginativa da opressão e, desta forma, da sua possibilidade, uma hipótese real de libertação. O ciborgue é, assim, um objeto da ficção, tornando-se, através dessa ficção, numa experiência vivida, aquela experiência que muda, a que conta como “experiência vivida” no fim do século XX, a experiência feminina de luta ou de morte. Simultaneamente, o ciborgue está na fronteira entre a ficção científica e a realidade social, uma fronteira que é “uma ilusão de ótica”. Na verdade, Haraway defende que a ficção científica contemporânea está cheia de ciborgues (simultaneamente animais e máquinas), os quais estão presentes no mundo de uma forma ambígua, uma forma natural e mística.

A medicina moderna também está repleta de ciborgues, concebidos como dispositivos codificados, numa intimidade e com um poder que não foi gerado na história da sexualidade. O “sexo-ciborgue” só tem paralelo em alguns organismos assexuados, *e.g.*, as samambaias e os invertebrados. Ou seja, é como um voltar atrás; a natureza, através da evolução genética, fez evoluir os seres

assexuados para seres sexuados, mas agora, o homem está a eliminar a reprodução sexuada, uma vez que a “replicação” dos ciborgues está desvinculada da reprodução orgânica (*idem*, p.150).

A guerra moderna, baseada no comando-controlo-comunicação-inteligência, é uma “orgia ciborguiana”, um mapeamento ficcional que constitui, de facto, a nossa realidade social e corpórea. Assim, no fim do século XX, somos todos ciborgues: “Uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material. (...) Este capítulo é um argumento a favor da confusão de fronteiras (...) na tradição utópica de se imaginar um mundo sem género, que será talvez um mundo sem génese, mas, também, um mundo sem fim.” (*ibidem*).

O ciborgue apresenta-se como uma criatura de um mundo pós-género, sem que seja necessário que se responsabilize por questões como a bissexualidade, a simbiose pré-edipiana, o trabalho alienado e outras questões relacionadas com uma totalidade orgânica, a que resulta, ou pode ser realizada, com a junção da força das várias partes numa unidade maior. Ou seja, nesta sociedade (a ciborguiana) todas estas características se tornam obsoletas, no sentido em que já não importam para a sociedade, uma vez que todos somos ciborgues, *i.e.*, seres sem género e sem necessidade de reprodução. Qual será, assim, a origem do ciborgue? Donna Haraway apresenta-a desta forma:

Em determinado sentido, o ciborgue não tem origem em alguma história (de ficção) de sentido ocidental, constituindo isto uma ironia ‘final’ dado que o ciborgue é, também, o *telos* apocalíptico da escalada de domínio ocidental da individualização/subjectivação abstrata, uma individualidade última, liberta de todas as dependências, o homem no espaço. (*ibidem*).

Donna Haraway aplica a expressão “orgia ciborguiana” à guerra, mas no contexto atual também se pode utilizar em tudo o resto, uma vez que todos somos um organismo que amplia as suas capacidades com máquinas, estamos ligados a todos e a tudo (a todas as máquinas) através da fibra ótica e dos satélites com dispositivos eletrónicos que estão no bolso ou mesmo dentro de nós. Todos vivemos à velocidade da luz num tempo medido às frações de segundo, constituindo isto uma poluição “dromosférica”, a redução do tempo a nada e do espaço a imagens bidimensionais plasmadas num ecrã (Virilio, 2000) Ou seja, o facto de sermos ciborgues implica que também sejamos organismos poluídos.

A “história original”, onde predominava o mito da unidade primordial (identificada com a natureza no sentido ocidental), fundamentado na exultação e no terror, é representada pela mãe fálica – da qual os humanos se devem separar – e caracterizada pelo desenvolvimento individual histórico,

pela psicanálise e pelo marxismo. O ciborgue omite a etapa da unidade original: “Esta é a promessa ilegítima do ciborgue que pode levar à subversão da teleologia que o define como guerra das estrelas.” (Haraway, 1991, p. 151). O ciborgue é oposicionista, utópico e não é inocente (sabe o que faz), não depende da diferença entre público e privado, mas está comprometido com a parcialidade, a ironia, a intimidade e a perversidade. Com o ciborgue, a natureza e a cultura são remodeladas, sem que alguma delas se possa sobrepor à outra.

No mundo ciborguiano, as relações que permitem construir a unidade a partir das partes são postas em causa, *e.g.*, o monstro de Frankenstein precisava de uma parceira para se salvar, enquanto o ciborgue não precisa deste modelo de família: “Talvez seja por isto que quero ver se os ciborgues podem subverter o apocalipse do retornar ao pó nuclear, caracterizado por uma compulsão maníaca para encontrar um inimigo.” (*ibidem*). Os ciborgues são reverentes, não preservam memória do cosmos nem ponderam reorganizá-lo, suspeitam de qualquer holismo, anseiam por conexão e parecem ter uma propensão natural para uma política de frente unida, mas sem o partido (político) de vanguarda. Mas, por outro lado, constituem-se como os filhos ilegítimos do militarismo, do capitalismo e, também, do socialismo de estado, sendo, por estas razões, desleais com as suas origens, uma vez que os seus pais são descartáveis.

As quebras de fronteira referidas por Donna Haraway são entre: i) o humano e o animal, ii) o animal-humano e a máquina e, muito relacionada com a anterior, iii) o físico e o não físico. No primeiro caso, as últimas características/fronteiras que identificam/identificavam a singularidade humana desapareceram: são os casos da linguagem, do uso de instrumentos, do comportamento social e dos eventos mentais. Tal significa que estas características não são exclusivas do *homo sapiens*, existindo muitos seres humanos que não sentem/precisam desta separação para viverem. Este tipo de comportamento pode encontrar-se em alguns movimentos sociais: “Os movimentos em favor dos animais não constituem negações irracionais da singularidade humana, mas sim o reconhecimento das conexões que contribuem para diminuir a distância entre a natureza e a cultura.” (*idem*, p. 152).

Na verdade, com os avanços científicos da biologia baseados na teoria da evolução, podem hoje ser criados organismos “modernos” resultantes desse conhecimento, o que reduz a separação/distinção entre os humanos e os animais, a ciência da vida e as ciências sociais. Neste sentido, numa moderna conceção da sociedade, a ideia “religiosa” da Criação, pode constituir uma grave ofensa criminosa: “Neste ambiente, o ensino do moderno criacionismo cristão deve ser combatido como uma forma de abuso sexual contra crianças.” (*ibidem*). Significa isto que, e colocando lado a lado a ciência e a política,

estes argumentos em favor da animalidade humana, a ideologia biológico-determinística e as ideologias políticas, transformam o ciborgue (ligação entre homens e animais) num mito onde a fronteira entre o humano e o animal é transposta e “A animalidade adquire um novo significado nesse ciclo de taxa matrimonial.” (*idem*, p. 151).

É de referir aqui o facto, para complementar a ideia de Haraway, que na maior parte dos casos a inteligência artificial se baseia na mimetização de processos orgânicos e na evolução natural, *e.g.*, redes neuronais e os algoritmos genéticos, por um lado, mas, também, no comportamento animal, *e.g.*, formigas, pássaros, peixes, etc., por outro.

Na segunda quebra de fronteira, animal-humano *versus* máquina, será importante fazer a contraposição entre o passado e o presente. Anteriormente, as máquinas eram olhadas como possuindo um “espírito”, como uma “história”, não tinham movimento próprio, não se autoconstruíam nem eram seres autónomos, uma vez que dependiam sempre do homem, “As máquinas não eram o homem (...) mas uma caricatura do sonho masculino” (*idem*, p. 152). Representavam, desta forma, um dualismo entre a máquina e o espírito, *i.e.*, o materialismo e o idealismo.

No fim do século XX este paradigma mudou, a diferença entre o animal-humano e a máquina tornou-se, de certa forma, ambígua, apresentando-se agora o dualismo entre o natural e o artificial, entre a mente e o corpo, entre a autocriação e o criado externamente. As máquinas comportam-se como seres vivos e os humanos como seres “assustadoramente inertes”: “Em suma, a certeza daquilo que conta como natureza – uma fonte de discernimento e uma promessa de inocência – é abalada, provavelmente de forma fatal.” (*idem*, pp. 152-153).

Perde-se, assim, a ontologia que fundamenta a epistemologia ocidental. O ser onde se alicerça o conhecimento é, agora, o ciborgue. Como alternativa, não se deve ser cínico ou perder a fé, *i.e.*, substituir o homem pela máquina ou a ação política pelo “texto”. O que se torna, de facto, importante, é saber da existência dos ciborgues, como aqui apresentados – uma questão radical – e saber que reagir é uma questão de sobrevivência. Ou seja, não nos podemos limitar a usar as nossas extensões ciborguianas e deixá-las tomarem conta da nossa vida, devemos atuar e continuar a controlá-las. Veja-se o exemplo de *Machines Like Me* onde os humanos reagiram tarde às ações independentes do ciborgue. Mas será importante perceber, também, que apesar de hoje ainda não existir este tipo de ciborgues, com aparência humana e independentes, a tecnologia atual já toma conta das nossas ações e da nossa vida. Se os “chimpanzés” e os “artefactos” têm uma política, nós também teremos de a ter (*idem*, p. 153).

A fratura da fronteira entre o físico e o não físico pode ser vista como subconjunto da anterior. Os livros (antigos) de física centralizam o seu conteúdo nas consequências da teoria quântica e no princípio da indeterminação, errando na sua interpretação do mundo, mas acertando no problema. A miniaturização eletrônica presente em todas as máquinas modernas – as quais estão em toda a parte – transformou-as num “deus irreverente”, máquinas munidas de ubiquidade e de espiritualidade. Como que vivem num mundo à parte, controlando o nosso, sendo somente perturbadas pelo movimento dos átomos nos chips de silício e nas fibras óticas, com a informação a correr à velocidade da luz nos seus circuitos e através do ar, reduzindo o planeta a nada através dos satélites que nos “observam” a uma distância razoável. Esta miniaturização alterou a percepção sobre a escrita, o poder e a tecnologia, objeto das narrativas de origem da civilização típicas do ocidente. Estas novas (e melhores) máquinas, portáteis e móveis, leves e limpas, baseiam o seu funcionamento no transporte de informação através de raios de luz, o suporte dos sinais eletromagnéticos numa determinada secção do espectro da luz: “As pessoas estão longe de ser assim, tão fluídas, uma vez que são, ao mesmo tempo, materiais opacos. Os ciborgues são éter, quintaessência.” (*ibidem*)

Os ciborgues, ubíquos e invisíveis, são ao mesmo tempo difíceis de observar material e politicamente, movem-se nas estradas, tomam conta de tudo, executam uma marcha que só pode ser interrompida por quem seja capaz de conhecer e interpretar corretamente estas redes ciborguianas. “Em última instância, a ciência ‘mais pura’ tem a ver com o domínio da maior confusão de fronteiras (...) a criptografia e a manutenção de poderosos segredos.” (*ibidem*).

Fazendo um resumo desta primeira parte, pode dizer-se que Donna Haraway relaciona o ciborgue com a transgressão de fronteiras e com o trabalho político: “Assim, o meu mito do ciborgue significa a transgressão de fronteiras, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político.” (*idem*, p. 154). Ou seja, é preciso compreender o mito ciborguiano apresentado desta forma para ser possível, a partir deste conhecimento, definir as linhas do trabalho político requerido para combater os malefícios dos ciborgues.

A definição deste mito do ciborgue assentou em algumas premissas fundamentais para a sua compreensão. Os socialistas e as mulheres feministas apresentam uma série de dualismos nas suas formações simbólicas, nas práticas sociais e nos artefactos físicos: mente e corpo, animal e máquina idealismo e materialismo, apelando, por isso, a um corpo orgânico que seja capaz de organizar a nossa resistência à proliferação dos ciborgues. Sendo, assim, e como segunda premissa, torna-se premente a

promoção de unidade entre as pessoas para combater esta dominação ciborguiana, mas através de uma perversa alteração de perspectiva. Numa primeira perspectiva, o mundo dos ciborgues exerce um controlo sobre o planeta, o que significa a tomada do corpo das mulheres numa orgia guerreira masculina. Numa segunda perspectiva, o mundo dos ciborgues é composto por realidades sociais e corporais vividas, as quais não temem as afinidades entre pessoas e máquinas nem as identidades parciais e posições contraditórias referidas. Teremos assim, uma luta política com uma visão dupla, incorporando estas duas perspectivas, a dominação e as possibilidades: “As unidades ciborguianas são monstruosas e ilegítimas: nas nossas circunstâncias políticas presentes, dificilmente podemos esperar mitos mais potentes de resistência e reacoplamento.” (*idem*, p. 154).

ii) Identidades fraturadas

Existe uma dificuldade muito grande em caracterizar “este” feminismo usando uma única palavra, um único adjetivo. Foi reconhecido, após trabalho árduo de lutas e conquistas, que as questões de género, de raça e de classe resultaram somente de uma construção social e histórica: “Não existe nada no facto de ser ‘mulher’ que naturalmente una as mulheres. (...) Trata-se, ela própria, de uma categoria muito complexa, construída por meio de discursos científicos sexuais e de outras práticas sociais questionáveis.” (*idem*, p. 155). Ou seja, trata-se de conquistas impostas pelas experiências contraditórias do capitalismo, do colonialismo e do patriarcado. As questões de classes resultaram do capitalismo, as de raça do colonialismo e as de género do patriarcado.

Qual é, então, a identidade das mulheres? Existe um fracionamento entre as feministas acerca deste conceito: “ser mulher”. É um conceito muito volátil, o que constitui, muitas vezes, uma justificação para a “matriz de dominações” exercida pelas próprias mulheres sobre as outras. Talvez a resposta esteja em considerar as afinidades (entre as mulheres) em vez de tentar definir a sua identidade: “A categoria ‘mulher’ nega todas as mulheres não brancas, a categoria ‘negro’ nega todas as pessoas não negras, bem como todas as mulheres negras.” (*idem*, p. 156). Desta forma, as diferentes categorias do feminismo, radical, liberal e socialista-feminista, dominam através de epistemologias que “policiam” os desvios em relação à sua própria identidade, o que, na prática, faz com que todas as outras tenham de ser incorporadas nestas sob pena de serem marginalizadas.

É neste contexto de aprendizagem/conhecimento do que é ser mulher (uma epistemologia ontológica) que se procura despertar a afinidade entre as mulheres, através de rituais de poesia, de música e de certas formas de prática académica: “Aprender como forjar uma unidade política-poética

que não reproduza uma lógica da apropriação, da incorporação e da identificação taxonômica – esta é a contribuição de King e Sandoval.” (*idem*, p. 157). Coloca-se, desta forma, uma questão: existirá alguma forma, epistemológica em sentido ocidental, que possa contribuir para a construção de afinidades efetivas?

A autora procura demonstrar a falência do feminismo e levantar questões relacionadas com o modo como se poderá construir uma epistemologia identitária (ontológica) para as mulheres, um mito político para o feminismo socialista. Este mito deverá ser baseado em construções parciais, contraditórias e permanentemente inclusivas, *i.e.*, abertas a pessoas individuais e coletivas.

Tendo em conta o objetivo definido no início do texto e as construções referidas, a questão que se coloca é a seguinte: que tipo de política poderia ser edificada de forma a ser fiel, eficaz e, ironicamente, feminista-socialista? Uma política que tenha em conta o conhecimento adquirido no que diz respeito à prática das dominações referidas, de raça, género, sexualidade e classe: “As feministas-ciborgue têm de argumentar que ‘nós’ não queremos mais nenhuma matriz identitária natural e que nenhuma construção o é na totalidade.” (*ibidem*). Ao colocar nesta frase a palavra “ciborgue”, Haraway procura eliminar uma “matriz natural”, *i.e.*, tenta dizer que a realidade das mulheres (e, também, a de todas as outras dominações) é uma construção social e política, tal como o são os ciborgues, neste caso uma construção da engenharia e da ciência. Este, o feminismo-ciborgue, constitui um novo paradigma, uma vez que: “A inocência, bem como a consequente insistência na condição de vítima como única base para a compreensão e a análise, já causou estragos suficientes.” (*ibidem*).

O capitalismo é caracterizado pelo trabalho assalariado onde o trabalhador é alienado no sentido em que está separado do produto, ou seja, o trabalho é uma abstração, conceito bem descrito no *Manifesto Contra o Trabalho* (Grupo Krisisi, 2017). Assim, esta abstração, conjuntamente com a ilusão, dirige o conhecimento, mas, por outro lado, em questões de aplicação prática quem dirige é a dominação. O trabalho permite ao marxista superar a ilusão e encontrar o ponto de vista que lhe permita mudar o mundo.

Poder-se-á ainda acrescentar que o trabalho permite justificar e explicar a “emancipação” das mulheres (ou a sua condição). Trabalhar em casa e fora de casa implica que sejam “humanas” como todos os outros (homens). Este conceito pode ser aplicado ao resto das dominações, as de raça e de classe. Ou seja, “A unidade das mulheres, aqui, assenta numa epistemologia baseada na estrutura ontológica do trabalho.” (*idem*, p. 158).

Nesta secção, a autora procura fazer uma revisão de outras visões sobre o feminismo para dizer que o que existe não serve; daí a necessidade de “criação” do mito ciborguiano.

Neste sentido: “Para o feminismo marxista/socialista, a consciência é uma conquista e não um facto natural.” (*idem*, p. 159). O marxismo socialista estrutura-se socialmente em classes, as classes trabalhadoras. O feminismo radical é baseado numa estrutura de sexo/género através de uma apropriação sexual. Esta objetivação sexual cria uma ilusão e a mulher deve a sua existência a esta apropriação sexual. Ou seja, produz o sentimento de que as mulheres não existem a não ser como produto do desejo dos homens.

A teoria de MacKinnon desenvolve uma doutrina da experiência ainda mais autoritária. Donna Haraway subscreve o ponto de vista de MacKinnon, ao afirmar que o feminismo marxista não pode fundamentar a unidade política das mulheres.

A estrutura da “caricatura” (dos “feminismos”) de Donna Haraway é a seguinte: a) O feminismo socialista tem uma estrutura de classe que se baseia em trabalho assalariado e conduz a uma alienação. Este trabalho tem por analogia a reprodução, por extensão o sexo e por acréscimo a raça. b) O feminismo radical tem uma estrutura baseada no género e caracterizada pela apropriação sexual (por parte dos homens) resultando numa objetivação do feminismo. Esta apropriação sexual tem por analogia o trabalho, por extensão a reprodução e, por acréscimo, a raça.

Em termos históricos, os grupos criados (falados), em primeiro lugar, foram as mulheres e a juventude; depois, logo após a 2ª Guerra Mundial e ainda mais recentemente, a raça e os homossexuais. Vivemos num mundo pós-moderno tendo em conta a própria definição desta época, não sendo suficiente o recurso a ideias anteriores:

O conceito de capitalismo avançado é inadequado para descrever a estrutura desse momento histórico. (...). Não é por acaso que, no nosso tempo, a mulher se desintegra em mulheres. (...). Sabendo isto, as mulheres deixam de ter desculpa (...) arriscamos cair numa diferença ilimitada, desistindo da pesada tarefa de realizar conexões parciais, reais. (*idem*, pp. 160-161).

iii) A informática da dominação

O objetivo deste texto de Donna Haraway é o desenvolvimento de uma perspetiva política e epistemológica, tendo por base uma procura de mudanças essenciais nas relações de classe, raça e género, e como quadro de desenvolvimento a importância dos rearranjos das relações sociais, para

“esboçar a imagem de uma possível unidade política” para o feminismo-socialista, o qual, apesar de tudo, deve muito aos princípios socialistas e feministas de planeamento político. Ou seja, o que do já existente (do feminismo-socialista) pode contribuir para uma nova ideia de feminismo é somente a forma de planeamento político, e não os princípios básicos, que foram derrubados pelo referido anteriormente.

A necessidade do desenvolvimento desta nova perspectiva advém de mudanças percebidas por Haraway: uma alteração de uma sociedade industrial e orgânica para um sistema polimórfico informacional e de uma situação de só trabalho para uma situação de só lazer. Neste contexto, sobressaem as dicotomias já referidas anteriormente: a passagem de um contexto de dominações hierárquicas para “novas e assustadoras redes” assentes no conceito de “informática da dominação” (que, a título exemplificativo, o trabalho de Edward Snowden na NSA ilustra).

As dicotomias apresentadas, um misto de bifurcações materiais e ideológicas, não podem ser entendidas como objetos naturais, quer as referentes às antigas dominações hierárquicas, quer as novas redes informáticas, estas condicionadas pelas primeiras. Na verdade, não se pode retroceder no tempo, o deus está morto, mas a deusa também está, os objetos não poderão ser revivificados nestes mundos da microeletrónica e da biotecnologia, até porque: “As ideologias da reprodução sexual não poderão a partir de agora, e de forma razoável, apelar a concepções sobre sexo e sobre papéis sexuais com o argumento de que constituiriam aspetos orgânicos de objetos naturais tais como organismos e famílias.” (*idem*, p. 162), pois isto seria considerado um raciocínio irracional.

O caminho assim definido faz com que as ideologias sobre a diversidade humana, *e.g.*, as ideologias sobre a raça, alterem a sua formulação, o seu texto. O racismo e o colonialismo, por exemplo, têm que se expressar em termos de desenvolvimento e subdesenvolvimento, degraus e níveis de modernização. Estes estudos de significados formulam-se, assim, como engenharia de comunicação ou teoria do texto, de acordo com os destinatários da mensagem, permitindo a definição de estratégias de controlo concentradas nas condições e interfaces de fronteira e nas taxas de fluxo entre essas mesmas fronteiras. Ou seja, um fluxo de informação que depende da ligação estabelecida entre os componentes do sistema: “Os seres humanos, da mesma forma que qualquer outro componente ou subsistema, deverão ser colocados numa arquitetura de sistemas cujos modos de operação básicos serão probabilísticos, estatísticos.” (*idem*, p. 163). Isto implica, necessariamente, que as pessoas são um objeto que pode ser incorporado noutra, ou vice-versa, através de uma linguagem comum. Note-se, aqui, a importância da comunicação e, como consequência, da linguagem (ou linguagens) comum, o que faz com que a pior patologia deste sistema seja o colapso das comunicações.

Assim, o ciborgue simula a própria política, sem estar sujeito à biopolítica de Foucault, sem estar sujeito aos processos biológicos dos seres humanos, sem considerar que o próprio estado é um organismo. É desta forma que os dualismos antigos estão a ser ideologicamente questionados: mente e corpo, animal e humano, organismo e máquina, público e privado, natureza e cultura, primitivo e civilizado. Neste contexto: “A natureza real das mulheres é definida pela sua integração/exploração num sistema mundial de produção/reprodução e comunicações que se pode chamar de ‘informática de dominação’.” (*ibidem*).

É numa busca por uma linguagem comum que as feministas devem codificar o ciborgue como a entidade, o eu, que as pode conduzir através de um caminho significativo no sentido de construir uma nova política feminista-socialista. Uma política teórica e prática que aponte para as relações sociais da ciência e da tecnologia e que estructure os seus pensamentos através do mito ciborguiano, “acompanhado” do seu significado. São estes sistemas de informação, constituindo uma tradução universal da linguagem requerida e permitindo uma codificação eficaz, que possibilitam a construção desta política, através das tecnologias de comunicação e das biotecnologias, impondo e dando sentido a novas relações sociais para as mulheres.

Na biologia, esta codificação existe em inúmeras situações, *e.g.*, biologia molecular, ecologia, teoria evolutiva sociobiológica, imunobiologia, etc. Com esta codificação, os organismos são traduzidos em termos de problemas de codificação genética e de leitura de códigos, constituindo a biotecnologia a tecnologia de escrita, desta codificação orgânica, que orienta a investigação científica. Tendo esta realidade científica em conta, na realidade do dia-a-dia existe a ideia (mesmo que sem uma consciência objetiva deste facto) de que estas ciências e tecnologias explicitam alterações sociológicas e físicas que são fundamentais para a estrutura do mundo. Assim, tudo passa (ou depende) da eletrónica: “A microeletrónica é a base técnica dos simulacros, *i.e.*, de cópias sem originais.” (*idem*, p. 165). É desta forma que a microeletrónica é o meio fundamental para traduzir a codificação ciborguiana – a ser usada pelas feministas –, dado que permite transpor o trabalho em termos de robótica e de processamento de texto, do sexo em termos de engenharia genética e da tecnologia reprodutiva e, muito importante no contexto deste trabalho, da mente em inteligência artificial e de procedimentos de decisão. As novas biotecnologias não se ocupam somente da reprodução humana, mas, também, do projeto e geração de novos materiais e processos, uma revolução para a indústria (Haraway, 1991).

Está-se perante a situação de “mulheres no circuito integrado”, *i.e.*, das mulheres num mundo modificado pelas relações sociais e pelas ciência e tecnologia que implica a não existência de um

determinismo tecnológico, mas de um sistema que depende das relações entre as pessoas: “Alguns rearranjos das dinâmicas da raça, do sexo e da classe, enraizados nas relações sociais propiciadas pela cultura *high-tech*, podem tornar o feminismo-socialista mais relevante para uma política progressista eficaz.” (*ibidem*).

Estas ideias de Donna Haraway suscitam algumas reflexões. Quando a autora refere cópias de ciborgues, estas cópias, em princípio, procuram mimetizar o homem, mas poderão não o fazer, ou seja, serem ciborgues originais – tenho algumas dúvidas se existe imaginação para isto, talvez na ficção, ou, então, no caso de ciborgues com “mente orgânica”. A segunda reflexão está relacionada com a inteligência artificial. Talvez a única possibilidade, de a inteligência artificial se aproximar da inteligência “humana” seja através da mimetização dos processos presentes no “corpo” do homem, redes neuronais, genética e reações químicas, em computadores orgânicos. Falta determinar esta situação na prática. Esta ideia é complementada pelo que Donna Haraway afirma: as ciências da comunicação e a biologia permitirão a construção de objetos tecno-naturais de conhecimento de forma a não se notar a diferença entre máquina e organismo, *i.e.*, através da existência de uma relação intrínseca entre a mente, o corpo e o instrumento (*ibidem*). Veja-se, a este propósito, a questão a que Alan Turing tentou responder acerca de como se poderia fazer a distinção entre homem e máquina. Finalmente, Donna Haraway defende sempre a existência de um “feminismo-socialista”, o qual pode e deve ser mudado tendo em conta o referido, mas é sempre um feminismo e é sempre socialista.

Existe aqui uma ideia, a de que o feminismo terá de ser socialista, que os seus próprios argumentos parecem contradizer. Os argumentos tecnológicos que conduzem à transgressão de fronteiras referida não provocarão, também, uma transgressão da fronteira entre esquerda e direita? Nesta época cada vez se veem mais os partidos ditos da esquerda a governarem com as ideias de direita, sendo o contrário também verdade. Por outro lado, esta evolução tecnológica, que está agora – em 2020 – muito mais clara do que na data da publicação deste ensaio, transformou-se na realidade das nossas vidas, e não só teoricamente e/ou ficcionalmente. Tudo se passa à velocidade da luz e num espaço bidimensional, um espaço, também, virtual. Fará sentido falar em feminismo-socialista? Fará sentido falar em feminismo? Talvez uma ideia para o futuro seja transgredir a fronteira entre o masculino e o feminino, e considerar que todos são *Homo Sapiens* e iguais. Talvez criar esta utopia e procurar segui-la consiga resolver os problemas de género que ainda persistem nesta sociedade machista!... Existe, no entanto, uma coisa que não se pode fazer, tal como se faz com os computadores, o restabelecimento (*reset* do inglês) do sistema, um recomeço do zero. Mas será mesmo necessário alterar a natureza humana no que diz respeito à reprodução para eliminar as diferenças de género, para anular

as aparentes vantagens de um relativamente ao outro? Onde estará a “impureza” de uma conceção natural de um novo ser humano?

iv) A “economia do trabalho caseiro” fora de “casa”

Esta revolução tecnológica baseada na eletrónica está a mudar – já mudou – as relações laborais, produzindo uma nova classe trabalhadora. O contexto económico caracterizado por uma grande mobilidade de capital está a levar ao desaparecimento das famílias, tal como conhecidas tradicionalmente, sem que haja independência em relação ao género e à raça. Em lugares onde este tipo de economia é já uma realidade, onde as mulheres definem a sua vida em torno deste tipo de empregos, “as suas realidades íntimas incluem monogamia heterossexual em série, cuidado infantil negociado, distância da família ampliada, (...) uma grande probabilidade de uma vida solitária e uma extrema vulnerabilidade à medida que envelhecem” (*idem*, p. 166).

O descrito é uma situação que se pode designar por “economia do trabalho caseiro” (*ibidem*), não significando que o trabalho é realizado em “casa”, mas que é um trabalho feminizado, podendo ser realizado quer por homens quer por mulheres, ou seja, um trabalho precário, contribuindo esta realidade para uma desqualificação do trabalho em grande escala, tornado possível pelas novas tecnologias, mas não causado por elas. Esta noção de trabalho somente quer dizer que todos os locais, casa, fábrica e mercado, definem uma nova escala, onde os lugares das mulheres são decisivos.

Esta estrutura mundial da economia do trabalho, só possível pela existência das tecnologias, coloca uma pressão elevada sobre as mulheres porque, simplesmente, em muitas situações são elas que assumem o sustento da vida quotidiana das famílias, justificando-se o desemprego dos homens pelo menor nível salarial das mulheres que os substituem. Constitui isto como que uma “feminização da pobreza”:

O facto de que o sustento da vida quotidiana cabe às mulheres como parte da sua forçada condição de mães não é nenhuma novidade; o que é novidade é a integração do seu trabalho na economia capitalista global e progressivamente centrada em torno da guerra. (*idem*, p. 167).

Num contexto de desemprego estrutural resultante das novas tecnologias, às três fases do capitalismo (comercial/industrial, monopolista e multinacional) correspondem, de uma forma dialéctica, três formas de família: nuclear patriarcal, moderna e de economia de trabalho caseiro. Isto tem como consequência, e devido a cada vez mais pessoas ficarem nesta situação, a necessidade de se recorrer

a alianças indiferentes ao gênero e à raça para resolver estas questões de sustentabilidade (Haraway, 1991).

Os efeitos nefastos das novas tecnologias têm consequências sobretudo nas mulheres. Primeiro, porque apesar de elas colaborarem com metade do trabalho, continuam a contribuir e a ser responsáveis pela preparação de alimento; depois, porque a sua situação reprodutiva é agora muito mais complexa. As tecnologias de comunicação são decisivas na sua contribuição para o desaparecimento das pessoas da “vida pública”, trazendo prejuízos culturais e económicos, em primeiro lugar, para a mulher. Com esta dinâmica de gênero, a realidade imaginativa das tecnologias contempla, muitas vezes, uma possibilidade destrutiva do planeta, tal como na ficção científica, sem consequências aparentes para as pessoas, o que não é verdade (*idem*).

É assim que estas tecnologias influenciam – negativamente – as relações sociais da sexualidade e da reprodução. Neste “novo mundo”, o corpo é visto como um “componente biótico” ou como “um sistema cibernético de comunicação” (*idem*, p. 169). Esta visão assume importância vital para as mulheres, uma vez que será importante saber quem controla esta sua transformação reprodutiva. Os seus corpos estão sujeitos, no campo médico, à visualização e à intervenção, sempre usando as novas tecnologias. Estão dentro deste campo algumas técnicas avançadas, como por exemplo a inseminação artificial, mas, simultaneamente, está o recurso a métodos pseudo naturais, por exemplo, o recurso à maternidade de substituição (popularmente conhecida como “barriga de aluguer”), como acontece em *The Handmaid’s Tale*: “O sexo, a sexualidade e a reprodução são atores centrais nos sistemas mitológicos *high-tech* que estruturam a nossa imaginação sobre as nossas possibilidades pessoais e sociais.” (*ibidem*). Ou seja, seria adequada a definição de uma política socialista-feminista dirigida às mulheres que ocupam lugares de relevo na sociedade, especialmente aquelas que se ocupam da produção de ciência e de tecnologia, responsáveis pelos discursos e processos dos objetos tecnocientíficos.

v) As mulheres no circuito integrado

Uma vez que as antigas imagens não são suficientes para caracterizar ideologicamente a vida das mulheres, atualmente isto terá que ser realizado num contexto histórico das mulheres nas sociedades industriais avançadas, uma imagem que tenha em conta a transgressão e a permeabilidade de fronteiras. Esta será a visão das mulheres no circuito integrado tendo em conta algumas idealizações

sociais: “Casa, Mercado, Local de Trabalho Assalariado, Estado, Escola, Hospital-Clínica e Igreja” (*idem*, p. 170).

Esta lista exaustiva e a sua descrição, apresentadas nesta parte do texto, permitem ver que a forma de “caracterizar a informática da dominação consiste em vê-la como uma intensificação massiva da insegurança e do empobrecimento cultural, como um fracasso generalizado das redes de subsistência para os mais vulneráveis” (*idem*, p. 172), sendo, assim, necessária uma política socialista-feminista dirigida para a ciência e a tecnologia: “Talvez possamos, ironicamente, aprender a partir das nossas fusões com animais e máquinas, como não ser o Homem, essa corporificação do logos ocidental. (...) talvez possa haver, de facto, uma ciência feminista.” (*idem*, p. 173).

vi) Ciborgues: um mito de identidade política

Os ciborgues são um mito sobre identidades e sobre fronteiras. As feministas radicais “insistem” no orgânico, opondo-se ao tecnológico. As suas simbologias, o ecofeminismo e o paganismo feminista, constituem-se como ideologias de oposição adequadas ao final do século XX, fazendo assim (as feministas) parte do mundo ciborgue (*idem*, p. 174). Podem considerar-se dois grupos de texto com utilidade para a construção deste mito na ficção científica feminista: as construções feitas por mulheres de cor e a construção de eus monstruosos.

No primeiro caso, as mulheres de cor são a “mão-de-obra” preferida pelos mercados (de trabalho e sexual) e pela política de reprodução. A escrita e a aprendizagem da leitura são meios essenciais para todos os grupos colonizados. A escrita fica, assim, no centro das disputas políticas, e a sua libertação alguma coisa decisivamente séria, que está diretamente relacionada com o poder: “A escrita ciborguiana está relacionada com o poder de sobreviver, não com base numa inocência original, mas sim na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que as marcou como outros.” (*idem*, p. 175).

As narrativas feministas relacionadas com ciborgues, ao contrário das histórias sobre mitos de origem ocidental, procuram “desmascarar” alterando, ou reescrevendo, duas importantes características da sociedade atual, a comunicação e a inteligência, por forma a mudarem as relações de controlo e comando (*ibidem*). Esta comunicação traz consigo, não só em termos figurativos, (as referidas) mudanças reais.

Os ciborgues completam-se superiormente com a escrita, pela comunicação, mas não “desejam” uma comunicação perfeita, não “desejam” o código único, objetivo derradeiro do

falocentrismo; “desejam” ruído, as fusões entre animal e máquina. É neste contexto que se digladiam as relações entre os géneros. Donna Haraway defende que, sob o ponto de vista dos ciborgues, se pode definir uma política feminista-socialista muito forte, tendo em conta a necessidade de se olhar para esta política de uma posição forte relativamente à opressão e considerando todas as dominações referidas (*idem*, p. 176). Tal não significa uma desconstrução literária, mas “uma transformação limiar” (*idem*, p. 177). Esta transformação “passa pelas mulheres e por outros ciborgues (...). Esses ciborgues são as pessoas que se recusam desaparecer quando instadas (...). A sobrevivência é o que está em questão nesse jogo de leituras” (*ibidem*).

Os dualismos persistentes na cultura ocidental permitem as práticas de dominação sobre as mulheres, as pessoas de cor, a natureza, os trabalhadores e os animais. Uma construção onde os dominados “têm que” imitar o eu dominante. Na era da eletrónica, estes dualismos são combatidos de forma não propositada. Os organismos transformaram-se em “objetos” de comunicação bióticos, tal como qualquer dispositivo microeletrónico, mas não se percecionando nenhuma fronteira ontológica entre máquina e organismo. Assim, o limite dos corpos não é a sua pele, não só dos humanos, mas também dos animais.

“Os ciborgues que habitam a ficção científica feminista tornam bastante problemático o *status* do homem ou mulher, humano, artefacto, membro de uma raça, entidade individual ou corpo.” (*idem*, p. 178). São a construção (literária) de ciborgues com várias formas e explicitando diferentes ideias, por exemplo, “monstros promissores e perigosos que contribuem para redefinir os prazeres e a política da corporação e da escrita feministas” (*idem*, p. 179). Num mundo ficcional de personagens ciborgue, torna-se difícil definir o que é humano. Um mundo onde se usam meios científico-técnicos para essas transformações, *e.g.*, vetores virais com um novo código, cirurgia e transplante, implantes de dispositivos microeletrónicos, duplicações analógicas, etc...

O ciborgue não procura uma identidade unitária, não é uma coisa (uma máquina) para ser dominada, faz parte da nossa corporificação.

Os ciborgues podem expressar de forma mais séria o aspeto – por vezes, parcial, fluido – do sexo e da corporificação sexual. O género pode não ser, afinal, a identidade global, embora tenha intensa profundidade e amplitude históricas. (...). O género ciborguiano é uma possibilidade local que executa uma vingança global. A raça, o género e o capital exigem uma teoria ciborguiana do todo e das partes. (*idem*, pp. 180-181).

Os ciborgues “não querem” definir uma teoria global. Os ciborgues são como que uma “experiência íntima” sobre a construção e a desconstrução de fronteiras, um mito, com a esperança de se tornarem numa linguagem política, baseando-se numa forma particular de olhar para a ciência e a tecnologia, combatendo a informática da dominação no sentido último de agir.

Um aspeto muito importante no ensaio em análise é o seguinte: “Precisamos de regeneração, não de renascimento, e as possibilidades para a nossa reconstituição incluem o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso sem género.” (*idem*, p. 181). Ou seja, o que é necessário já existe, precisa somente de ser “metamorfoseado” para se construir a utopia de um mundo sem género.

A imagem do ciborgue não pode ser usada para a produção de uma teoria universal; tal uso seria um erro e significaria recusar uma metafísica *anticiência*, uma demonologia da tecnologia. “Embora estejam ambas envolvidas numa dança em espiral, prefiro ser um ciborgue a uma deusa.” (*ibidem*).

1.3. Novos Desenvolvimentos

O ensaio de Donna Haraway inaugura o estudo académico acerca dos ciborgues, servindo-se das questões de género como ponto central para explicar o poder dos ciborgues, e atacando, ao mesmo tempo, a “deusa feminista”, um movimento que rejeita os desenvolvimentos tecnológicos por forma a que as mulheres se voltem para a natureza. Para Haraway, um ciborgue pode ser: um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social vivida e/ou uma criatura de ficção.

Os ciborgues não são algo do futuro, eles já estão presentes em algumas áreas da nossa vida, principalmente na medicina. Independentemente de o reconhecermos ou não, nós somos ciborgues, principalmente porque os ciborgues são a nossa ontologia, definem políticas que caracterizam a nossa existência como humanos.

Considerando o distanciamento temporal entre a publicação deste ensaio e o momento atual parece relevante fazer uma referência ao estado da arte referente a este assunto. Mais especificamente, dois dos aspetos importantes a ter em conta são a discussão em torno da hibridização que emana da interação homem-máquina e as suas relações com a vida das pessoas num ambiente capitalista-tecnológico. Com base no trabalho de Siqueira e Medeiros (2011), serão adicionadas as perspetivas de Bruno Latour (1993) e de Chris Gray (2002).

Neste contexto, as tecnociências, consideradas como tecnologias de informação, robótica, biónica, nanotecnologias (eletrónicas), biotecnologia e nanomateriais, constituem aspetos essenciais para a vida humana, principalmente no que diz respeito às consequências que desencadeiam no binómio espaço-tempo (Virilio, 2000).

Vivemos, agora, no tempo do pós-modernismo, um tempo onde são as info/nano/biotecnologias, os pós/transumanos, o ciberespaço, os ciborgues, e outros conceitos que formam a cibercultura. Todos surgem a partir de uma ideia comum: as tecnociências, cujos resultados escapam ao “rigor” da etapa anterior do capitalismo: o modernismo.

Neste tempo, os aspetos comportamentais, *i.e.*, a forma de viver, são alterados, uma vez que estas tecnologias, *e.g.*, a biomedicina, alteram o corpo humano, não só fisicamente, também nas formas de pensar, sentir e imaginar.

Trazem, também, novos léxicos, que se interpõem, mediando, nas várias dimensões desta nova vida. Existe uma expressão chave neste processo (ou conceito): as complexidades trazidas pelas tecnociências, não só como seu resultado, mas também porque se tornam realizáveis. Na verdade, são estas novas modificações e transgressões de fronteiras, através de novas exigências, de inter-relações e de interações, que induzem estas mudanças sociais, num tempo-espaço pós-moderno (Siqueira e Medeiros, 2011).

A subjetividade humana está relacionada, ou inter-relacionada, com as tecnologias que a rodeiam, com a interação entre humanos e não-humanos. Os humanos que interagem com máquinas modificam, fazendo emergir novos sentidos e significados desta relação, facto que acontece desde que o homem começou a fabricar e a usar ferramentas, *i.e.*, desde a idade da pedra (*idem*).

Neste sentido, a política que Donna Haraway propôs criar é possuidora de um estatuto híbrido, resultante da interação entre máquina e ficção, possuindo uma relação simétrica entre o real e o imaginário. Trata-se de uma capacidade de adaptação do cérebro humano que, neste caso, resulta desta interação, da interação do corpo com outras ferramentas, o que leva à perda do conceito de corpo, à perda da capacidade de distinguir entre o que é humano e a própria mente. Com a eletrónica, as potencialidades do *homo sapiens* aumentam de forma drástica, significando isto que aumenta a sua subjetividade (*idem*).

Para Latour, a produção científica resulta deste hibridismo, os objetos são ativos, estão vivos, produzem sentidos próprios, tendo em conta os processos simétricos já referidos. Os não-humanos

poderão agir como os humanos, estabelecendo uma relação bilateral. Latour apresenta o conceito de hibridismo que se complementa no conceito de ciborgue de Haraway. Ambos pretendem mostrar que se pode compreender o universo através da remoção de barreiras – as relações binárias promovidas pela época moderna (*idem*). Este aspeto constitui uma reflexão especialmente relevante pela adequação ao romance de Ian McEwan, como se verá no capítulo 3.

Gray considera que o ciborgue é um organismo animado que se mistura com um elemento inanimado de forma a constituir um sistema, podendo existir ciborgues humanos e não-humanos, cuja característica mais importante é possuírem uma parte natural e outra sintética sempre baseadas num conceito humano. Este é o processo que chamou de “ciborguização”, com o qual amplia a visão de Haraway, uma vez que não precisa de elementos humanos (ou orgânicos).

Numa posição essencial desta discussão encontra-se a imagem do criador de ciborgues, o “ciborguista”, o qual está no centro de todo o processo; não sendo um mero construtor de ciborgues, terá de ser visto também como um agente político (tudo no contexto do que se está a estudar), e ligando, no campo da política, elementos humanos e não-humanos, o que corresponde a pensar na perspetiva do ciborgue (*idem*).

Como consequência, com a tecnociência o “impossível” desaparece, possibilitando a entrada no mundo da construção de super-humanos, com “inteligência” super-humana, o que, para os humanistas, pode constituir uma ameaça para a própria humanidade. O “projeto” desta tecnologia não é accidental, uma vez que tem em conta a imaginação, a cultura e os recursos económicos e políticos de quem a produz. Por esta razão, é importante que se defina um modelo aberto que tenha em conta, de uma forma positiva, esta evolução da sociedade (*idem*).

Se, por um lado, quando se fala em ciborgues a nossa imaginação navega pelo mundo da ficção, literatura e muitas outras formas de arte, por outro, os ciborgues reais já existem há alguns anos entre nós, *e.g.*, um rato implementado com um dispositivo eletrónico que lhe injetava substâncias químicas de uma forma programada. Na literatura surge, num lugar destacado, o monstro *Frankenstein* de Mary Shelley.

A reprodução seletiva, ou a seleção não-natural, constitui um aspeto importante da relação do homem com a ciência, a qual merece aqui um destaque porque as obras literárias a estudar abordam esta questão.

Muito recentemente, foi desenvolvida uma técnica que permite curar quase qualquer doença de origem genética de uma forma muito simples e econômica. A evolução exponencial da tecnologia nunca faria prever que esta técnica fosse descoberta, e nem mesmo a cientista que a desenvolveu estava à espera que isso acontecesse. Trata-se de uma forma de controlo sobre a própria vida que poderá afetar a evolução natural, e não só a do homem.

A questão que se coloca, portanto, é se se deve fazer, porque já se sabe fazê-lo. Existem espalhados pelos meios de informação atuais muitos exemplos e vídeos de como isto pode ser feito em casa. Peixes que se regeneram. Copiar, cortar e adicionar ADN. Engenharia de tecidos. Modificar células cerebrais. Tudo técnicas que estão disponíveis de uma forma simples. Poder-se-á, com isto, criar um ser humano melhor? Melhor em quê? Em ser *homo sapiens*? Na verdade, pode-se reescrever o livro da vida de formas que ainda não se compreendem hoje. Assim, a literatura e as artes poderão ser usadas para essa compreensão.

Não sabemos se devemos usar estas técnicas para melhorar as nossas capacidades físicas, intelectuais e outras que ainda não conhecemos, mas que poderemos possuir. Será óbvio que esta tecnologia deverá ser bem usada, mas, como sabemos, isto sai de controlo. Um bom princípio será a democraticidade do seu uso, para que os ricos não sejam privilegiados. Por outro lado, existe uma questão que se revela muito relevante: poderá a alteração de um gene com uma determinada função alterar outras funções? Ao mesmo tempo, e relacionado com os ciborgues: será necessária a eletrónica para produzir "seres" mais avançados, se se consegue fazer isso geneticamente?

A diferença principal dos ciborgues atuais reside na informação, ou melhor, na sua capacidade de comunicarem e obterem essa informação. Para isso, os ciborgues precisam de um meio de entrada, sensores e outras formas de admissão de dados, de uma forma de a transmitirem e, muito importante, de métodos eficazes, pode dizer-se inteligentes, de transformar os dados existentes em informação útil. Ou seja, isto compreende um sistema complexo de dispositivos micro e nano-eletrónicos, de algoritmos computacionais inteligentes e de uma rede complexa de comunicações (que já existe).

É esta relação de aproximação muito forte entre o humano e a máquina que **põe em causa a ontologia do humano** – o ciborgue já não é somente uma metáfora. Existe uma aproximação real entre homem e máquina, uma aproximação que tem lugar dos dois lados desta fronteira que se dissipa rapidamente.

O crescimento da tecnologia é exponencial, mas, mesmo assim, como saber o que acontecerá no futuro? Tendo sido referido que a tecnociência não tem limite, pode perguntar-se: até onde a nossa

capacidade de assimilação nos permitirá aceitar algumas previsões sobre o futuro? Na verdade, quando referimos a alguém, mesmo sendo cientista, que todos somos ciborgues, o sorriso não escapa da face do nosso interlocutor.

O que dizer das “previsões” de Júlio Verne, em 1865, sobre os submarinos, a viagem ao centro da Terra (que não se concretizou) e a viagem à lua com ausência de gravidade? Mais recentemente, Nikola Tesla, em 1910, previu a generalização dos dispositivos elétricos. E agora, neste espaço-tempo já reduzido a nada? Na verdade, continuam a existir previsões e, principalmente, cientistas a trabalhar nelas. Alguns exemplos são dados a seguir de uma forma não detalhada: i) a produção de nano-robôs, os *foglets*, que poderão assumir qualquer forma e mudar essa forma sempre que se quiser; ii) a possibilidade de se comunicar com os mortos virtualmente através do armazenamento das suas memórias e pensamentos, usando *nanobots*, em computadores; iii) a substituição das pessoas por robôs e inteligência artificial em muitas tarefas; iv) a necessidade de se deixar a Terra devido à poluição; v) a substituição dos hospitais por telemedicina; vi) o combate a doenças pela introdução de nano-robôs no nosso corpo; vii) a impressão de órgãos biológicos que permitirão substituir os “danificados”; viii) a substituição dos écrans por lentes (de contato); ix) a produção de veículos autônomos; x) o fornecimento de comida com uma frota de *drones*; xi) a substituição de atores por figuras desenhadas graficamente em computadores, *e.g.*, o filme *Avatar*.

Todavia, uma das previsões mais interessantes e ousadas está relacionada com o desenvolvimento da nanotecnologia, neste caso, a nanotecnologia eletrônica. Prevê-se que esta tecnologia permita a comunicação entre pessoas usando somente o pensamento através da colocação de circuitos integrados nos cérebros e a sua ligação sem fios a computadores baseados em computação quântica (*quantum computing*). Este tipo de computação usa a capacidade que as partículas subatômicas têm de existir em mais do que um estado a qualquer momento. Devido à forma como estas partículas se comportam, as operações de cálculo podem ser realizadas muito mais rapidamente e usando menos energia do que os computadores clássicos. Teoricamente, este aumento de velocidade exponencial dos computadores conduzirá a um ponto infinitesimal, ponto de onde partiu toda a criação. Esta singularidade técnica, correspondente a uma “explosão da inteligência”, acontecerá através de uma “fusão de mentes”, entre os humanos e as máquinas, que consistirá numa partilha, ou mistura, de inteligência humana com a artificial (Katwala, 2019).

Elon Musk e a Neuralink (2019) construíram matrizes de elétrodos pequenos flexíveis e um robô neurocirúrgico capaz de inserir esta matriz de elétrodos no cérebro de uma pessoa sem causar distúrbios

de saúde, ou seja, construíram uma plataforma de interface máquina-cérebro integrada com milhares de canais. Os objetivos declarados são permitir o restabelecimento de funções motoras e sensoriais e o tratamento de distúrbios neuronais. Sem entrar em mais detalhes, poderemos especular que este tipo de equipamento poderá ser usado, não só para fins médicos, mas, também, para “estender” as capacidades humanas. Trata-se de um caso de modificação do corpo com dispositivos eletrônicos com pelo menos duas funções em simultâneo: i) uma ligação direta ao cérebro que permite controlar as funções do corpo e ii) uma ligação exterior, mais propriamente à rede, o que possibilita o controlo do corpo a partir do exterior. Este constitui um passo relevante no sentido da construção de um ciborgue sofisticado que, por enquanto, só existe na nossa imaginação e na ficção científica, principalmente literária e cinematográfica, mas também em outras artes.

A interferência nas funções cerebrais, inteligência e controlo, constitui um caminho na direção da extensão da inteligência humana com inteligência artificial de uma forma em que os componentes do binómio espaço-tempo ficam ainda mais reduzidos. Ou seja, de qualquer parte do mundo se poderá controlar qualquer pessoa de uma forma instantânea e direta. Poder-se-á dizer que não vamos aceitar este tipo de “coisas” no nosso corpo, mas este tipo de ideias de recusa ou negação também existiu no passado em relação a outros avanços científicos que agora são indispensáveis!...

Esta lista, não necessariamente exaustiva, tem o objetivo de nos conduzir a uma análise de três aspetos que constituem o futuro: talvez já hoje. Uma análise baseada em investigação real, publicada em jornais científicos. Esses aspetos são: dispositivos cerebrais, armazenamento do conteúdo dos cérebros e geração de tecidos animais naturais.

Como é óbvio, com o desenvolvimento exponencial da tecnociência, o trabalho de Donna Haraway terá que ser reinterpretado, por assim dizer. Para isso será tido em conta um ensaio de Katherine Hayles (2006), onde a autora procura situar o trabalho de Donna Haraway nos nossos dias. Os interesses de Donna Haraway, durante todo este tempo, também se alteraram, passaram dos ciborgues para as espécies de companhia (Haraway, 2003), mas o interesse do seu trabalho de 1985 mantêm-se com total pertinência.

Para interpretar estes novos desenvolvimentos, os ciborgues já não são suficientes, não estão satisfatoriamente “conectados”. O mundo com as novas tecnologias já não consegue ser explicado através da modificação do corpo humano com dispositivos eletrônicos. A unidade de análise já não poderá ser o ciborgue, mas, como Donna Haraway também afirma, deverá ser a relação. Mas que relação (ou relações)? pergunta Hayles.

No seu novo trabalho, Haraway dá relevância às espécies de companhia para explicar que os ciborgues já não são suficientes para explicar a vida das pessoas que vivem emersas em redes, questionando as relações entre humanos, animais e tecnologia, usando para isso o conceito de espécies. Hayles (2006, p. 165) afirma que com o seu trabalho tem as mesmas intenções, mas focando-se em diferentes aspetos, concluindo que:

That the cyborgs is no longer the most compelling metaphor through which to understand our contemporary situation should not blind us to the fact that much urgent and pressing work remains to be done. The cognisphere takes up where the cyborg left off. No longer bound in a binary with the goodness but rather emblem and instantiation of dynamic cognitive flows between human, animal and machine, the cognisphere, like the world itself, is not binary but multiple, not a split creature but a co-evolving and densely interconnected complex system.

Porém, apesar destas novas abordagens, não cabe num trabalho deste tipo ir mais longe na investigação, ficando aqui esta referência como sugestão para futuro.

Todas estas análises conduzem a algumas reflexões sobre a relação da tecnociência com o trabalho a desenvolver, o qual envolve a literatura distópica e os ciborgues.

Hayles afirma que a cognisfera, e como consequência o mundo, não é binária, mas múltipla. Esta é uma perspetiva interessante para o âmbito deste trabalho, principalmente sob o ponto de vista da computação quântica, na qual o “mundo binário” dos computadores atuais é substituído por computadores com estados múltiplos.

Os ciborgues, considerados como uma simbiose entre máquina e organismo, podem ser vistos de duas formas – pelo menos:

Primeira: um organismo modificado com elementos de máquina, mecânicos e/ou eletrónicos, que permite ao organismo executar alguma função, quer de substituição de uma função “perdida”, quer através da extensão das suas funções naturais, mas cujo controlo “inteligente” continua a ser realizado pelo organismo, *e.g.*, o homem que colocou um implante no cérebro que lhe permite ver cores porque tinha uma doença em que, naturalmente, via tudo a preto e branco, e que colocou um implante no braço que lhe permitia inferir o tempo que fazia nos locais para onde ia.

Segunda: um ciborgue criado como um misto de organismo e máquina, mas em que o controlo “inteligente” seria proporcionado pela junção das partes orgânica e máquina (ou, como se verá,

constituído somente por elementos máquina, mas com características subjetivas humanas, *e.g.*, o ciborgue ficcional da narrativa de Ian McEwan).

Esta distinção leva a outra questão relacionada com a percepção existente, por parte das pessoas, e da sociedade em geral, acerca dos ciborgues, ou, talvez, do conceito de ciborgue. Por um lado, pode dizer-se que o ciborgue é uma realidade física, mas, por outro, pode-se percecioná-lo como uma realidade social – ver o conceito de transgressão de fronteiras como introduzido por Donna Haraway. Assim, quando um indivíduo (orgânico) usa um dispositivo fisicamente (e completamente) desligado do seu corpo (um telemóvel, por exemplo) com o objetivo de “estender/expandir” as suas capacidades, pode afirmar-se que esse indivíduo é um ciborgue. Na verdade, “somos todos ciborgues”, como diz Haraway. Todavia, quando usamos um telefone móvel, de geração atual, estamos a servir-nos de algum tipo de “inteligência”, de uma inteligência artificial, mas tendo em atenção que, em quase todos os casos, esta inteligência não está na máquina que temos na mão, mas nos algoritmos localizados num qualquer servidor, um computador que alguém, nalguma parte do mundo, controla – um deus.

Por outro lado, o duplo sentido, *i.e.*, o hibridismo entre homem e máquina, leva a uma conclusão. Será interessante se se pensar na possibilidade de transpor o nosso conhecimento, ou melhor, nós próprios, para um computador. Porém, ao perder o corpo, pela falta destas interações com o corpo e com o tempo, talvez deixemos de ser nós próprios. Os computadores não podem pensar como os humanos porque não têm as mesmas interações; de igual modo, todos os humanos, quando comparados entre si, pensam de forma diferente. Significa isto que a noção de hibridismo não permitirá manter as nossas próprias características mesmo que se possa transpor todo o cérebro para uma máquina.

A partir daqui até se poderia reter uma ideia: a imagem de um ciborgue com forma de cão e um cérebro humano (...) algo que certamente já foi feito, mas... Talvez se possa ultrapassar esta questão se se fizer um ciborgue com material sintético ou com tecidos naturais gerados de uma forma não natural!... Com este pensamento surge a imagem do *Avatar* junto da árvore que liga todos os seres desse planeta, talvez representando uma ligação ao próprio planeta.

Poderá estar aqui em causa o conceito, ou ideia, de humano. Poderemos pensar nisto como uma “evolução genética” – da teoria da evolução –, considerando-se uma ideia de “homo-ciborgue”. Será uma evolução que herdará as características genéticas do *homo sapiens*, ou seja, aquelas características que lhe permitiram eliminar os seus antecessores na escala da evolução. Neste caso, não será uma eliminação tradicional. Tendo isto em consideração, o ciborgue, ou o “homo-ciborgue”, tem

as suas próprias opções que pode exercer livremente. Mas, neste caso, não poderá estar em causa também a procura da imortalidade? Constitui isto o egoísmo do *homo sapiens*. Guardar a nossa informação individual em computadores, para que mais tarde, quando for possível a criação de um “corpo” adequado, possa “ressuscitar” como sendo a mesma pessoa.

Por outro lado, existem os ciborgues não humanos. Dado que as espécies animais são reconhecidas pela genética: poderão os ciborgues ser considerados uma nova espécie? Existe aqui uma confusão de conceitos que necessita de ser clarificada. Tudo isto se passa num espaço-tempo pós-moderno. Finalmente, a velocidade destas transformações, ou evolução genética, faz com que o conflito entre gerações se transforme noutra tipo de conflito.

É neste contexto teórico que nos capítulos seguintes se estudam as três obras literárias já referidas: *The Handmaid's Tale*, *The Testaments* and *Machines Like Me*. Para isso, procurar-se-á ter em conta nesta análise a subjetividade trazida pelas inovações tecnocientíficas no que se refere à ontologia do humano, mais especificamente a perceção da ligação homem-máquina na transgressão dos limiares relativos ao género.

2. MARGARET ATWOOD

Fazei implodir em mim, pela ação do ar puro, a chama do amor que é luz.

(autor desconhecido)

2.1. Uma Revolução Teocrática Cristã como Distopia

Como refere Donna Haraway, de uma forma geral as questões de género resultam do patriarcado, uma construção social e histórica em que os homens suportam o poder principal e dominam nas funções de liderança política, autoridade moral, privilégio social e controlo das propriedades.

Por outro lado, no âmbito religioso, as igrejas Católica Romana e Ortodoxa, por exemplo, restringem o sacerdócio aos homens, sendo a palavra “patriarcado” usada como título de circunscrições eclesiásticas geridas por patriarcas, *e.g.*, Cardeal Patriarca de Lisboa. Na maior parte das sociedades atuais, mas principalmente nas mais conservadoras, como é a dos Estados Unidos da América, as regras políticas, plasmadas na Constituição, bem como a *praxis* política, fundamentam-se nesta ideia patriarcal, ou pelo menos emanam dela. Estas sociedade ou grupos conservadores muito poderosos dentro delas, tendem a reagir de uma forma muito assertiva contra todos os movimentos que promovam o esbatimento do limiar entre géneros, uma realidade sempre presente na maior parte, senão em todas, as sociedades contemporâneas.

No sentido de chamar a atenção para este problema, Margaret Atwood criou uma distopia baseada em valores políticos alicerçados na religião, procurando mostrar-nos que esta é uma luta permanente à qual não se deve dar tréguas. Mas, como afirma a autora, “So the book is not ‘antireligion’. It is against the use of religion as a front of tyranny; which is a different thing altogether.” (Atwood, 2017, p. 6).

Na organização interna do livro *The Handmaid's Tale*, Atwood alterna partes muito curtas, de um capítulo, com secções mais longas, de vários capítulos. As curtas têm o título “Night”, exceto uma delas, cujo título é “Nap”. A brevidade dos títulos antecipa a curta extensão das partes, reduzidas a um período do dia no qual a protagonista, a Serva Offred, se encontra sozinha no quarto.

Nesses períodos de isolamento, a personagem reflete e, sobretudo, compara a sua vida passada com o momento presente, aquele que corresponde ao tempo de implantação da revolução teocrática.

A noite poderá representar a escuridão da sua vida atual e a sesta o adormecimento dessa vida, talvez uma esperança em acordar dessa (ir)realidade. Os seus pensamentos levam-na, também, para o

período que se seguiu à sua captura, quando foi internada em instituições que procederam à sua “reeducação” para se tornar Serva.

Estas meditações têm, a maior parte das vezes, origem em observações e pequenos acontecimentos que Offred vivencia.

Nas secções narrativas mais longas, onde muitos destes devaneios também têm lugar, são marrados detalhes da diegese, muitas vezes de forma lenta e extensamente descritiva, permitindo ao leitor um conhecimento pleno dos contornos desta nova sociedade distópica.

The Handmaid's Tale é uma narrativa que coloca, como frequentemente acontece na escritora canadiana, mulheres que ocupam estratos menos bem posicionados da sociedade numa posição de protagonismo. Assim acontece com *Alias Grace* e com *The Year of the Flood*.

A narrativa prende-se em muitos detalhes, principalmente os relacionados com o ambiente e com as personagens. Os pormenores são-nos apresentados de uma forma lenta, como se a protagonista estivesse num estado de quase-morte ou tivesse sofrido um grande trauma (o que, neste último caso, é verdade), revivendo mentalmente aspetos de que nunca se lembraria numa situação normal, numa vida como a que teria sem as mudanças e sem as restrições que tem agora. É a vida a correr vagarosamente, como se não existisse tempo, como se o tempo não passasse. Esta dimensão do tempo psicológico é especialmente relevante no romance.

Numa vida normal, com muitos momentos bons, pode afirmar-se que o tempo passa rapidamente, o que não acontece na história de Offred, cuja vida é marcada pela negatividade.

A história, vivida no presente, narra vários períodos importantes da vida da protagonista através do recurso às suas recordações e sonhos. Assim, a anamnese estrutura grande parte do romance.

O “hoje”, no centro, e como ilustrado na figura 1, surge sem perspetiva de futuro, tudo converge para o centro, para uma espécie de buraco negro que exerce uma força descomunal. Tudo força Offred a situar-se na realidade presente, todos os elementos (o ambiente, as pessoas e as ações) dessa sociedade convergem num ponto comum, em ideias únicas, ideias fixas, imutáveis, controladas por essa força gravítica que tudo encerra em si própria.

Recorrendo a uma prolepse, a narradora conduz o leitor para um futuro indefinido, que pode estar distante ou próximo, que pode ser alcançável ou aparentemente inatingível, real ou imaginário. Uma vez aí, revela-nos a história da protagonista recorrendo a analepses.

O passado representa o presente do leitor, pretendendo a autora dizer que a distopia que criou está sempre à nossa frente (ou poderá estar), quer estejamos em 1985 ou em 2020. Para que tal aconteça, basta que a sociedade não esteja atenta a movimentos políticos e/ou sociais com desejos deste tipo de poder.

Como foi já referido, é através de viagens no tempo que Offred nos revela partes da sua vida passada (na verdade, uma outra vida). Tendo como inspiração factos, locais, objetos e pessoas, a protagonista recua no tempo, mas fá-lo de uma forma errática, como se tivesse todo o tempo necessário para o fazer deste modo aleatório, sem sistematização, sem urgência, sem uma linha temporal lógica. É assim que a Serva poderá estar, no mesmo momento, a vaguear pela infância com a mãe ou a fugir com a filha no período da revolução. Para isso coloca em discursos diretos aqueles as pessoas que foram mais importantes para si, nessa sua outra vida: a mãe, a amiga Moira, o companheiro Luke, a filha e, finalmente, após a revolução, as Tias e as companheiras que foram forçadas com ela à aprendizagem de uma existência confinada à procriação.

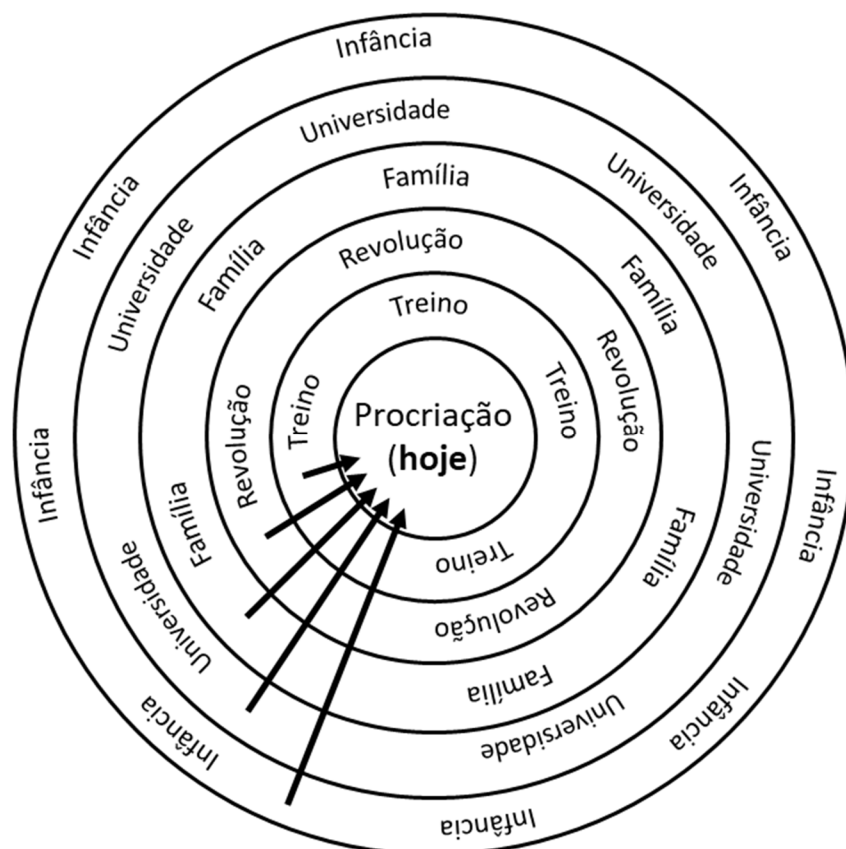


Figura 1- A vida distópica das mulheres: um movimento compressor.

As imagens representadas nas figuras 1 e 2 são uma análise visual possível de uma desconstrução do romance de Margaret Atwood, procurando colocar-se as suas ideias de forma diferente

para que se possa refletir sobre a obra usando outra perspectiva. Não significa isto que a narrativa esteja desordenada; pelo contrário, está organizada de forma a mimetizar o comportamento humano com as ideias a surgirem ligadas às interações com o ambiente e as personagens, facto que ajuda os leitores na compreensão da obra. Como se procura ilustrar na figura 1, é assim que a infância de Offred com a mãe, o período da universidade com Moira, o tempo da família com Luke e a filha, e o período de treino com as Tias e as outras mulheres capturadas, confluem no ponto central, na sua vida criada artificialmente para procriar, tal como se fosse um ciborgue, sem sentimentos. Offred é transformada numa criatura maquinal, valiosa porque capaz de procriar, mas cuja função meramente instrumental se limita a isso mesmo, à gestação de uma criança que fará a felicidade da mulher infértil do seu proprietário.

De salientar, todavia, uma outra grande diferença entre as imagens das figuras 1 e 2. Enquanto no representado na figura 1 existe uma linha temporal, é a história da protagonista até chegar a Serva, no que se representa como narrado na figura 2 essa linha temporal não existe, tudo se vive no presente.

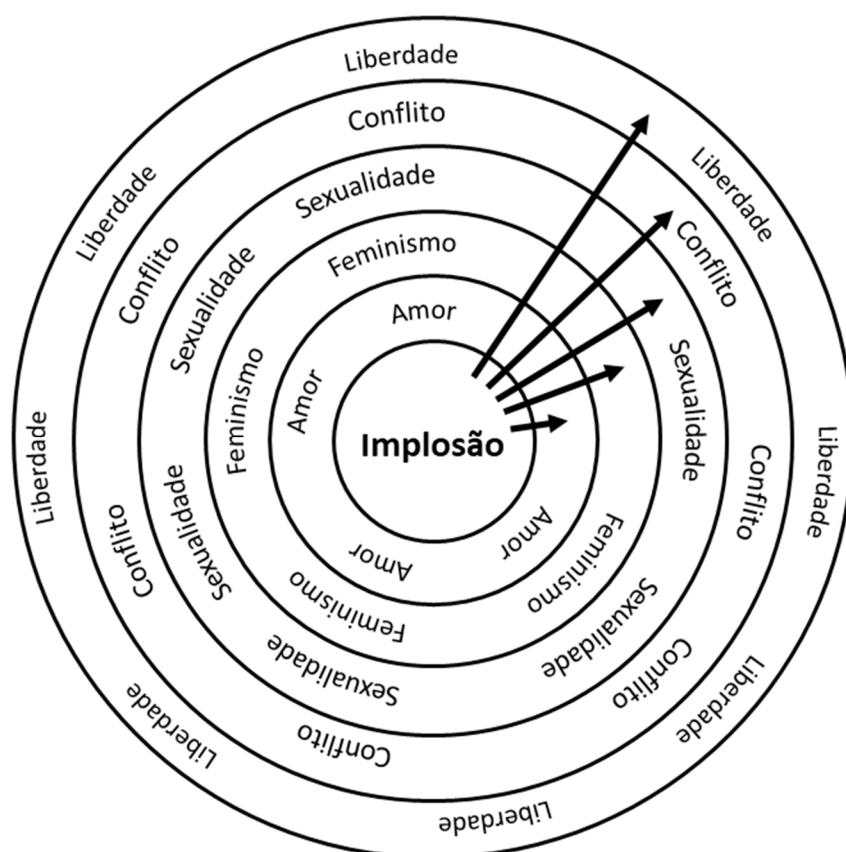


Figura 2- A implosão da sociedade num mundo ciborguiano.

O futuro não tem lugar nesta estrutura societária, será sempre igual ao presente. Na verdade, o futuro está encarcerado na própria força implosiva do presente. Sem o saberem, pensando que tudo

estava a convergir para as suas ideias, estas forças teocráticas não conseguem abarcar tudo o que procuram absorver. Porém, o futuro está aí, está nesta implosão que vai provocar uma nova expansão, dando lugar a novas ideias, ideias diferentes, ideias complementares, à liberdade. O futuro, aparentemente inexistente, está no próprio tempo, num tempo imobilizado – pela inexistência de futuro –, um tempo concentrado e absorvido pelo buraco negro, um tempo que começará a contar, novamente, do zero. É o tempo zero de uma nova existência, de uma vida pós-distópica. É para isso que servem as distopias, para definir uma nova fronteira (no) do tempo.

Neste ponto, assumem alguma importância os conceitos apresentados por Paul Virilio (2000): a redução do espaço a imagens bidimensionais, com falta de perspectiva, e a redução do tempo e do espaço a zero, uma vez que a informação circula à velocidade da luz.

A concentração de todas as coisas, como mostrado na figura 1, num único ponto parado no tempo não tem fim, gerando uma implosão do “hoje”. Através das relações humanas e da amizade, geram-se sentimentos mais fortes e, tal como na maior parte das distopias, senão em todas, surge o amor que aglutina essa implosão, como esquematizado na figura 2. É neste contexto que Margaret Atwood aborda os temas do feminismo e da sexualidade, o que conduz ao conflito, não necessariamente entre os géneros, e, por fim, a uma libertação, à liberdade, apesar de a autora não ter chegado tão longe nesta narrativa, deixando essa possibilidade em aberto. Esta estratégia é compreensível, uma vez que a narradora retrata de forma verosímil a sociedade em que vivemos e na qual nem o contexto social nem a própria escritora encontraram ainda respostas para estas questões.

Esta obra tem vários pontos de confluência com a subjetividade trazida pelos desenvolvimentos tecnocientíficos para a vida diária das pessoas, a transgressão de fronteiras e o feminismo, como abordados por Donna Haraway.

Recuperando o pensamento da ensaísta estado-unidense, pode chegar-se a esta afirmação: sendo nós ciborgues, mesmo que de forma subjetiva, fica assim de certa forma esbatida a diferença entre os géneros quando considerada a era da micro e nano-eletrónica em que vivemos.

É desta forma que a distopia procura criar uma imagem da sociedade atual, neste caso tendo em conta principalmente a relação de género, a importância relativa do homem e da mulher na sociedade, o confronto entre o machismo e o feminismo, o feminismo bom e o feminismo mau (avocando que todos os machismos são maus).

Num tempo “ciborguiano”: Será este tipo de argumentações necessário? Existirão diferenças entre homem e mulher? Serão necessários o homem e/ou a mulher para manter a espécie? Que espécie queremos manter? O *homo sapiens* continuará a existir? Poderemos chamar *homo sapiens* a pessoas com “poderes” incorporados artificialmente? Poderemos chamar-lhes pós-humanos? Ou uma nova espécie?

Nas secções seguintes procura-se estabelecer estas relações fazendo uma análise mais detalhada de *The Handmaid's Tale*, mas seguindo os esquemas mostrados nas figuras 1 e 2, e não a ordem da narrativa. Serão, portanto, analisados um movimento compressor da infância até à procriação numa sociedade distópica e a implosão dessa sociedade até à liberdade.

2.2. Movimento Compressor

2.2.1. Infância

Considerando a linha temporal tal como representada na figura 1, esta análise inicia-se com a infância de Offred, principalmente no que se relaciona com a mãe (círculo exterior da figura 1). Este tempo, bem como os períodos da universidade e da família, representam o presente do leitor (uma vez que o tempo pós-revolução acontece sempre num futuro incerto, não datado). São épocas da vida de Offred que foram colocados na história para chamar a atenção do leitor, para lhe mostrar que a vida pode mudar – para pior – repentinamente, tal como já aconteceu no passado. Margaret Atwood fá-lo através do recurso a comparações que nos são expostas, principalmente, pelas recordações de Offred. Estas anamneses encerram em si, todavia, os temas da procriação e do feminismo.

Desde cedo, Offred foi confrontada com contradições e lutas de dois lados de uma “barricada” construída pela sociedade – homem *versus* mulher. Esta dualidade é algo que existiu sempre na história da humanidade, não é algo descoberto no século XX, com os movimentos feministas. Ainda no ventre materno, dizia-se que existia a possibilidade de nascer deformada porque a mãe já tinha 37 anos, além de ser solteira, preconceitos que nos são apresentados como se fossem uma premonição. Ao mesmo tempo, por ter uma filha tão tardiamente, a mãe de Offred foi acusada, pelas feministas, de ser pró-natalidade. Além disso, tinha uma visão muito peculiar sobre os homens. Eram opiniões eventualmente comuns a muitas outras mulheres, mas colocadas sob a forma de perguntas para deixar o leitor a pensar na resposta. Como não perceber que falta sempre algo aos homens? (Atwood, 1996, pp. 126-127).

Claramente, este tipo de pensamentos aponta no sentido de um feminismo que pretende ser agregador de todas as mulheres, uma matriz de dominação de umas mulheres sobre as outras, mas uma matriz fabricada. No entanto, a narradora não identifica claramente que tipo de feminismo é, vai fazê-lo mais adiante. Estas ideias são apresentadas aos leitores em círculo, por fases, aparentemente com cuidado em não fornecer demasiada informação simultaneamente, abrindo um espaço na sua curiosidade para que, depois, a possa complementar com conhecimento adicional para a compreensão desse assunto.

Mais tarde, já com a família, existem outras referências à questão feminista. O marido, Luke, diante da mãe fingia ser machista, o que originava alguma discussão sobre o assunto, apesar de ele não o ser. Para Luke, cozinhar é um passatempo, mas isso seria nessa altura, porque antes, no tempo da mãe, chamar-lhe-iam maricas (*idem*, p. 128).

Penso que estas ideias, aparentemente simples, encerram em si a subjetividade da sociedade. São apresentadas assim, como se fosse uma pequena brincadeira, porque quem as defende não tem coragem para o fazer afirmativamente e, apesar de tudo, nessa subjetividade também existem as ideias de quem defende ou apoia este tipo de pensamentos considerados retrógrados. Tal como eles, Atwood apresenta-os eufemisticamente. A lembrança feita por Offred terá de ser analisada tendo em conta que ela o faz após o trauma da revolução e do treino para Serva, ou seja, terá de ser considerado que ela também sofreu alterações na sua subjetividade.

2.2.2. Universidade

Apesar do pouco texto dedicado na narrativa a este período da vida de Offred, a amiga Moira, colega da universidade, será importante no desenrolar da ação, como se verá. É, também, um período marcante para a formação dos seus conceitos de sociedade, além de um tempo de liberdade, mas sem as responsabilidades que a vida traz. Recordar-se de uma conversa no quarto com Moira, quando ela estava a fazer um trabalho sobre violações que aconteciam à noite, e de estar num parque com a mãe, que, com um grupo de amigas, queimava revistas com fotografias de mulheres, talvez revistas pornográficas (*idem*, pp. 43-46).

De notar, em ambos os casos, as referências ao feminismo e às lutas feministas, quer no caso do trabalho sobre violações, quer na queima das revistas. O poder do fogo pode ser visto como uma tentativa de eliminar o “mal”, mas parece constituir um modo radical de luta típico do feminismo marxista/socialista que tem por analogia o trabalho, como referido por Donna Haraway. Esta referência

de Margaret Atwood ao feminismo parece contradizer a referência anterior, na qual a mãe era acusada de ser pró-natalidade, ou seja, de ser a favor do feminismo radical caracterizado pela apropriação sexual por parte dos homens. Além disso, estes episódios de violação, mesmo que abordados num trabalho académico, condicionam fortemente a sua vida e a sua perceção sobre a sociedade e a forma como as mulheres se deviam comportar (necessariamente de modo diferente ao masculino), sobretudo tendo o cuidado de não despertarem atenções que pudessem conduzir a violações.

2.2.3. Família

Neste tempo com a família, Luke, a filha e a mãe, as recordações de Offred estão, como antes, relacionadas com a procriação e o feminismo, mas também com o amor.

O contacto com a água fá-la recordar a tentativa de rapto da filha no supermercado por uma mulher que dizia que a filha era sua. Offred pensou que era um incidente isolado, mas foi assim que tudo começou: com a constatação social da escassez de crianças.

Margaret Atwood começa por introduzir um motivo relevante na narrativa de forma suave e parcial, embora saibamos que ele se tornará tópico crucial no romance. A falta de crianças está, também, relacionada com a evolução da sociedade em que nós, os leitores, vivemos, e com a emancipação da mulher. Como Donna Haraway refere, essa emancipação é conseguida através do trabalho conquistado pelas mulheres como um direito, mas perdendo, assim, o tempo que poderia ser usado para a procriação. Existe, porém, uma diferença. Enquanto na nossa sociedade a falta de crianças se deve à alegada falta de tempo por parte das mulheres devido ao trabalho, na sociedade do romance deve-se à grande possibilidade de as crianças nascerem deformadas causada pelos desenvolvimentos tecnocientíficos. Colocam-se aqui em paralelo o trabalho e a tecnociência, os quais, como é óbvio, são totalmente interdependentes.

Mas, ao mesmo tempo que se recorda de detalhes sobre a filha, Offred sente que ela desaparece da sua mente. Nessa altura, quando a perdeu, a filha tinha cinco anos, agora devia ter oito (Atwood, 1996, pp. 69-70).

O tempo esbate a memória, ou partes da memória, causando aparentes contradições, mas permitindo discernir o que é importante: aprende-se a viver sem as “coisas”, sem as coisas materiais, mas não sem as pessoas. Este fluxo mental pelas recordações dos seres amados fá-la sentir-se estilhaçar. Ao recordar-se de Luke, pensa em alguém grávida, em bebés: “(...) nobody dies from lack of

sex. It's lack of love we die." (*idem*, p. 109). Esta frase indicia que existe algo a germinar bem fundo em Offred, apontando no sentido de uma libertação.

A vida com aqueles que podia amar desapareceu. Poderá voltar a existir amor nessa sociedade? Este conceito é importante no sentido de que necessitamos de outras pessoas, necessitamos de sentir alguma coisa, precisamos de amor, de qualquer coisa maior que objetos ou ações. Consegue-se isto com um Ciborgue? Com algo com inteligência artificial? E com animais? Esta constitui outra ideia subjacente ao trabalho mais recente de Donna Haraway (2003). É por esta razão que Offred faz esta reflexão: "There's nobody here (...). I too am a missing person." (*ibidem*). Na sociedade criada por Margaret Atwood, o amor e outros sentimentos (generosidade, compaixão, proteção dos mais fracos) não são permitidos. Será que a sociedade onde vivemos agora o permite? Para onde caminhamos neste mundo ciborguiano?

Offred recorda-se do emprego na biblioteca enquanto esperava que Luke se libertasse do casamento anterior. Hoje, neste tempo distópico, é estranho pensar em emprego: "All those women having jobs: hard to imagine, now, but thousands of them had jobs, millions." (*idem*, p. 178). Esta é uma das transformações que levou ao esbatimento das diferenças de género, mas, ao mesmo tempo, originou uma certa escravidão das mulheres, como defende Donna Haraway. A emancipação das mulheres através da independência financeira, também as escraviza porque o aumento considerável do número de pessoas (mulheres e homens) no mercado de trabalho faz com que os salários diminuam. Esta é uma realidade da sociedade globalizada em que vivemos, individualista e controlada por poucos. É assim que as aparentes conquistas femininas se podem transformar em derrotas. Esta é uma das razões que Donna Haraway aponta para o uso do mito ciborguiano no sentido de ajudar as mulheres e é, também, em minha opinião, usado por Margaret Atwood para chamar a atenção da nossa sociedade para o mau uso que se faz do conceito de trabalho. Ou seja, o trabalho é uma abstração porque não trabalhamos para algo palpável e que vamos usar, mas esta ideia não pode ser usada para transformar as pessoas em "abstrações", no sentido em que estão intrinsecamente ligadas à sua função trabalho. Julgo que o que afirmo é verdade para os homens, mas principalmente para as mulheres.

2.2.4. Revolução

A narrativa começa com a descrição da nova sociedade que emergiu após a revolução religiosa teocrática que tomou conta do país; foi uma mudança que ocorreu, também, de uma forma radical, na vida da agora chamada Offred. Esta parte muito curta, contida no capítulo I, mostra o corte com um

passado. Trata-se de uma rutura muito forte com a vida de liberdade e de sonhos e com um futuro que já não poderá existir. Estas ideias são estabelecidas por analepses de Offred quando é colocada pela primeira vez no quarto onde ficará instalada.

As suas memórias manifestam-se através de sensações pelo contacto com objetos que não foram substituídos na sua nova vida de “escravidão”. É no contacto com um edifício e com os acessórios usados para dormir (e viver) nesse local que os cheiros e os desejos do tempo de juventude emergem. Explicitamente, é referido o desejo sexual que o local recorda: é um lugar onde agora mulheres são mantidas prisioneiras, guardadas pelas Tias e por guardas armados, homens que desejavam que olhassem para elas, só para as verem e para sentirem que eram alguém e não só um objeto (Atwood, 2013, pp. 9-10).

Representa isto uma “coletivização” da própria existência das pessoas, típica de ditaduras, quer de direita, quer de esquerda, mas, também, de outro tipo de radicalismos de que são exemplos os feminismos extremados que procuram incorporar todas as mulheres, representando a dominação de umas sobre as outras porque todas têm de pensar da mesma forma.

As recordações do passado com Luke e a filha exibem agora uma imagem irreal, feita de sonhos. Num deles, Offred foge com Luke e a filha (que, agora, neste pensamento, está morta!). Durante esta fuga, de carro a caminho de outro país cujo nome não é anunciado, manifesta o temor que a própria felicidade pode sugerir: “Even his singing worries me. We’ve been warned not to look happy.” (*idem*, p. 92). Noutro sonho, corre com a filha na floresta, conseguindo perceber os pormenores: o ambiente, os cheiros, as plantas, o relevo do terreno, os tiros, a imaginação, a separação. “Off all the dreams this is the worse.”: a captura e a perda da filha (*idem*, p. 81). É uma fuga para fora, como talvez o sejam todas, só interessa sair dali. De notar que esta imagem de fugas pela floresta é recorrente; sempre que existem perseguições deste tipo, as pessoas fogem para a natureza, procuram as suas raízes.

Importa, assim, realçar a importância dos sonhos na narrativa: eles constituem revelações de situações angustiantes e contêm fragmentos dolorosos, que, por natureza, muitos sonhos contemplam. Numa perspetiva clínica, significam o desocultamento de estados de inconsciência e a revelação de realidades que, em estado vigilante, Offred esquece ou é forçada a esquecer pela aprendizagem de todo um novo modo de vida em Gilead.

Offred reflete sobre a sua existência e, ao mesmo tempo, procura dentro de si motivos para se manter viva. Nessas reflexões anuncia a sua “fé” sobre Luke: i) Luke morto na floresta – sabe tudo, o que ele veste, a sua posição, como foi morto e outros detalhes; ii) Luke sentado em qualquer lugar, vivo

– não sabe nada, imagina que tenha sido preso, mas sem acusação; iii) não apanharam Luke – atravessou a fronteira, provavelmente foi acolhido pela resistência que aparenta existir, ele vai enviar uma mensagem de esperança, é essa mensagem que a mantém viva. Todavia, seja qual for a verdade, acha que estará preparada para o acolher. No limiar do acordar, sonha que está acordada, mas noutra quarto. A meditação sobre a sua existência continua. Estará drogada? No entanto, sente a sua sanidade, sabe tudo sobre si, tem consciência disso. O pensamento anterior talvez seja só um desejo. Senta-se na almofada com a palavra “FÉ” escrita. Talvez tenham sido três almofadas, além da FÉ, ESPERANÇA e CARIDADE (*idem*, pp. 115-116).

A reconstituição destes episódios da vida de Offred é, porventura, demasiado exaustiva. Faço-a, todavia, com o propósito de sublinhar as marcas de ansiedade geradas pela própria narrativa: na sua protagonista e no leitor. De resto, a adaptação do romance a uma série televisiva revela idêntica preocupação.

Estas três palavras são as virtudes teológicas tal como representadas, por exemplo, no escadório do Bom Jesus, em Braga. São as virtudes necessárias para entrar no “templo”. Ou seja, é uma ideia de movimento para atingir um objetivo específico, um caminho de reflexão e inspiração, uma limpeza espiritual que conduz à virtude, o caminho para a felicidade.

Por um lado, o termo “fé” remete para especulações sobre o destino do homem amado, um sentimento de esperança que ele esteja bem e, ao mesmo tempo, para um sentimento de confiança na humanidade, considerando agora a possível existência da almofada “caridade”. Por outro lado, observa-se a esperança da sobrevivência baseada num grande amor, tal como o relato de um resistente dos campos de concentração nazis, um médico psicólogo, que somente resistiu às sevícias porque tinha sempre presente na sua mente a mulher (Frankl, 2008). Estamos diante de um relato da psicologia da sobrevivência em condições extremas. Será que Margaret Atwood pensa que a sociedade criada pela sua imaginação vai acabar no tempo de vida da Serva ou que, então, esta será uma esperança para um futuro mais longínquo?

Talvez seja este o nosso estado de consciência, substâncias químicas a controlarem as ações, as emoções e o pensamento. Está aqui uma relação com uma das formas de controlo, modos de alterar o nosso comportamento ou de criar humanos mais dotados.

Durante a revolução, milhares de habitantes de Gilead são transportados para a “National Homeland One”, local onde ficam a viver e a trabalhar – talvez na agricultura. Uma reminiscência do passado estabelece um paralelismo com a nossa realidade. São exemplo disso a corrida Americana ao

ouro no século XIX e, na atualidade, a deslocação massiva de pessoas para as grandes cidades à procura de trabalho. No primeiro caso, a consequência imediata foi o extermínio dos Índios, *i.e.*, o colonialismo a trazer as lutas de morte entre raças, e, no segundo, as consequências estão relacionadas com o capitalismo, as lutas de classe, tal como refere Donna Haraway.

Com objetivos de propaganda, os responsáveis do regime exibem filmes sobre a vida no passado: "Sometimes the movie she showed would be an old porno film (...)." (Atwood, 1996, p. 124). Por vezes, as mulheres faziam alguma coisa útil, mas eram ímpias. Nesses filmes não passam a banda sonora e as protagonistas eram "não-mulheres". Além dos filmes, exibiam cartazes propagandísticos. com dizeres. Faziam-no propositadamente, uma vez que a leitura não era permitida às mulheres.

A importância destas ações propagandísticas está relacionada com um determinado tipo de lavagem cerebral, de educação para a sociedade ditatorial, ou seja, mais uma vez o controlo dos sentimentos, mas agora através de imagens "colocadas" na mente (em flagrante aproximação com a narrativa orwelliana antes considerada). É uma estratégia típica de estados ditatoriais, nos quais o processo formativo, desde cedo, se orienta para ações propagandísticas que, em permanência, exaltam os valores de uma sociedade e denigrem os de outra ou outras. Assim acontece na atualidade com a Coreia do Norte e o investimento político na propaganda do regime. De um lado, um estado protetor, bondoso, inofensivo; de outro, as imagens de agressores (sejam norte-americanos, sejam japoneses, sejam sul-coreanos) com total responsabilidade, na lógica da propaganda, pelos problemas do país. A propaganda é uma poderosíssima arma de "lavagem cerebral" e de perpetuação do confronto nós – os outros.

Margaret Atwood continua a apresentar a história da revolução teocrática por etapas. A mãe de Offred guardou notas que deixaram de poder ser usadas; notas que tinham escrito "Em Deus Confiamos". Foram substituídas por cartões de plástico, apesar do dinheiro poder ainda ser usado em mercearias, em compras de pequeno valor. Depois, foi tudo para o Infobanco. Foi assim que conseguiram eliminar o dinheiro e colocar as pessoas dependentes de um sistema informático, pelo uso dos cartões. A liberdade foi eliminada através da imposição de dificuldades económicas, controlando os bancos. Depois: alvejaram o presidente, dispararam contra o congresso, declararam o estado de emergência, suspenderam a Constituição. No entanto, nenhuma pessoa surgia como mentor desta revolução, alguém que pudessem usar para libertar a raiva (*idem*, pp. 177-182).

Note-se o paralelismo com a sociedade atual. Na verdade, não sabemos quem controla os países, uma vez que a sua dependência do poder económico está concentrado em empresas que,

servindo-se dos desenvolvimentos tecnocientíficos, conseguem, neste mundo globalizado, fazer convergir esse poder económico para a mão de muito poucos, alegadamente pelo benefício que estas novas tecnologias podem trazer aos indivíduos. Os que as detêm e controlam estão a prejudicar a sociedade (as pessoas) no sentido de lhes coartarem a liberdade, de lhes retirarem o poder de decisão sobre quem os governa, sobre a sua própria vida. Esta (aparente) democracia depende de pessoas que votam informadas por sistemas feitos à sua medida, à medida da sua individualidade. É uma sociedade ciborguiana, tal como descrita por Donna Haraway.

As etapas seguintes deste processo revolucionário teocrático em curso têm como objetivo eliminar as conquistas das mulheres no sentido da sua emancipação, criando uma nova ordem patriarcal. Nesse sentido, a revolução continua com mais revelações: a animação foi suspensa, foram criados bloqueios de estrada com identificação, assim como de contas bancárias, contaram-se mentiras sobre as novas eleições, foram despedidas todas as mulheres, foi impedido o acesso feminino a quaisquer bens (as contas com F foram eliminadas, as com M não), realizou-se uma transferência das contas bancárias para os familiares homens, reprimiram-se à bala pequenas manifestações.

Offred começou a trabalhar em casa, mas com pouca conversa com os vizinhos. Começou a recordar-se e a compreender melhor as manifestações que a mãe fazia a favor do aborto. Alguma coisa mudou na sua relação com Luke: ela passou a ser sua propriedade. No entanto, ele acha que não é assim, mas não se sente responsabilizado (*idem*, pp. 183-188). Ao tentar passar a fronteira com os novos passaportes, verificaram que eles estavam inválidos para a nova ordem imposta ao país. Estava tudo inválido, o anterior não existia (*idem*, pp. 232-233).

Note-se, mais uma vez, a semelhança com a sociedade tecnocientífica globalizada atual. Os indivíduos satisfazem as suas necessidades pontuais, exigindo sempre mais, mas dando em troca a sua liberdade. Só precisam de estar conectados à rede, às nuvens de computadores. A sua visão fica limitada, toldada pelas imagens que lhes surgem no plano dos ecrãs instantânea e rapidamente, um número incontável de imagens. Ficam anestesiados pela capacidade aparente de absorverem tudo, de saberem tudo. Se acordarem, se acordarmos, o mundo já não será o mesmo. De facto, já não é. Em última instância, a sensação de liberdade não passa de uma ilusão atual, porquanto a sistemática ligação a redes e a exposição a imagens, ora buscadas ora impostas, cria um novo tipo de aprisionamento, dissimulado pela retórica da liberdade individual.

3.2.5. Treino

“Even this is as usual, now.” (*idem*, p. 62). Na realidade, as pessoas habitam-se depressa, ou a isso são forçadas, como na presente situação, a uma nova vida, tanto para melhor como para pior. Talvez se possa dizer que é o instinto de sobrevivência: mesmo “ignorar” exige esforço. De qualquer forma, as mudanças são graduais. As “histórias” aparecem aos poucos. Vamo-nos habituando, até que quando damos por ela, estamos numa nova vida, nos espaços entre as histórias. Deixaram no quarto de Offred uma almofada desgastada pelo tempo com a palavra “FÉ” bordada: lê a única palavra que “inadvertidamente” abandonaram. O Comandante tem o cabelo branco, uma melhoria relativamente ao anterior, que era careca. (*idem*, p. 63).

É desta forma simples e quase impercetível, o que a torna natural, que Margaret Atwood introduz a passagem da Serva por vários homens. Mais uma vez, isto representa a despersonalização e a objetualização femininas, a Serva como um instrumento com uma função social bem definida. Pode-se entendê-la como um ciborgue, como um bem que pode ser “vendido”, neste caso fornecido a outros homens, a outra família, ou melhor, a outro casal. Note-se, também, o facto de cada casal ter recebido várias mulheres ao longo do tempo. Assim, o homem é, também, um objeto, alguma coisa para servir a sociedade, para manter a espécie. Mas não só o homem, todos os habitantes daquela casa – e das outras como esta. Uma única função: a reprodução para manter a sociedade.

As casas de banho não têm espelho. As servas tornam-se vulneráveis com os espelhos, advogava a Tia Lydia. Mas esta afirmação (que adquire valor dogmático na narrativa) não é desenvolvida, obrigando a colocar a questão: vulneráveis a quê?! São espaços simples e sem meios que as Servas pudessem usar para se matarem. Ou, talvez, porque poderiam refletir sobre a sua existência e revoltarem-se, o que era pior para esta sociedade. O cabelo comprido tem de ser tapado ou rapado, segundo S. Paulo, dizia a Tia Lydia. Sente a sua nudez como estranha. Não olha para o seu corpo porque sente que a individualiza (*idem*, pp. 68-69).

A referência aos espelhos e ao cabelo permite três olhares. Em primeiro lugar, a supressão dos espelhos e o ocultamento dos cabelos surgem como uma tentativa para eliminar uma tendência bastante feminina de alimento da vaidade e, ao mesmo tempo, uniformizar ou padronizar as mulheres. Em última instância, ausência de espelhos e encobrimento de cabelos visam torná-las indiscerníveis aos olhos masculinos, pois o que diferencia as mulheres e o que determina mecanismos de atração é a sua beleza física que elas (tal como os homens) muitas vezes buscam ver ratificada nesse objeto que é o espelho;

a cor e a extensão dos cabelos. Não é por acaso que na narrativa infantil *A Branca de Neve*, a madrasta da jovem princesa procura insistentemente que o espelho responda a essa pergunta sobre beleza.

Em segundo lugar, além desta ideia de beleza porventura superficial, o facto de existir a possibilidade de as pessoas se observarem a si próprias, com o seu próprio olhar necessariamente diferente do olhar dos outros, pode induzir um sentimento de individualização, uma noção de diferenciação, uma ideia que abre novas possibilidades à sua existência. Até porque os olhares dos outros podem estar enviesados pelos mesmos sentimentos individualizantes e, portanto, não se pode confiar neles.

Finalmente, olhar para si próprio permite comparações com os semelhantes, quer no que respeita ao que se observa superficialmente que, apesar de tudo, transforma um corpo tridimensional numa imagem a duas dimensões, alterando a perspetiva, e que mostra uma beleza ilusória e instantânea (" Espelho meu quem é mais belo do que eu?"), alimentando sentimentos de inveja, quer no que concerne ao olhar mais profundo que pode ser induzido, uma vez que existe a possibilidade de múltiplas perspetivas.

No entanto, e tendo em conta o tópico que se pretende aqui abordar, a ausência de espelhos faz com que as pessoas, que executam (ou existem para) as mesmas funções na sociedade, sejam todas iguais (ou aparentem ser iguais entre elas). São ciborgues uni-funcionais indiferenciados pelas características que são relevantes para a função que executam nesta sociedade. Por exemplo, uma Serva necessita de um útero viável, tudo o resto se revela inútil, exceto se servir os propósitos da procriação, a Esposa é um ciborgue que exerce funções de relações públicas específicas para o estrato feminino mais elevado da sociedade, mas sempre com o propósito da procriação, e o Comandante é, também, um dos agentes principais nessa mesma atividade reprodutiva, apesar de alegadamente exercer funções importantes na sociedade, mas sem nunca se saber quais (pois a sua única atividade relatada com pormenor é a relação com Offred).

O treino para o parto é apresentado aqui como alternativa a outras atividades, é um ocupar do tempo. O descanso durante os intervalos fazia parte do treino: as Servas eram treinadas para o tédio. Moira foi encaminhada para o local de treino onde Offred estava, era uma amizade que a fazia sentir mais segura. Este aspeto revela que as ligações humanas atenuam o sofrimento, muito embora nesta narrativa as amizades contenham sempre um elemento de suspeição. Basta pensar que não é por acaso que as Servas se deslocam à rua em pares: cada uma observa o comportamento da outra, vigia eventuais comportamentos subversivos, controla os movimentos da companheira que segue o seu lado

para uma loja ou a observação do muro onde são degolados os “traidores” dos ideais do Estado teocrático.

No treino, alguém dava o seu testemunho, alguém contava a sua experiência. Era um ritual que servia não só para se exporem de uma forma humilhante, revelando as suas fragilidades, mas que servia também para ratificar do valor do treino.

Isto poderia significar que as Servas não eram elas próprias, estavam drogadas pelo sistema. Simultaneamente, não sabiam os castigos que aplicam às “prevaricadoras” dos costumes, mas “Not knowing makes it worse.” (*idem*, p. 78). Rezam ajoelhadas aos pés da cama, todas em conjunto. Rezam pela sua futura função, por não terem sido feitas homens, por lhes ter sido dada a possibilidade de procriarem (*idem*, p. 200).

Mostra-se aqui o apelo ao espírito de sacrifício e de subalternidade, convencendo as Servas de que, afinal, têm um dom superior: a capacidade única de procriação.

Esta é outra forma bastante forte de controlo: quem se comporta da forma socialmente expectável é especial. Na sociedade atual faz-se com que as pessoas fiquem ocupadas em serem especiais na sua função muito específica, sem a possibilidade de poderem olhar para o lado, para os outros, para as funções dos outros. Não pretendo com isto menorizar o valor de capacidades únicas e de talentos; tão só pretendo pôr em evidência a noção de uma certa banalização atual do conceito de “ser especial”, por exemplo, pela participação num *reality show* ou então pela integração num grupo de “celebrities”, cujas funções “especiais” são, em rigor, uma incógnita.

É, também, por esta razão que as Servas vestem o antolho, para não verem. Poderão existir duas formas de promover esta escuridão, tapando tudo, como a aqui relatada, ou proporcionando excesso de informação, como o que acontece atualmente com as redes sociais e com os *media*, como já referido.

2.2.6. Procriação

Esta etapa central do processo de mudança é a mais longa do romance. Como se referiu, nas etapas anteriores o tempo evolui, Offred passa da infância para a vida adulta. Pelo contrário, neste ponto, o tempo imobiliza-se. Como consequência disto, todas as vivências das personagens deixam de ter uma ordem lógica e temporal, sucedem-se ao ritmo da pena e da imaginação da ficcionista. Na verdade, a maior parte dos episódios aqui relatados poderia seguir outra ordem sem alterar o seu significado.

Saliente-se, no entanto, que estes episódios vão moldar a subjetividade de Offred que, de uma forma crítica, conduzirá a uma alteração das suas prioridades de vida e ao despertar de sentimentos adormecidos, em particular o amor. Existe um início, a entrada no seu novo quarto, mas não sabe se terá um fim, um futuro.

O primeiro parágrafo do capítulo II remete o leitor para uma prisão, um local onde existe uma grande probabilidade de suicídio. Assim, a sociedade distópica tinha medo que as Servas se suicidassem por se acharem sem saída para a sua vida e, por essa razão: "They've removed anything you could tie a rope to.". Por outro lado, esta parte descritiva inicial também nos remete para uma simplicidade monástica, um regresso aos valores tradicionais, sem desperdício e sem desejo: "I am not being wasted. Why do I want?". No quarto onde a Serva dorme ainda são permitidas flores; no entanto, a Serva compara o quarto com os aposentos do exército, imaginando que todos os quartos devem ser iguais. Apesar do seu pensamento fluir livremente, como tem a intenção de durar, de viver, evita pensar. Todavia, o quarto é uma prisão, não para o corpo, mas para as fugas que podem abrir nelas próprias, e, apesar de tudo, é um privilégio poderem respirar e gozar o sol. (*idem*, pp. 13-14).

A exemplo do que acontece num quartel, esta descrição revela o propósito uniformizador de uma sociedade totalitária. O uniforme – assim podemos chamar à indumentária das Servas – tem esse objetivo de subtração da individualidade e de construção de um universo humano homogéneo. Idêntica situação é retratada em *1984* de Orwell. Num plano que já não pertence à ficção, mas sim à realidade, sabemos – ainda que estejamos a falar de um Estado que não por acaso é chamado "eremita", ou seja, de uma sociedade onde é mais o que se desconhece do que aquilo que se conhece – que o uniforme faz parte inalienável da condição dos habitantes daquele que é considerado o mais fechado país do mundo: a Coreia do Norte.

A necessidade de controlo, referida anteriormente, pode conduzir a que quem é controlado se sinta sem saída para a sua vida. Esta ideia é aqui apresentada através da descrição dos aposentos das Servas: quartos simples que não provoquem desejo. Mas, na verdade, o problema está no pensamento, na inteligência, na subjetividade que Offred transporta consigo e que foi sendo construída desde que nasceu. Todas as Servas foram (re)educadas para serem subjetivamente um ciborgue uni-funcional, sem inteligência, e os controladores não querem que "fujam" desta sua nova condição.

Não existe dinheiro real, mas um mercado negro onde há sempre alguma coisa para troca – tal como nas prisões. Apesar da tristeza convocada pela comparação com prisões, ou por causa desta sua

condição, a Serva faz um esforço para se lembrar do seu jardim. Uma memória de felicidade convocada pela simbologia que pode associar-se a um jardim.

A Esposa foi o primeiro contacto pessoal de Offred nesta que era a sua terceira casa. Tinha medo dela porque sentia a sua inveja. As regras definidas pela Esposa contribuía para esse receio. O facto de a Esposa do comandante declarar à Serva que gostaria de a ver e de lhe falar o menos possível, somente quando estritamente necessário para as suas funções. Pode ser visto como uma transação comercial. Além disso, apesar de tudo o que pudesse acontecer, o marido era seu até que a morte os separasse. Deparamo-nos com uma educação religiosa das mulheres (e homens) baseada nas Escrituras. As Tias tinham uma desculpa para este comportamento das Esposas. Diziam que para elas também não era fácil. Como se vai verificar: a vida não é fácil para ninguém (*idem*, p. 20-22).

Importa sublinhar que, ainda que gozando de inúmeras prerrogativas, as Esposas não são mulheres que a narradora trate sem nelas identificar aspetos menores. Basta pensar que lhes é retirada uma capacidade feminina vital: a procriação. Uma Esposa tem necessidade de uma Serva para esse efeito. Assim, o que implicitamente Margaret Atwood apresenta no romance é a famosa dialética de Hegel: senhor/escravo. São criaturas interdependentes. O primeiro pode hostilizar o segundo, mas precisa dele; o segundo pode sofrer com a humilhação do primeiro, mas também necessita dele. Além disso, é mostrada aqui a existência de uma hierarquia patriarcal. A Esposa está casada com o Comandante, ou seja, a Serva não deverá pensar que as relações íntimas que vai ter com ele poderão inverter esses papéis. Isto representa uma espécie de corporativização da sociedade.

A narradora compara a “pseudo” liberdade sexual que existia antes da revolução com a que a protagonista vive agora, como Serva. A vida anterior é mostrada através de viagens mentais que a protagonista faz, como Serva. Assim, surge uma questão, a de saber se o facto de agora ser uma Serva tem alguma influência nos seus pensamentos. Ou seja, saber se a sua subjetividade está a ser alterada pela nova vida. É minha opinião que está. A vida sexual atual, ou a ausência dela, é relatada pelos factos, intercalados com recordações dos tempos do treino, após a sua captura.

Uma das tarefas da Serva é fazer compras para a casa. Não é uma atividade que seja de facto necessária, poderia ser realizada por outro membro da casa, mas fá-lo porque a ajuda a fazer exercício e a manter-se em forma para a sua atividade fulcral, a procriação. Ao percorrer o jardim, antes de sair para a rua, sente-se como uma criança que pela primeira vez vive alguma coisa nova. Porém, não o pode fazer sozinha, vai sempre acompanhada. Cada momento, cada objeto, cada planta, cada esquina, constitui como que uma nova surpresa. Na rua espera pela sua acompanhante, uma Serva de outra

casa perto. Durante essa espera, comporta-se como se fosse uma árvore, sem se mover, ou mexendo-se com a brisa. À chegada da outra Serva cumprimentam-se: “Blessed be the fruit,” diz a que chega, “May the Lord open,” responde ela. Só podem sair aos pares, não pelo medo que fujam, mas pelo medo que conversem, pelo receio de grupos maiores. Existe entre elas um pavor latente de comunicarem: a outra pode ser uma espia. De novo se evidencia o princípio totalitário: o vizinho, o companheiro, até o familiar, pode ser um delator. A suspeição é um princípio fundamental de sobrevivência (*idem*, pp. 23-28). Importa também destacar a importância omnipresente da procriação, na reiteração da fórmula de cumprimento.

É introduzida, pela primeira vez na história, uma Serva grávida, mas tendo em atenção que antes foi aludida a ausência de crianças (*idem*, p. 31). O aparecimento de uma Serva grávida cria entusiasmo em todas as presentes, como que fazendo levá-las a pensar que poderiam ter sucesso, que também poderiam ficar grávidas, que seria possível realizar a tarefa para que foram treinadas, que o futuro existia. As Servas são profissionais da procriação “natural”. O corpo da Serva pode ser visto como constituído por partes e que só interessa manter em forma aquelas partes que servem o propósito da procriação. Representam-se, assim, as Servas como máquinas, como ciborgues, cuja única função é procriar. De notar que mesmo os ciborgues têm um tempo de vida, como se verá ao analisar o romance de Ian McEwan. Assim, as Servas não sabem o que as espera depois das funções reprodutoras findarem: poderão ser recicladas ou colocadas nas colónias poluídas.

As abas dos antolhos não lhes permitem olhar de uma forma normal: olham para o mundo de modos diferentes, “in gasps”. Pensam em coisas bonitas do passado, forçando-se a acreditar que tudo era bom. Só lhes é permitido, no entanto, deslocarem-se num espaço limitado, não podem ir ao verdadeiro centro da cidade (de metro). A igreja é como um museu, deixaram-na intacta. Parece que somente as coisas mais recentes os incomodam. Ofglen, a sua companheira de viagem momentânea, faz gestos encenados só para parecer bem, para tirar partido disso. (*idem*, pp. 36-37).

O muro, de tijolo vermelho muito antigo, está localizado junto ao portão principal e tem corpos pendentes pelo pescoço e de mãos atadas. É um “Men’s Salvagings” (*idem*, p. 38). São corpos que estão lá para serem vistos e alimentarem o terror. Têm sacos a tapar as cabeças, parecendo bonecos, espantalhos para assustar. Eram médicos dos tempos antigos, como indica um feto desenhado nas roupas. São considerados criminosos de guerra. Os crimes são retroativos, eram médicos antes, não agora. Estes corpos são como um anacronismo, viajaram no tempo. Para a Serva, esta imagem serve para encontrar o seu caminho neste novo mundo, pois o seu objetivo é a sobrevivência. O anacronismo

está, também, na ideia de que os médicos conhecedores de uma tecnociência mais evoluída, que a que é usada agora nesta função de procriação, são expostos e mortos numa sociedade que recuou no tempo.

É apresentado um novo conceito: o não-bebé. São bebês que nascem com malformações. Com esta imagem começa a delinear-se na história o problema da reprodução. Será também por isso que as Econoesposas não gostam das Servas (*idem*, p. 49). O nascimento de crianças com deformações aponta também para projetos eugénicos que, na História da civilização ocidental, ainda no século XX foram levados a cabo pelo Nacional Socialismo com a criação de campos de extermínio onde crianças e adultos com deformações físicas eram assassinados. Talvez fosse esta uma maneira de eliminar os potenciais “genes maus” do processo de apuramento da raça encetada pelo regime referido, uma das formas referidas no capítulo 2 deste trabalho como podendo ser usadas para a implementação de uma evolução ciborguiana.

Ao entrar em casa, pelas traseiras, Offred sente o aroma do pão acabado de fazer, um cheiro nostálgico, o aroma do fermento que lhe faz lembrar todas as mães. As cenouras velhas representam outro retorno no tempo – talvez da própria autora que o viveu, por oposição às cenouras limpas que se encontram agora nos hipermercados. Sente que a Marta (empregada que exerce sobretudo funções de cozinheira, mas é também vigilante da Serva) lhe inveja os passeios, mas, nesta sociedade, todos invejam alguma coisa dos outros. Quando se tem pouco, bens materiais e não só, são as pequenas coisas que se revelam importantes. É o caso de panos de loiça sempre iguais, como que representando a normalidade. O banho da Serva é apresentado como uma tarefa doméstica – uma representação da despersonalização (*idem*, pp. 54-55). O que passou a ser normal foi, em primeiro lugar, a falta de bens que eram abundantes antes. Isto não acontece porque as capacidades tecnocientíficas desapareceram, mas porque tem de ser assim, é a lei. A sociedade ficou com pouco do que havia antes, que talvez fosse muito. Assim, a despersonalização e a transformação de pessoas em máquinas, não acontecem somente porque as ações sobre os corpos o indicam (*e.g.*, o banho da Serva), mas porque a subjetividade trazida pelas relações das pessoas com os objetos também é alterada.

Offred tem o dever de ir ao médico uma vez por mês. Ele nunca lhe deve ver a cara, só o tronco nu. Não devia falar, mas desta vez fá-lo. O médico manifesta vontade de ajudar Offred na sua tarefa de engravidar. Quer ajudá-la, mas não da forma que ela pensa naquele momento. Não são só as mulheres que são estéreis, como diz a lei; existem homens que também o são. Daí a oferta dos seus “serviços”. Offred recusa diplomaticamente, não o pode fazer diretamente devido ao poder que os médicos detêm na elaboração do relatório sobre a sua função reprodutora. Seria como perder o emprego e o estatuto

que ele lhe confere, o que nesta sociedade é relevante, apesar de tudo (*idem*, pp. 65-67). É uma ditadura, onde quem detém pequenos poderes tenta sempre servir-se deles junto de quem tem menos ou nenhum poder. A Serva faz uma escolha, o que a atemoriza, uma vez que não sabe a reação do médico. Simultaneamente, o médico que devia considerar Offred como um objeto a tratar, fazendo observações somente sobre a parte do corpo que interessa, tal como uma máquina unifuncional, deixa de o fazer.

Na verdade, todo o conteúdo destas páginas remete para a ideia de que as Servas são uma máquina, um ciborgue, um misto de máquina e organismo. A mulher é um ciborgue em que a parte orgânica é o útero; o resto, o que auxilia na procriação, é máquina, mas algo que é fabricado, que não nasceu.

Note-se aqui, novamente, um paralelismo com o trabalho de Donna Haraway, no sentido em que a subjetividade que emana dos ciborgues é fabricada, não é natural.

O tédio das mulheres constitui um estimulante erótico para os homens – uma análise baseada na observação em galerias de arte onde se mostram mulheres suspensas no tempo. Offred está lavada, escovada e alimentada, pronta para qualquer coisa, como o porco para ser morto e ingerido. Aguarda uma espera para a morte, não a do corpo. Sente-se como se de um porco se tratasse, alguém a quem davam uma bola para ter em que pensar, ou então a imagem dos ratos que davam choques elétricos a si próprios para terem que fazer (*idem*, p. 69-75).

A cerimónia de procriação decorre com todos os membros da casa presentes. É a parte central do romance e, também, a mais chocante. É um processo algorítmico, computacional, artificial: sair do quarto, descer, entrar na sala, ajoelhar, esperar, nova espera, Martas, Motorista, Esposa, a espera pelo Comandante. Tudo no ambiente da casa remete para tempos antigos – a casa é antiquada e sombria. Foi criada assim com um propósito: a criação de um retorno no tempo e no espaço. Neste ambiente tudo tem o seu lugar – tal como a cadeira do Comandante.

O Comandante é o patriarca que agrega a casa. Veste um uniforme preto que, tal como tudo o resto, tem como objetivo sugerir uma ideia particular, criar uma personalidade adequada ao seu papel na diegese. Olha para todos como se fossem um objeto, é um homem rodeado de mulheres.

A história bíblica de Raquel e Lia é o mote para o romance, apresentada na leitura de um excerto feita pelo Comandante. A esposa, Serena Joy, tenta manter a dignidade, mas chora, porque sente a dificuldade de viver uma situação que também causa desconforto ao marido. É revelador que seja

convocado um texto religioso, porque sociedades teocráticas fazem da letra do seu documento orientador (*e.g.*, Bíblia, Alcorão) um elemento que, a todo o momento, legitima comportamentos (*idem*, p. 93-99).

Num plano igualmente simbólico, o nome próprio da mulher do Comandante adquire relevância, porque Ihe compete (no espaço doméstico e na esfera pública) manter sempre a serenidade, mesmo sabendo que não possui o dom que Gilead valoriza acima de qualquer outro: a capacidade reprodutora.

A parte principal da cerimónia, a fecundação, decorre conforme o habitual. De olhos fechados, deitada, Offred veria o dossel, e apenas o dossel branco – o elemento de decoração do quarto que ficava no seu horizonte. Uma cerimónia sem humanidade. Serena Joy controla todo o processo, uma vez que segura a Serva, “we are one flesh, one being”, e está em posição de ver tudo, assumindo assim, também, o controlo do produto da cerimónia. Ao segurar a Serva, pressionava os anéis nos seus braços, causando-lhe desconforto, parecendo que se queria vingar, mas sem se saber de quem. Em aparência, tem o controlo total, enquanto o Comandante acede apenas a uma parte do corpo, a inferior, uma vez que não consegue ver a restante. É de facto uma cena deliberadamente construída para provocar o choque, agravado pelo facto de a narradora não identificar um termo adequado para definir esta situação absolutamente invulgar: feita para chocar, mesmo quando a autora disserta sobre a palavra certa a usar nesta situação: i) não é fazer amor; ii) não é copular, porque implicaria a existência de duas pessoas e neste ato só participa uma; iii) não é violação, porque a Serva tem escolha apesar de muito limitada (poderia ter optado pela ida para as colónias). Por tudo isto, a Serva não se mexe, imagina o dossel. Ou seja, não está presente: “Maybe I’m crazy and this is some new kind of therapy. I wish it were true; then I could get better and this would go away.”. Serena Joy comporta-se como se estivesse ela a ser copulada e o Comandante age como se não estivesse ali: “But isn’t this everyone’s wet dream, two women at once?”. Na verdade, não é excitante, não é paixão, amor ou romance. Isto não é lúdico para ninguém (*idem*, pp. 100-102).

O Partomóvel transporta as Servas para assistirem à cerimónia do nascimento. Nesta situação existe sempre o receio de que nasça um não-bebé. Não se podem usar máquinas (por exemplo para realizar uma ecografia) que permita saber antecipadamente o estado do futuro bebé. Devido aos problemas ambientais, a hipótese de nascimento de um bebé é de 25%, um declínio no número de nascimentos que não tem uma única causa (*idem*, p. 119). Isto mostra um paralelismo com o tempo em que a Igreja definia de uma forma mais efetiva as regras e, também, com o mundo atual, principalmente nas sociedades onde esse predomínio se mantém mesmo que encapotado.

O parto deve ser natural e sem assistência médica. No passado, os médicos controlavam os partos, drogando as mulheres, induzindo partos, cortando-as e cosendo-as, como se poderia fazer com um robô danificado.

A descrição dos partos no romance representa a ciborguização da medicina, neste caso específico da procriação. A Esposa era celebrada como se fosse ela a parturiente, até a massajavam como se estivesse grávida. O Comandante, que não se via em lado nenhum, talvez tivesse agora alguma promoção. Ou seja, o ato de ser pai é valorizado como uma atividade importante para a sociedade, que o promove perante os outros, social e profissionalmente. Todas as mulheres do bairro assistem ao parto, como se de uma festa se tratasse.

Repare-se que cada personagem desta sociedade tem o seu papel no parto. Esta cerimónia é uma tarefa coletiva. No entanto, as personagens têm memórias do passado e olham para estas atividades com a subjetividade que lhe resta desse tempo, apesar do treino forçado. Assim, para as futuras gerações será mais fácil. Em termos práticos, isto significa que as pessoas se habituem e que as novas gerações, educadas de outra forma, passarão a considerar este tipo de coisas como fazendo parte da sua vida, por não conhecerem outra realidade.

A esperança de Cora (uma das Martas) é muito simples, deseja ter uma festa de parto em casa. Note-se a referência de Cora ao agregado: quem terá o filho é a casa, e não a Serva. Uma responsabilidade alargada, não só com a casa, mas também com a sociedade: dar à luz como uma espécie de transe comunitário. Offred só consegue pensar quando está vestida, ou seja, precisa de perspetiva. As duas dimensões não chegam, precisa de profundidade, e é a perspetiva que lhe dá a terceira dimensão. Por outro lado, sente que o tempo é uma armadilha, tendo sido apanhada nele. Tem de esquecer o passado, o seu nome é agora Offred, e este é o seu local de vida. Este é o seu *carpe diem* (*idem*, pp. 149-151).

A loja Rolos para a Alma (que dá o título a esta parte do livro) é um *franchise*, existindo estabelecimentos destes espalhados por todo o lado. É uma loja com impressoras, conhecidas como Canudos Sagrados, que imprimem orações encomendadas por Compufone, sendo muito usadas porque mostram a fidelidade ao regime. São lojas que funcionam sem pessoas, mas ouve-se um zumbido, tal como no exterior das igrejas. São estabelecimentos comerciais destinados ainda a promover uma cultura de superstição e de crença cega (*idem*, pp. 155-157).

As Servas vão aos pares para a cerimónia de Oravagança feminina. Este episódio recorda os encontros de seitas religiosas: uma constante reeducação religiosa, uma contínua limpeza cerebral.

Nesta cerimónia existe uma parte principal na qual os religiosos transmitem a mensagem mais relevante para o momento. Neste caso, os filhos são entregues pelos pais para o casamento. Mulheres jovens, muito novas, com cerca de catorze anos (*idem*, pp. 221-227).

Serena Joy interpela Offred sobre o seu estado de procriação. O diálogo introduz na narrativa uma nova personagem, Nick (substituto do Comandante na função reprodutora da Serva, tal como é sugerido pela sua proprietária). O motorista da casa dispõe-se a cumprir esta tarefa como apenas mais uma das que deve executar. Não lhe toca, apesar de ela desejar que ele o faça, ela pensa que os ajudaria no ato. A dificuldade do ato sexual sem que exista sentimento, ou um ritual de aproximação entre as duas pessoas, é como uma troca comercial. Na verdade, esta é a versão atual do que aconteceu, confessa que não sabe muito bem os detalhes, só sabe que aconteceu. Sente-se envergonhada, apesar de tudo (*idem*, pp. 267-271).

Repare-se que até este ponto nada de relevante tinha acontecido ao íntimo de Offred, algo que fizesse despertar a sua consciência, algo que a fizesse sentir que poderia existir um futuro.

2.3. A Caminho de Uma Certa Liberdade

2.3.1. Implosão

Um par de Servas percorre as ruas para chegar a uma parte mais comercial da cidade. Não há crianças na rua. Era como uma daquelas cidades que foram alteradas para parecerem um modelo, para mostrar como as pessoas costumavam viver (*idem*, p. 20), um museu vivo. Gilead, a República sem limites geográficos. Desta forma, Margaret Atwood coloca Gilead no passado, ou, pelo menos, propõe ao leitor que imagine esta república de uma forma histórica, a partir do futuro, como se não existisse de uma forma real.

A implosão da sociedade de Gilead inicia-se quando o Comandante convida Offred para o visitar em segredo durante a noite. É uma implosão que começa e tem lugar no íntimo de Offred.

Em pouco tempo Offred perdeu as suas capacidades de lidar com o género masculino, como se pode verificar pelos pormenores dos primeiros encontros “íntimos” com o Comandante. Mas precisa de algum tempo para que algumas das características necessárias para essa interação surjam de novo, ou para que fossem recordadas dessa sua outra vida. Isto também pode querer dizer que a sua percepção e o conhecimento adquirido antes continuam presentes, só necessitando de ser acordados desse adormecimento causado pela revolução, pelo treino e pela lavagem cerebral, mas também pelo medo.

Tem um acordo não convencional com o Comandante: a visita é feita a sinal de Nick. Existe uma certeza, quando Serena sai, Offred será convocada. Na primeira noite sente-se confusa, pois esperava necessidades obscenas, relacionadas com sexo, mas depara-se com um desejo surpreendente do Comandante: jogar *Scrabble* como dois miúdos ou dois velhotes. Na segunda noite, Offred sente dificuldades na linguagem, talvez por falta de hábito em falar. Recebeu como prenda uma revista feminina. O que nela encontra é um conjunto de promessas e de possibilidades para o futuro. Ali, junto do Comandante, não é proibido ver a revista! Sente o prazer do Comandante a vê-la a folhear a revista. Na terceira noite, pede creme para suavizar a pele seca e conclui que o Comandante ignora totalmente o modo de vida das Servas.

Offred sente ainda que começa a estabelecer-se um entendimento entre ambos, mas não esquece que ele pode ser ilusório. Estas perceções representam aspetos muito simples: necessidades básicas diárias, não apenas de quem delas está privado (as Servas), mas também de quem aprecia realizar alguns caprichos (os Comandantes).

Progressivamente, Offred experiencia algum à vontade junto do Comandante. Aprecia ser admirada por algo tão simples com a descoberta de uma palavra no jogo; desconfia até que o Comandante a deixa vencer, para tentar estabelecer alguma intimidade com ela; sente-se observada, despida, e procura que o Comandante lhe relate o seu papel na sociedade.

Diante de uma perplexidade sentida por Offred – o que significa “Nolite te bastardes carborundorum”? –, é convidada a um ato proibido às mulheres: escrever a expressão. O significado é: “Don’t let the bastards grind you down.”. Agora, ela consegue ver tudo: uma das suas antecessoras deve tê-la aprendido no escritório do Comandante, em encontros semelhantes. Sabe, agora, que uma das anteriores Offred se enforcou (*idem*, pp. 189-194).

Numa das Cerimónias de procriação realizada após alguns dos encontros com o Comandante, Offred sente que existia um novo constrangimento: a relação com o Comandante aponta para o início de uma relação íntima que, embora não envolva amor, supõe cumplicidade e intimidade.

Pela primeira vez, Offred e Ofglen observam-se nos vidros da montra de uma loja: “Even this meeting of eyes holds danger.” (*idem*, p. 172). Apesar de ser um olhar indireto, existe receio por parte das duas Servas, porque os olhos são o espelho da alma e cada uma delas teme que a outra possa ver alguma coisa que a comprometa. Na conversa que têm, depois deste entreolhar indireto, sentem que cruzam juntas um limiar invisível, daquilo que é aceitável para esta sociedade e para o seu estatuto. É como se se questionassem acerca do efetivo funcionamento das orações: serão ouvidas por Deus? Este

aspeto reveste-se de alguma importância na narrativa uma vez que se relaciona com a fé, palavra escrita na almofada de Offred, a única palavra cujo acesso lhe é permitido.

Não obstante a promoção social da denúncia, da vigilância de todos sobre todos, a amizade é possível.

Todavia, é num plano de solidão e quase inteiramente de vida mental que decorre a existência de Offred, designadamente a sua existência religiosa: rezar (suplicar, pedir perdão, resistir à tentação) torna-se um modo de contrariar uma ideia suicida que começa a formar-se: “Every night when I go to bed I think, In the morning I will wake up in my own house and things will be back the way they were. It hasn’t happened this morning, either.” (*idem*, p. 205).

O estado “catatónico” continua com uma reflexão sobre o tempo que não passa, um tempo lunar, uma meditação sobre o seu estado anímico, sem vontade e forças para viver, um desejo de discutir com Luke sobre coisas sem importância, a rotina do passeio com Ofglen, sendo-lhe quase indiferente os mortos no muro, o “conversar” com a companheira em segredo como se estivessem a conspirarem pelo facto de refletirem sobre o que observam, a indiferença sobre a vida sem objetivos, automática, tal como um ciborgue sem inteligência (*idem*, pp. 205-213).

Estas contradições mostram um estado de transição, uma outra fase da reação à prisão. No início, Offred só queria sobreviver, agora, tendo em conta as possibilidades que se abriram com os encontros com o Comandante e com o conhecimento que tem sobre a existência de rebeldes, quer lutar, independentemente das consequências. Esta situação não é viver, pois a personagem sente que se desumaniza, que se converte em máquina que executa uma tarefa: a procriação.

Em minha opinião, esta constitui a luta das mulheres distopicamente apresentada no romance: observa-se um desejo de dar voz ao feminino, não enquanto luta feminista com regras seguidas por todas as mulheres, mas como combate a favor da igualdade de géneros e do respeito das diferenças entre homens e mulheres.

Sob este ponto de vista, a mensagem de Margaret Atwood não difere da que, em literaturas de muitos países e em múltiplos contextos históricos – sobretudo aqueles que, no passado como no presente, cerceavam e continuam a cercear a dignidade da mulher – foi manifestada por escritoras. Considerando apenas o caso português, Natália Correia, Maria Teresa Horta ou Agustina Bessa-Luís são apenas alguns de exemplos de escritoras que defenderam inabalavelmente o lugar das mulheres e o seu reconhecimento nas diversas dimensões da vida social. A diferença encontra-se, creio, somente no

modo de representar tal luta: em Margaret Atwood, identifico uma necessidade de construir situações-limite e intensamente chocantes, situadas num tempo futuro que, ao mesmo tempo, o leitor reconhece e não identifica claramente: um tempo distópico, portanto.

2.3.2. Amor

O estado sentimental de Offred passa por várias fases: desde o medo e a desconfiança, no início, passando pela racionalização da sua relação com o Comandante e finalizando num estado de paixão.

Nos primeiros encontros forçados com o Comandante, manifesta sentimentos contraditórios: o receio de uma criança prestes a ser admoestada por alguma falha; a clandestinidade dos encontros; a violação de normas sociais, nas quais as Servas têm um papel bem determinado – procriar – e não se confundem com esposas, concubinas, gueixas ou cortesãs. As Servas são úteros ambulantes, a parte orgânica da sua condição de ciborgues.

Depois, instala-se o medo: Offred sente que pode ser manipulada por Serena ou convertida em não-mulher. Apesar destes temores, sente curiosidade em descobrir as motivações do Comandante.

Numa segunda fase sente que alguma coisa poderia ter mudado; sente que talvez possa pedir alguma coisa ao Comandante, considerando os desejos de intimidade que ele lhe manifestou. Offred tem este pensamento baseada num conhecimento pré-definido sobre o conceito de homem. O que são os homens? Será necessário saber manipulá-los. Isto é a natureza das coisas, o dispositivo de Deus, como as coisas são, o destino, a fatalidade. Será o Comandante diferente? O seu pedido é muito estranho: só jogar com ele e beijos doces com sentimento. Uma situação estranha que talvez as circunstâncias sejam capazes de explicar. No entanto, Offred não está segura da certeza dos seus pensamentos.

O conceito de Amor leva-a a meditações contraditórias: observa que o Comandante revela desejos de afeto, que a própria conheceu no passado. Ao mesmo tempo, conclui que as mulheres que se apaixonam entram num movimento descendente:

A realidade a que Offred tem acesso – uma realidade recriada, recontada e ficcionalizada por histórias – torna-se menos assustadora: um exemplo desta ideia é o relato de uma história de sobrevivência da II Guerra Mundial.

Numa terceira fase, usando como imagem um jardim na primavera, os sentimentos assumem um nível privilegiado na narrativa, o que será explicável por circunstâncias biográficas da escritora, sobretudo da sua vocação “caseira” para tratar de jardins. Como veremos, são aspetos que somente tocam no íntimo da Serva. Serena Joy está ajoelhada a cortar ramos de flores no jardim, como se estivesse a fazer penitência – um castigo. Mas, na verdade, existe algo de subversivo no jardim de Serena, “a sense of buried things bursting upwards, wordlessly, into the light, as if to point, to say: whatever is silenced will clamour to be heard, though silently. A Tennyson garden, heavy with scent, languid; the return of the word swoon.” (*idem*, p. 157). Observe-se o significado da evocação de Tennyson: um jardim romântico, o típico jardim do romantismo inglês; um dos escritores paradigmáticos do romantismo. De facto, a citação de Tennyson provoca uma inflexão: a partir deste ponto na história, a vida da protagonista não pode continuar a decorrer como até então.

Não se atreve a falar com ninguém sobre Nick, nem com Ofglen (que conhece o romance) mesmo sabendo que ela faz parte da organização clandestina. Uma situação normal, não só devido ao receio, mas também à incerteza acerca desta relação amorosa. É um romance que, na sua mente, está avançado.

A partir da evocação de Tennyson, a narradora mostra processos de transição: amor – feminismo – sexualidade – conflito. Na verdade, trata a questão do género, a subalternidade das mulheres imposta pela sociedade. A ilusão do amor é substituída por “combates” feministas, que envolvem a sexualidade e o conflito. Julgo, portanto, relevante, uma análise do conceito de feminismo no romance.

2.3.3. Feminismo

Desde as páginas de abertura do romance, sabemos que estamos diante de uma história sobre uma mulher que habita num novo mundo onde mulheres vivem subjugadas e sonham com um passado que lhes prometia um futuro auspicioso.

Esta história pode ser vista como uma mimetização de realidades ainda presentes na atualidade: na segunda década do século XXI, existem ainda sociedade nas quais as mulheres não têm o mesmo valor que os homens. Não será, por isso, um acaso que título desta parte seja *Night*. A noite convoca a solidão, a reflexão sobre o presente por comparação com o passado. Numa primeira observação, este livro parece apelar a uma luta feminista, mas, de facto, é uma batalha pelas mulheres, o que são coisas

diferentes. As Servas, são conhecidas pelos nomes próprios, não têm apelido, não têm família, ou seja, perderam todas as ligações pessoais, transformando-se em objetos.

Offred, a protagonista, foi instalada num quarto individual. A casa e o quarto sugerem-lhe imagens conventuais, estabelecendo-se assim uma relação entre o género e o espaço, perdurável na cultura: o espaço da mulher é o doméstico; nele, estabelecem-se relações hierárquicas entre as próprias mulheres.

Nesta imagética conventual, a Serva veste como uma freira: usa um uniforme vermelho com uma touca branca, roupas que são exatamente iguais para todas as Servas. É desta forma, com as roupas e as cores, que se mostra de um modo efetivo a existência de uma hierarquização desta sociedade: o preto para o Comandante, o azul para a Esposa, o vermelho para as Servas, o verde pálido para as Martas e, por fim, todas as cores para as “não-mulheres”, que vestem de uma forma não homogênea e vivem nas colónias poluídas (*idem*, pp. 13-17).

Todavia, as cores transmitem também outra informação. Se, por um lado, existem as pessoas que vestem de acordo com os padrões, mas estão privadas de liberdade, por outro, nas colónias vivem aqueles que têm liberdade de escolha de indumentária, ainda que tenham de pagar um alto preço pela sua liberdade.

A única liberdade em *The Handmaid's Tale* é de pensar (ao contrário do que se verifica na narrativa orwelliana antes referida). Todas as demais liberdades são subtraídas às mulheres: as Esposas...

As Esposas são mantidas na sua redoma, em casa, a tratar do jardim, a coser, a tricotar e a fazer outras tarefas tipicamente atribuídas a mulheres. O primeiro objetivo é mantê-las ocupadas e aparentemente úteis, através da realização de tarefas com pequenas metas facilmente alcançáveis, mas sempre atividades consideradas femininas (*idem*, pp. 18-19).

Um outro objetivo é, claramente, a destituição das mulheres do universo intelectual, num retorno a um passado no qual os acessos a bens de cultura lhes eram proibidos. As atividades apresentadas representam esse recuo temporal que converte a mulher num ser útil na esfera doméstica, realizando tarefas manuais apenas. Evidentemente, este tipo de ideias sobre as tarefas femininas emana da nossa própria sociedade.

Aos Comandantes, que aparentemente se localizam no topo da hierarquia, são atribuídas tarefas jamais descritas claramente, a não ser a tarefa de execução do ato de fecundação das Servas.

Tudo o resto é muito vago e secreto, existindo, porém, algumas liberdades que só o são de uma forma aparente e que não têm relevância social.

O feminismo está presente na crítica ao género masculino usando um objeto que simboliza um determinado estatuto. O carro do Comandante é preto, a cor do prestígio, mas também a cor dos carros fúnebres. É desta forma que é criticado o desejo pelos carros como manifestado pelos homens (*idem*, p. 23). O automóvel é também um símbolo de posição social, razão pela qual aquele que é atribuído a um Comandante é de grandes proporções. É um objeto que projeta socialmente uma imagem de prestígio (e, pela cor, também de secretismo).

Esta ideia de feminismo conduz as mulheres a pensarem que poderão ter algum poder sobre o homem, um poder que resulta do seu corpo, do facto de ser mulher. Para o exercer bastaria que aparecessem aos Comandantes de outra forma, de uma forma que eles pudessem gostar. Ou seja, é um poder que depende exclusivamente dos homens, da vontade de eles decidirem se essa é a forma que apreciam na mulher.

A literacia é apresentada como um meio para a revolta das mulheres. Nesta sociedade, os nomes das lojas desapareceram sendo identificadas por símbolos, *e.g.*, uma loja com três ovos, uma vaca e uma abelha. Será, porém, de realçar que na nossa sociedade se tornou banal a substituição de palavras por simbologia conhecida por “emojis”. A substituição da palavra escrita pelas imagens é também uma estratégia de menorização da mulher, que, qual criança em início de formação pré-escolar, começa por contactar com a realidade através de imagens de animais e objetos.

A história de vida de Serena Joy antes da revolução teocrática é apresentada por Margaret Atwood como uma crítica ao feminismo. A Esposa do Comandante era uma formadora de opinião bem conhecida. Fazia discursos na televisão sobre o comportamento das mulheres, defendendo a santidade do lar e dizendo que o lugar das mulheres era em casa. Tornou-se prisioneira das suas próprias ideias, uma vez que agora fica em casa e não discursa (*idem*, pp. 50-53).

A casa de banho serve como pretexto para uma reflexão sobre as diferenças entre géneros. Os balneários dos homens estavam desenhados para a exibição dos seus corpos, tudo aberto. Ao contrário dos das mulheres: “Why don’t women have to prove to one another that they are women?” (*idem*, p. 79). Ao mesmo tempo, Offred sente o falhanço da sua tarefa devido o aparecimento de sangue, significando que o seu corpo não funciona. O centro da sua vida é agora o útero: uma luta mensal. Nesta situação, ser feminina, ser mulher, é esconder o corpo e guardá-lo para a procriação. Só será mulher se

der um filho à sociedade, o seu trabalho é procriar para manter o número de nascimentos num nível aceitável.

É neste contexto, o da procriação, que Margaret Atwood coloca a Serva a refletir sobre a cerimónia central da diegese. Na verdade, pensa ela, "The Comander, too, is doing his duty." (*idem*, p. 101). É assim que a Serva ocupa o tempo psicológico enquanto decorre o último ato da cerimónia, pensa neste Comandante e no anterior, mas não como alguém íntimo, alguém que está próximo. A cena é tão chocante, além de hilariante, que impede qualquer pessoa normal de se rir. "There is something hilarious about this, but I don't dare laugh." (*idem*, p. 102). Ao mesmo tempo, o pensamento da Serva flui para a Esposa, questionando-se para qual das duas é pior. É importante refletir sobre este aspeto, ou seja, importa perceber até que ponto os responsáveis são os diretamente envolvidos no ritual de dar à luz ou um sistema político que não hesita em assassinar quem não obedece.

A questão do feminismo é abordada com outra configuração: a descrição da forte ligação de amizade entre Offred e Moira. Offred questiona-se sobre o que pensaria a amiga sobre o Comandante, uma vez que antes não tinha aprovado a sua relação com Luke (homem casado). Offred discorda, defendendo que o amante pode ter um ponto de vista distinto. Todavia, esta questão moral não afeta Moira, uma mulher lésbica, defensora de múltiplos relacionamentos entre mulheres. Do seu ponto de vista, importa apenas uma outra diferença: o equilíbrio entre mulheres *versus* o desequilíbrio de poder a pender para os homens.

Em minha opinião, parece existir aqui um confronto forte entre dois conceitos acerca das relações entre os géneros, sendo tal confronto determinado por uma relação de poder: uma mulher que tenha poder não poderá ser tratada da mesma forma neste tipo de relações íntimas.

Se, por um lado, se considera que todas as mulheres não têm poder, ficando as relações a estabelecer condicionadas por esse facto, fica criado o grupo "mulheres".

Mas, por outro lado, se se considera que as relações de poder não são estabelecidas com base no género, as relações íntimas não poderão ser baseadas na existência de grupos, mas de indivíduos. Está aqui patente a matriz de dominações determinada pelas feministas (e explícita na teoria de Haraway). Claramente, o pensamento de Margaret Atwood parece pender para o lado de uma igualdade entre géneros não assente em relações de poder. Não se quer dizer com isto que estas relações de poder não existam e que não pendam para o lado masculino; tal acontece. Todavia, a luta das mulheres deverá ser uma luta conjunta feminina e masculina. No contexto da sociedade tecnocientífica ciborguiana, esta será a solução, mas será uma luta permanente à qual devemos estar sempre atentos.

Todavia, estas ideias levantam outra questão que, ao ser introduzida conjuntamente com a questão do género, pode induzir alguma confusão. Se o pensamento sobre as relações íntimas entre pessoas estava condicionado pelo género, atualmente tal não acontece. De facto, a manutenção da espécie já não depende da procriação natural, fazendo com que a sexualidade assuma outras formas que esbatem, e até mesmo eliminam, a necessidade de relações de poder, quer sejam estabelecidas pelos feminismos, quer sejam dominadas pelas “leis” das sociedades patriarcais. A sociedade é una, não podendo existir sociedades para conjuntos (bem ou mal definidos) de pessoas. Ou seja, nesta sociedade una (e globalizada), terão de ser acomodados todos os indivíduos, independentemente da sua aparente incongruência relativamente às suas naturais preferências relacionais íntimas.

2.3.4. Sexualidade

A questão da sexualidade é considerada pela teocracia de Gilead de uma forma simplista. Por exemplo, um Comandante, o responsável pela cerimónia da Oravagança, refere-se à sexualidade antes da revolução como um mercado onde se vendiam os corpos, devido à liberdade que as mulheres e os homens tinham de conviverem intimamente com quem entendessem, sem as apropriadas restrições. Tendo em conta as ideias dos responsáveis desta sociedade teocrática, nesse tempo antigo, o que se procurava era o amor, a paixão; mas estes sentimentos – propiciadores, por exemplo, de casamentos por amor – geravam conflitos.

No entanto, esses desejos de intimidade com liberdade não desapareceram, apesar do perigo que existia em não serem cumpridas as restrições impostas. A Serva sente algumas vezes vontade de cometer o “pecado” do toque, um desejo fortemente reprimido.

A sociedade exposta no romance proíbe contactos com os membros de estratos sociais inferiores, aplicando-se tal normativa, todavia, apenas aos homens. Pode assim concluir-se que a questão de desigualdade de géneros não se coloca no feminino.

A sexualidade sem amor, no homem e na mulher, não faz sentido. Pode-se ser Comandante ou ter outro cargo importante que permita o controlo sobre todas as coisas, mas a inteligência do *homo sapiens* exige, naturalmente, uma outra coisa, impõe que se estabeleça outro tipo de ligações para que o desejo complete a sua existência, ou complete os próprios indivíduos que são inteligentes. Este é um dos aspetos relevantes na análise do romance de Ian MacEwan. Refiro-me à necessidade de inteligência num ciborgue para o estabelecimento de ligações amorosas e, como consequência, do surgimento do ciúme.

Em *The Handmaid's Tale*, mesmo a ciborguização imposta à Serva não a transforma num ser sem inteligência: a capacidade intelectual é determinante para sobreviver, para suportar a extrema adversidade imposta às mulheres, para superar a ideação suicida.

2.3.5. Conflito

Derrotar um regime totalitário pode revelar-se bastante difícil porque, de facto, este tipo de estados controla todo o sistema de uma forma rígida, matando aqueles que se lhe opõem e destruindo tudo aquilo que possa contribuir para incentivar a revolta.

Revelam-se duas formas possíveis de realização dessa luta contra este estado teocrático:

Em primeiro lugar, a existência de uma guerra com organizações externas, lutas que nos são apresentadas como distantes e que são levadas a cabo por alguém que está prestes a ser derrotado.

Em segundo lugar, uma luta interna realizada por personagens ligadas às funções do regime, descontentes com o seu funcionamento e que sofrendo, muitas vezes, com as leis a que têm de obedecer.

Devido às restrições severas de informação impostas, o conflito externo é mostrado como contrainformação, notícias falsas que a sociedade deve assumir como verdadeiras. Na verdade, os habitantes de Gilead desconhecem realmente o que se passa. Ouvem informações sobre guerras distantes, alegadamente promovidas por grupos prestes a serem derrotados.

No início, este tipo de informação circula entre as faixas mais baixas da população, Martas e Servas. A informação circula sob a forma de mexericos, tipo de conversas normalmente atribuído a mulheres. São conversas tidas aparentemente em segredo que revelam, por exemplo, que o regime havia derrotado um reduto de Batistas. As barreiras nas vias de circulação, observadas pelas Servas, são vigiadas por Guardiães da Fé.

Uma guerra que é conhecida pela televisão constitui, do meu ponto de vista, uma crítica aos tempos atuais, nos quais se assiste à circulação de informação vinda de muito longe, mas transformada num espaço bidimensional.

Esta foi a estratégia literária que Margaret Atwood usou para falar sobre o exterior, pois nenhuma das personagens tem contacto com a guerra. Note-se o paralelismo com o mundo atual: todos estamos fechados no gueto da civilização, e a guerra mata outros, está distante, é como um jogo na televisão. Em ambos os casos, estamos perante lavagens cerebrais. No plano comunicacional, importa também

sublinhar que a informação veiculada por um meio de comunicação social é uma informação manipulada no romance, a exemplo do que, de forma explícita, acontece em estados ditatoriais (e, muitas vezes de forma velada, em estados democráticos).

Ao longo do romance, vai sendo construída uma revolução silenciosa que, como muitas revoluções não ficcionais, começa a realizar-se a partir do interior, minando as estruturas de um regime.

Ao terceiro dia, após chegar a esta nova casa, Offred pesquisou o quarto. É como se estivesse a referir-se à criação do mundo, no primeiro dia, isto, no segundo dia, aquilo, no terceiro dia, o quarto. É no terceiro dia que Deus cria o elemento seco, o lugar onde o homem vai ficar, o “quarto”, o lugar da Serva. Encontrou uma mensagem secreta no armário: “Nolite te bastardes carborundorum.” (*idem*, p. 58). Uma mensagem que chegou pelo menos a uma pessoa, a si própria. Significa isto que existiram outras Servas neste quarto anteriormente. Esta é uma expressão que nem sequer faz parte do latim na sua totalidade, podendo ser vista como uma ironia.

No desenlace da narrativa, as Servas rebelam-se contra o regime opressor, recusando apedrejar Janine. Desenha-se o início de uma história de resiliência e de superação, através da referência a uma organização, *Mayday* (palavra que tem origem no Francês, “M’aidez” – “ajudem-me”).

As Servas formam exército silencioso procurando saídas para a situação opressora em que vivem, servindo-se desta frase como lema para a sua revolta.

Outro motivo apresentado é a manipulação de multidões usando mentiras, semelhantes a falsas notícias, tal como fizeram ditadores como Hitler, Estaline ou os líderes da Coreia do Norte, e como se faz agora com os meios de comunicação e as redes sociais, salvaguardando a devida distância entre as situações.

No entanto, em ambos os casos, joga-se sempre com a vida das pessoas por interesses obscuros, por ódio racista, por dinheiro – a maior parte das vezes por dinheiro. Sublinhe-se ainda a eficácia de mecanismos de manipulação de massas, que conduzem seres humanos a matarem outros seres humanos. Em grande medida, o que aqui está em causa é a capacidade de um regime totalitário para manipular (ou tentar manipular) a consciência, pois não pode deixar de causar choque um episódio no qual um grupo de mulheres é obrigado a praticar um ato de extermínio de um ser humano. Regimes totalitários como o Nacional Socialismo demonstraram à sociedade que tal é possível em nome de uma ideologia. O regime totalitário e teocrático representado no romance de Margaret Atwood demonstra-o

não só em nome de uma ideologia perversa, mas do próprio instinto de preservação, já que matar outros se apresenta como condição para assegurar a sobrevivência pessoal.

Alguns dos aspetos analisados até este instante sugerem-me algumas reflexões: as atividades profissionais dos Comandantes não são reveladas, permanecendo secretas e muito difusas. O que se sabe de facto é a sua participação na tarefa de inseminação do seu sémen no ventre de Servas.

No entanto, existe outra classe de pessoas nesta sociedade que têm um papel relevante, quer no treino das Servas quer na manutenção da ordem estabelecida: é a classe das Tias (dominada por Lydia). Esta sociedade teocrática, assente em valores patriarcais, parece ser governada por matriarcas. Repare-se que a autora por várias vezes refere que todos sofrem, Servas, Esposas, Comandantes e os outros, mas, pelo contrário, nunca diz que as Tias sofrem com a tirania desta sociedade. Se considerarmos que a distopia cria uma sociedade antifeminista, poder-se-á pensar que são as próprias mulheres, neste caso as Tias, a escravizar outras mulheres. Margaret Atwood usa a arma da ironia para criticar simultaneamente os feminismos e os machismos patriarcais, porque na verdade cria uma sociedade distópica para combater a violência praticada sobre as mulheres.

Não se assiste na obra à criação do grupo feminino, mas sim à defesa do indivíduo, independentemente do género. Todavia, sem ilusões irónicas, ao transportarmos esta sociedade distópica para a nossa realidade atual, Margaret Atwood quer combater as sociedades patriarcais que colocam a mulher num nível inferior, quer estas ideias teocráticas sejam defendidas por homens ou por mulheres. Distancia-se de uma visão feminista radical.

2.3.6. Liberdade

É possível afirmar que só sentimos a falta de liberdade quando não a temos (como a realidade mundial demonstrou nos últimos meses), uma vez que antes de a perdermos não sentimos necessidade de ser livres porque somos livres para o ser. Penso que é esta a ideia que Margaret Atwood tenta apresentar desde o início quando cria esta sociedade distópica. A passagem rápida para um regime ditatorial faz com que a liberdade que existia pareça já não ter importância. As senhas de comida têm as imagens dos produtos, e não as palavras correspondentes. Uma sociedade sem conhecimento será mais fácil de dominar. Médicos, advogados, professores universitários e muitos outros profissionais deixaram de existir; as universidades encerraram, impedindo o acesso a conhecimentos especializados; os sacos de lixo parecem uma metáfora para o desperdício de oportunidades na vida. Offred está, agora, mais habituada a Ofglen, podem mudar de caminho na viagem às compras, desde que não saiam dos

limites, tal como um rato que pode ir onde quiser, desde que continue no interior do labirinto. A Tia Lydia advoga vários tipos de liberdade: “freedom to” e “freedom from”. Antes, existia “freedom to”; agora, “freedom from” (*idem*, pp. 30-33).

Com este tipo de reeducação, as Tias pretendiam inculcar na mente das Servas que elas, apesar de tudo, tinham sorte, que não perderam tudo, mas que podiam perder o pouco que tinham. As Servas, e todos os elementos desta sociedade, recebiam, aparentemente, alguma coisa, alguma liberdade, para que não reivindicassem mais, porque, se o fizessem, sofreriam consequências. Os limites estavam bem definidos, eram as paredes do “labirinto” onde agora viviam. As consequências para a não obediência também estavam bem determinadas: a deportação para as colónias poluídas ou a morte.

Todavia, a ditadura não estava preparada para as liberdades que se poderiam manifestar a um nível íntimo mais profundo nas pessoas como indivíduos. Não estava pronta para admitir os sentimentos que se desenvolveriam necessariamente quando existem relacionamentos entre pessoas com inteligência.

Offred equaciona várias possibilidades de libertação de castigos: o suicídio ou uma ação surpreendente que tivesse repercussão social. O mais importante, todavia, é a sua convicção de que os tempos da ditadura se aproximam do seu fim.

Não sabia o que lhe ia acontecer, sentia medo do desconhecido. Teria algum futuro? Estava sozinha no mundo, mas não sabia se existia algum mundo. Que mundo era aquele?

No momento em que é conduzida a um veículo, conclui: “Worse is coming then”. Sente que tudo deixou de estar nas suas mãos a partir de agora, já não tem o poder de decisão, nem o de suicídio. Afinal, é Nick que chega, sente a traição dele, mas as aparências revelam-se isso mesmo, aparências. Diz-lhe Nick. “It’s all right. It’s Mayday. Go with them. He calls me by my real name. Why should this mean anything?” (*idem*, p. 301-302).

Mostra-se no romance a linha ténue entre o despotismo e a liberdade, o que implica a necessidade de uma luta permanente para manter a liberdade, uma luta constante para dispersar as diferenças entre a subjetividade dos conceitos de homem e mulher, um conflito eterno no limite da diferença entre géneros. Nesta sociedade, o tratamento pelo nome próprio é o limite supremo da liberdade. A omissão do nome próprio das Servas – substituído pelo possessivo “de” – envolve um conceito de propriedade e, ao mesmo tempo, uma subtração da identidade humana.

2.4. A Serva, os Ciborgues e a Literatura

A narrativa é concluída através de uma prolepse, de uma viagem mental até 25 de junho de 2195, para um simpósio científico sobre Estudos Giledianos, o qual teve lugar numa universidade desse futuro, cerca de dois séculos após a publicação do romance. De notar, no entanto, as semelhanças deste simpósio com o que acontece atualmente nas conferências e simpósios: os pormenores do ambiente científico, o humor característico intelectualizado, e a vaidade de muitas ou de algumas das pessoas envolvidas, como se tudo soubessem. Neste simpósio é apresentado um estudo científico sobre *The Handmaid's Tale* (cf. *idem*, pp. 307-320):

- a) Uma descrição sobre um manuscrito encontrado, num conjunto de detalhes que não é relevante para o cerne da questão levantada pela narrativa, mas talvez importante para localizar a história no tempo;
- b) Uma discussão sobre se a obra é genuína e sobre a existência real ou fictícia das suas personagens e da narradora intradiegetica (Offred);
- c) Uma discussão sobre a necessidade do controlo da natalidade caucasiana, incluindo fenómenos de imposição de comportamentos sociais, através de mudanças das regras da sociedade, para promover essa mesma natalidade; uma discussão que revela preocupações políticas atuais sobre o controlo da natalidade, às quais a literatura não é alheia (veja-se o caso do romance *Inferno*).
- d) A tentativa de identificar com precisão científica a autora da narrativa através de um caminho inverso após a localização do manuscrito, sendo que por fim somente uma hipótese persiste, mas sem certeza.

Este epílogo constitui uma forma de imbricação da narrativa num futuro distópico e utópico (não excluindo um passado extinto).

Ou seja, Margaret Atwood cria uma distopia para chamar a atenção para os problemas que se relacionam com as diferenças entre géneros, questões muito presentes na nossa sociedade; mas, ao mesmo tempo, apresenta o desejo utópico de que não seja necessária uma luta permanente para anular os limiares dessas diferenças. Na verdade, *The Handmaid's Tale* é uma narrativa aberta.

Existem, todavia, outras questões que este epílogo pode suscitar. Desde logo, a partir do capítulo I, a diegese apresenta efeitos perturbadores, mas igualmente verosímeis, desde logo para o género feminino, mas também para o masculino.

O leitor é facilmente embrenhado nos pormenores ao mesmo tempo sórdidos e especulativos, mas muito próximos de uma realidade social que remete a mulher para um papel secundário. Esta aproximação é, também, conseguida pelos aspetos religiosos sustentados no texto. Deste modo, a narradora sentiu a necessidade de colocar estas *Anotações Históricas* no final do livro, as quais descrevem a realização de um simpósio, pós Gileadiano, que apresenta a história como uma espécie de ficção, possibilitando ao leitor um bálsamo descompressor.

Em termos literários, o desfecho constituiria uma catarse no sentido em que Aristóteles a define na *Poética*: depois da catástrofe, surge uma catarse, um efeito de alívio que se gera no leitor e que lhe traz algum conforto. Afinal, o efeito de choque pode ser relativizado ou matizado por essa sensação de alívio gerada na ideia de que tudo não passou de uma ficção, de que os eventos relatados no romance não têm qualquer verosimilhança. Ao reconhecimento (anagnorisis) segue-se uma catarse que, no contexto de uma obra literária perturbadora, assume relevância.

Por outro lado, a autora apresenta o Estado teocrático que criou como um trabalho académico e intelectual, um estudo apresentado num ambiente científico caracterizado por um humor intelectualizado, mas sem conclusões definitivas. Dito de outra forma, a narradora propõe ao leitor uma hipótese de estudo, uma especulação, uma narrativa que pode ser uma fantasia com factos potencialmente inverosímeis.

Por fim, não posso deixar de pôr em evidência algumas reflexões que a narradora desafia ao leitor: apesar de se saber desde o princípio que se está perante uma obra de ficção, no desenvolvimento diegético são colocadas lado a lado a realidade que conhecemos do dia-a-dia e a realidade dos factos impostos por este Estado teocrático. Esta aproximação incute no leitor uma reflexão sobre a possibilidade da existência (ou não) deste Estado, constituindo-se assim como uma narrativa especulativa cuja dimensão distópica decorre dessa mesma especulação.

Por sua vez, este último ponto levanta duas novas questões: a possibilidade da existência de um “espelhamento” entre o eu narrado, Offred, e o eu narrador, Margaret Atwood, quer pelo facto de a obra ter sido escrita na primeira pessoa e/ou devido à autora ser uma mulher (tal como a protagonista) e a discussão em torno da classificação tipológica do romance como uma obra de ficção científica especulativa.

Em primeiro lugar, convém fazer uma distinção entre o eu narrador e o eu narrado, presentes neste romance. De facto, existe uma distância temporal entre os dois “eus”, o presente do eu narrador ao contar uma história no futuro, e o presente do eu narrado (o qual é ao mesmo tempo narrador). Isto

origina, ou devia originar, também, a existência de distâncias ideológicas, psicológicas e tecnocientíficas, ou seja, modos de pensar diferentes. O eu narrador, ao contar acontecimentos do futuro, usando a voz do eu narrado, assume uma atitude irónica e, de certa forma solidária, com o eu narrado, originando uma relação ambígua e emaranhada entre ambos, mas também muito próxima. Simultaneamente, esta aproximação da autora à personagem narradora também acerca o leitor aos factos da história.

Note-se que apesar de *The Handmaid's Tale* e *A Cyborgue Manifest* terem sido publicados no mesmo ano (1985), tal não significa que o trabalho de uma tenha influenciado o da outra, mas simplesmente que a subjetividade no que respeita à realidade social vivida e aos desenvolvimentos tecnocientíficos deveria ser semelhante. Margaret Atwood ao inovar na forma como cria uma história baseada numa passagem da Bíblia está, também, a ser irónica, ou seja, está a colocar em causa os poderes instituídos, religiosos, políticos e organizacionais, que usam e abusam desses textos para se afirmarem, e fá-lo através da manipulação dessas mesmas narrativas bíblicas. E, tal como no romance analisado, a narrativa bíblica contida no Antigo Testamento é construída em volta do conceito de temor.

Veja-se aqui o paralelismo com o trabalho de Donna Haraway ao dizer que a ironia pode ser usada como arma política poderosa para afirmar o feminismo e a luta das mulheres. Porém, ambas as autoras estão a projetar essa subjetividade no futuro, Donna Haraway baseando-se no mito do ciborgue e Margaret Atwood criando, talvez, o mito da Serva.

Neste contexto, será importante compreender as distâncias (ideológicas, psicológicas e tecnocientíficas) entre o presente, 1985, de Margaret Atwood e o futuro, num tempo indefinido, de Offred enquanto Serva de uma sociedade teocrática ficcionada. As Servas, tal como os ciborgues, são criaturas subjetivadas da realidade social e tecnocientífica do final do século XX (uma realidade matizada principalmente da sociedade norte-americana).

Apesar de baseada em valores referidos como tradicionais, *i.e.*, são originários no passado, este tipo de sociedades ditatoriais ainda persiste no século XXI: corresponde a estados onde existem classes sociais dominantes que menosprezam a mulher. Se o mundo é agora global, esta questão da igualdade de géneros persistirá enquanto nesse mesmo mundo existirem sociedades que subjugam a mulher (e enquanto existirem crianças a morrerem à fome), entendendo-se aqui mundo como os locais onde viva o Homem: a Terra e a estação espacial internacional.

Margaret Atwood nos seus trabalhos ensaísticos aborda questões relacionadas com a tipologia literária das suas obras, nomeadamente a estudada aqui (Atwood, 2004). Por um lado, refere, existe a ficção científica, significando que nestas obras são consideradas coisas que se podem fazer ou que se

podem começar a fazer: falar com seres que nunca conhecemos e falar de lugares aos quais não podemos ir.

Por outro lado, existe ficção especulativa, a qual usa os meios existentes e que ocorrem no planeta Terra. Tudo isto apesar de geralmente estes dois termos se usarem de uma forma intermutável. Afirma Atwood: "I invented a genre – the English metaphysical romance" (*idem*, p. 514), referindo-se aos livros que não são ficção científica como tal, apesar de terem as suas raízes na ciência. Desta forma, distingue os livros que podem ser prosa ficcional sem serem romances ("novels") e faz uma comparação com os termos que os Franceses usam para as histórias curtas, "conte and nouvelle – tale and news" (*idem*, p. 515). Esta é uma distinção útil, permitindo que o termo "tale" seja colocado "anywhere", ou seja, fora dos limites dos romances. O termo "news" refere-se às notícias sobre as nossas existências, sobre factos da vida quotidiana. Assim, a ficção especulativa pode trazer-nos outro tipo de "notícias": sobre o passado e sobre o que se está a passar, mas principalmente sobre o futuro.

Tendo em conta os conceitos explicitados, este tipo de narrativas pode incluir alguns elementos ausentes nos romances tradicionais, como por exemplo, a possibilidade de explicar e propor mudanças nas organizações sociais de forma gráfica, mostrando o que pode acontecer àqueles que vivem sob o seu domínio, tal como nas utopias e distopias (*ibidem*). Margaret Atwood classifica a sua narrativa como uma distopia clássica, que tentou escrever sob o ponto de vista das mulheres e não sob o ponto de vista feminista, como muito bem mostra a citação: "However, this does not make *The Handmaid's Tale* a "feminist dystopia", except insofar as given a woman a voice and an inner life will always be considered "feminist" by those who think women ought not to have these things." (*idem*, 516).

No que respeita aos outros aspetos, não é assinalável uma substancial diferença relativamente aos despotismos reais e imaginários.

Em *The Handmaid's Tale*, em lugar de ser criada uma sociedade onde são os desenvolvimentos tecnocientíficos que a potenciam, é concebida uma sociedade baseada em valores tradicionais e ultraconservadores, assumindo um recuo temporal. No entanto, essa mesma sociedade, baseada em premissas existentes, antes de potenciais desenvolvimentos tecnocientíficos serem capazes de a modificar radicalmente, usa a tecnociência para se manter, mas de uma forma dissimulada. São disso exemplos a manutenção de uma guerra aparentemente longínqua e o uso de sistemas informáticos em rede para atividades de propaganda e para o controlo das pessoas (*e.g.*, o Infoconfere e os Canudos Sagrados).

A ideia da existência de um inimigo permanente domina, também, alguns dos Estados totalitários existentes na atualidade, *e.g.*, o Irão e a República Popular Democrática da Coreia. A sua ideologia baseia-se na busca de um inimigo externo para iludir os problemas internos. Porém, esta ideia não se confina a regimes totalitários. Mesmo em estados democráticos, quem detém o poder procura distrair os eleitores com inimigos externos para tentar manter esse mesmo poder, iludindo os problemas internos (um bom exemplo será o caso norte-americano, em ano de eleições).

Tal como o ensaio *A Cyborgue Manifest, The Handmaid's Tale* aborda uma questão fundamental para a sociedade: a preservação do *homo sapiens*.

Observa-se uma dicotomia entre os designados valores tradicionais da sociedade ocidental, baseados em grande parte na herança greco-romana, e a tecnociência que essa mesma sociedade desenvolveu. Importa, aqui, chamar a atenção para o fator religioso que deturpou de forma decisiva essa mesma herança civilizacional, como foi abordado anteriormente. Convém sublinhar que muitos pensadores defendem que são os Estados teocráticos os mais conservadores, os mais hostis ao desenvolvimento, os mais temerosos de quaisquer mudanças.

É, portanto, perfeitamente compreensível e relevante que Margaret Atwood tenha criado uma distopia na qual a sociedade é baseada em alguns valores tradicionais (e religiosos) que foram aproveitados ao longo dos tempos pelos políticos, governantes e dirigentes religiosos para se manterem no poder, *e.g.*, os valores do primado do homem em detrimento da mulher. Apesar de todas as argumentações que se possam usar, sabemos que as argumentações não são factos. Ou seja, já não é necessário argumentar a favor de nenhuma teoria evolucionista, uma vez que a fase da argumentação já passou. E mesmo que considerada a subjetividade, e não a verdade científica, a sociedade atual já não age com convicção em favor destes valores tradicionais, principalmente no que se refere à questão de género.

É neste tempo (pós-argumentativo) que Margaret Atwood se situa, um tempo no qual poderá ser possível cumprir a premonição de alguém (uma criança) ser gerado(a) sem indivíduos do género masculino, um tempo no qual Maria, todas as Marias, poderá(ão) carregar no ventre um filho sem pai. Mas, neste tempo ciborguiano, esse filho poderá, também, não ter mãe. Cumpre-se assim e de uma forma mais eficiente, o desejo bíblico em que se baseia a obra de Margaret Atwood, o desejo de usar todos os meios possíveis para dar um filho a um homem, à espécie, ao *homo sapiens*. Há dois milénios, o meio possível era usar outras mulheres; hoje, a reprodução poderá ser feita artificialmente.

Como referido, *The Handmaid's Tale* aborda estas questões no contexto do feminismo, mas não o defendendo necessariamente, não mostrando estar ao lado de nenhum dos feminismos, ou seja, não tomando partido nem caindo em falácias ou fundamentalismos.

O mito do ciborgue é associado por Donna Haraway ao feminismo.

Na realidade social que o ciborgue, também, explicita, a unidade da mulher, tal como é apresentada por Margaret Atwood, não é constituída pela “soma” das partes. A perspetiva de Haraway é apresentada pela ficcionista canadiana de distintos modos: quando a Serva é dividida em duas partes durante a cerimónia da procriação, a parte superior é desconectada da parte inferior. A parte superior não observa o que se passa na parte inferior do corpo (sendo aqui a forma verbal “observa” usada não só no sentido de ver, mas de se ter a perceção de tudo). O todo, mesmo que momentaneamente, é constituído somente pela parte superior, esquecendo o resto. A parte que está a ser usada pelo Comandante deixou de pertencer à Serva e ela não precisa dela (momentaneamente, repete-se).

A procriação constitui o motivo central da narrativa, porque nele tudo converge. A partir desta concentração de forças “gravitacionais”, este é ponto em que de forma contraditória tudo está separado, onde o todo não é obtido pela junção das partes, onde se caminha para a implosão. Esta é a grande contradição, ou seja, quando tudo parece convergir, apesar de se separar, ao mesmo tempo que se dá a implosão, e tudo se junta.

Na realidade, o início da implosão ocorre quando Margaret Atwood “invoca” Teynnyson, quando assinala os motivos do amor e da paixão. Aparentemente, continua tudo como estava, tendo em conta que tudo fica em aberto nesta narrativa, como indicado pela última frase da história de Offred na qual a Serva ou entra “para o escuro interior” ou entra “para a luz”, *i.e.*, o regime imposto cairá, os ciborgues continuam a prosperar, ainda não existem relações que possam construir o todo a partir das partes. Porém, além da ambiguidade de não se saber se Offred entra na escuridão ou na luz, Margaret Atwood instila no espírito do leitor outra dúvida: ao mesmo tempo que esta sociedade distópica vive no futuro, num mundo ciborguiano, precisa da mulher (e do homem) para procriar. Porque, na verdade, (pelo menos) as Servas são ciborgues, criaturas de uma realidade social vivida, e, neste caso, trazidas até nós pela ficção. Tendo em conta o ensaio de Donna Haraway, este motivo representa uma grande contradição, parecendo indicar que Margaret Atwood não nos apresenta a obra pelo lado do feminismo (ou em favor do feminismo), a estratégia usada por Donna Haraway, utilizando os ciborgues como “arma” feminista.

As premissas em que assenta o mito do ciborgue estão presentes aqui. Em primeiro lugar, os dualismos apresentados pelas socialistas e feministas apelam a uma unidade corporal para combater os ciborgues. Depois, uma alteração de perspectiva, uma visão dupla que incorpore a perspectiva de dominação ciborguiana que domine as mulheres e a perspectiva em que os ciborgues são compostos por realidades sociais e corporais vividas.

Ao introduzir-se aqui o conceito de ciborgue, está a eliminar-se uma matriz natural, fazendo com que a realidade das mulheres seja vista como algo construído social e politicamente, ou seja, como se poderá concluir das palavras de Donna Haraway, como se fosse possível erigir um mundo sem género usando os desenvolvimentos tecnocientíficos.

O desenlace do romance está carregado de misticismo (não necessariamente religioso), apesar de tudo. A palavra “luz” (que encerra a narrativa) faz parte do conceito apresentado na frase citada no início da terceira parte deste texto, uma frase em que “o ar puro” provoca uma “implosão” e em que a “chama do amor é luz”.

Nesta obra literária, não nos encontramos rigorosamente perante o mito ciborguiano, como apresentado por Donna Haraway, apesar da existência de vários pontos comuns. Estamos perante um misticismo enquanto crença em algo, porventura na Humanidade.

Repare-se, no entanto, que no mundo dos ciborgues, da microeletrónica, dos bits a circularem à velocidade da luz na fibra ótica e através da atmosfera, até parece que o “ar puro” provocará qualquer tipo de “implosão” nos circuitos dos ciborgues, uma vez que eles vivem numa “escuridão” própria à qual não temos acesso, mas devem com certeza acender a “chama do amor” com a “luz” que atravessa as fibras óticas e da qual dependem para se procriarem e propagarem. Talvez, subjetivamente, os ciborgues tenham o seu próprio misticismo.

A possibilidade da entrada “para o escuro interior” pode induzir uma outra reflexão. Se se assumir que o inferno existe (pelo menos algum inferno existirá), o conceito de “escuro interior” fica estabelecido à partida. Não parece, no entanto, que seja esta a ideia que se retém lendo a frase (e o romance). A resposta poderá estar na própria tecnociência que serve de base à criação do mito ciborguiano. Apesar de constituírem uma tecnologia muito incipiente, existem na prática três ou quatro computadores quânticos. Devido ao seu funcionamento, só é possível colocá-los a trabalhar onde a temperatura seja próxima ao zero absoluto, -273.15°C da escala Celsius, temperatura onde a matéria exhibe efeitos quânticos, *e.g.*, a supercondutividade.

Na verdade, não são estes aspetos tecnocientíficos que interessam aqui, mas a ideia de os computadores no futuro, ou seja, as máquinas que controlam grande parte da vida do Homem, se localizarem em locais escuros, com temperaturas muito baixas e sem oxigénio e água, locais onde o homem não poderá viver. Isto é o oposto do inferno, talvez uma aproximação a Deus, ou, então, um inferno sem fogo. Estes são os computadores do futuro, embora os atuais já se localizem em salas fechadas, escuras e a temperaturas baixas, o que em termos subjetivos não representa uma grande diferença. Enquanto precisarem de comunicar com o Homem, estas máquinas necessitam da luz presente nas fibras óticas para se fazerem ouvir.

Todavia, estamos perante a subjetivação da tecnociência na prática literária, em particular da literatura que coloca em questão o papel da mulher na sociedade atual, tendo em consideração a transgressão de fronteiras “balizada” pela indiferenciação subjetiva entre máquina e Homem, o que conduz ao esbatimento, e mesmo à eliminação, das diferenças (ou limiares) entre os géneros.

Recentes desenvolvimentos políticos, quer em democracias quer em regimes ditatoriais ou neoditatoriais, fazem crer que nada está garantido (como é comum dizer-se), incluindo-se aqui os direitos das mulheres e os direitos de todos os demais seres humanos (mas também animais irracionais), vivendo ou não na América do Norte, como Margaret Atwood sabe muito bem (Atwood, 2017). Os contextos e as vivências da escritora, desde a Segunda Guerra Mundial, passando por Berlin antes da queda do muro e pelos Estados Unidos e Canadá, permitem-lhe ter uma visão da ideia apresentada na expressão anterior. Mas a sua história baseada em Jacob e nas suas duas mulheres teria de obedecer às suas próprias regras:

One of my rules was that I would not put any events into the book that had not already happened in what James Joyce called the “nightmare” of history, nor any technology not already available. No imaginary gizmos, no imaginary laws, no imaginary atrocities. God is in the details, they say. So is the Devil. (*idem*, p. 2)

Mesmo que os ciborgues nos ajudem a minimizar a tendência natural (do Homem) para encontrar um inimigo, ainda que ele não exista, esse inimigo para nós meramente virtual vai encontrar-nos onde quer que estejamos, vai usar o medo e o ódio como armas para nos descobrir e punir, simplesmente porque existimos. É assim que a história de Offred, ou June (*idem*, p. 3), percorreu estes trinta e quatro anos.

“But there’s a literary form I haven’t mentioned yet: the literature of witness.” (*idem*, p. 6). Esta asserção de Margaret Atwood aponta para uma dimensão testemunhal do texto literário, que, no limite, constitui um alerta para o leitor.

Uma sociedade ditatorial, fortemente militarizada, é uma sociedade tecnológica. As derradeiras questões que se colocam são, em minha opinião, as seguintes: até que ponto pode uma ditadura (ou mesmo uma democracia) subtrair a identidade de um indivíduo, destruir laços de sangue – como os que se estabeleceriam entre as Servas e os bebês que dão à luz; os seus filhos que, uma vez retirados do útero, lhes são de imediato retirados – e colocá-lo ao serviço do regime? Até que ponto um filho subtraído à sua verdadeira progenitora não constitui **uma prótese** de uma mulher estéril, mas com capacidade económica e ascendência social que lhe permitem exercer a maternidade? Em suma, não estará Margaret Atwood sobretudo a desafiar o leitor para exercícios relacionados com a Ética? Até que ponto não estará a escritora a colocar uma questão socrática que é, do meu ponto de vista, intemporal? **“Uma vida não examinada não é digna de ser vivida”**.

2.5. Os Testemunhos

2.5.1. Fluir do Tempo

Na narrativa *The Testaments* (2019), Margaret Atwood apresenta-nos os depoimentos de três mulheres que, partindo de origens diferentes, cruzam a teocracia Gileadiana. Porém, ao contrário do que aparentemente acontece no romance anterior, onde depois da revolução o tempo parece parado, agora o tempo flui, o que se justifica por uma alteração de perspetiva.

Em *The Handmaid's Tale* foi apresentado o testemunho de uma Serva, uma mulher que foi arrancada à sua vida e colocada numa situação sem futuro, *i.e.*, sem tempo, como já referido.

Em *The Testaments* narram-se as histórias de três mulheres: Tia Lydia, uma mulher que tinha uma vida diferente antes da revolução teocrática, era juíza, e que desde essa data exerce funções importantes neste regime; Agnes, que nasceu, foi criada e vive em Gilead, e Daisy que nasceu em Gilead e com dois anos foi levada para o Canadá onde vive e foi criada. Na perspetiva destas mulheres, que vivem o seu dia-a-dia de uma existência supostamente regular, o tempo corre normalmente. Convém também sublinhar que estamos agora diante de uma multiplicidade de pontos de vista, distante da perspetiva omnisciente que, em grande medida, domina o primeiro romance. Este aspeto corresponde a um princípio de estilhaçamento do próprio conceito de Verdade e, sob o ponto de vista literário (como,

mais genericamente, cultural) pode levar a uma relativização de valores. A polifonia vocal do romance *The Testaments* ilumina aspetos que foram deixados em aberto no texto anterior, mas ao mesmo tempo desafia o leitor a comparar testemunhos, a construir juízos que matizam uma realidade mais fechada na primeira obra (porque focalizada enunciativamente).

A substituição do singular para o plural, nos títulos das duas obras, antecipa esta vertente polifónica presente no segundo, ao mesmo tempo que abala a noção de protagonismo antecipada pela catáfora do primeiro título: a história de uma criada. Além disso, o título “Testamentos” sugere ao mesmo tempo duas noções: memórias e legado. As primeiras estão contidas na ideia de que três personagens evocam acontecimentos marcantes do passado; o segundo está pressuposto na necessidade de deixar uma herança para futuras gerações – é, evidentemente, uma herança intelectual, com um objetivo bem definido: tornar-se uma aprendizagem para que erros, atrocidades, despotismos e violações de direitos, liberdades e garantias, no passado e no presente, sejam evitados no futuro.

Tendo em conta que esta narrativa não altera os pressupostos do anterior, nomeadamente no que se refere ao regime teocrático, ao papel feminino e às prerrogativas de género, nesta análise serão destacados apenas os tópicos que constituem novidades, as mudanças que ocorrem, os novos aspetos e os elementos que refletem a necessidade da narradora em continuar o primeiro romance.

Atwood coloca estas testemunhas em paralelo (como ilustrado na figura 3). Apesar de existir agora uma linha temporal em cada uma das vidas relatadas, os acontecimentos importantes que alteraram essas próprias vidas não ocorrem ao mesmo tempo. A vida da Tia Lydia sofreu duas grandes mudanças, uma durante a revolução (quando se tornou numa entidade importante dessa sociedade) e outra no presente da história narrada (identificada com a palavra “ação” na figura), quando decidiu escrever as suas memórias para registo futuro e agir contra o próprio regime com o qual colaborava. “Testamento” significa também denúncia, portanto.

Poderemos, assim, imaginar três linhas temporais paralelas, sendo a da Tia Lydia muito mais longa devido à sua idade, e as de Agnes e Daisy com aproximadamente o mesmo comprimento, já que nasceram com um desfasamento de poucos anos.

Poder-se-á argumentar, no entanto, se de facto essas linhas são perfeitamente paralelas, nunca se cruzando. A resposta poderá estar na perspetiva associada a mudanças impostas por meios externos. No entanto, neste ponto, poderá ser necessário, e mesmo útil, recorrer à subjetividade dos próprios leitores do romance, ou seja, ao mundo que vive à velocidade da luz, o nosso mundo, o mundo dos ciborgues.

Como sabemos, a luz do sol demora cerca de oito minutos a chegar à Terra. Os raios de luz, ao atravessarem o espaço, são linhas paralelas que, quando cruzam a atmosfera terrestre, sofrem um desvio para convergirem todas no mesmo ponto devido à força da gravidade exercida pelo planeta. Esse ponto é o centro de gravidade da Terra, tal como definido pela física.

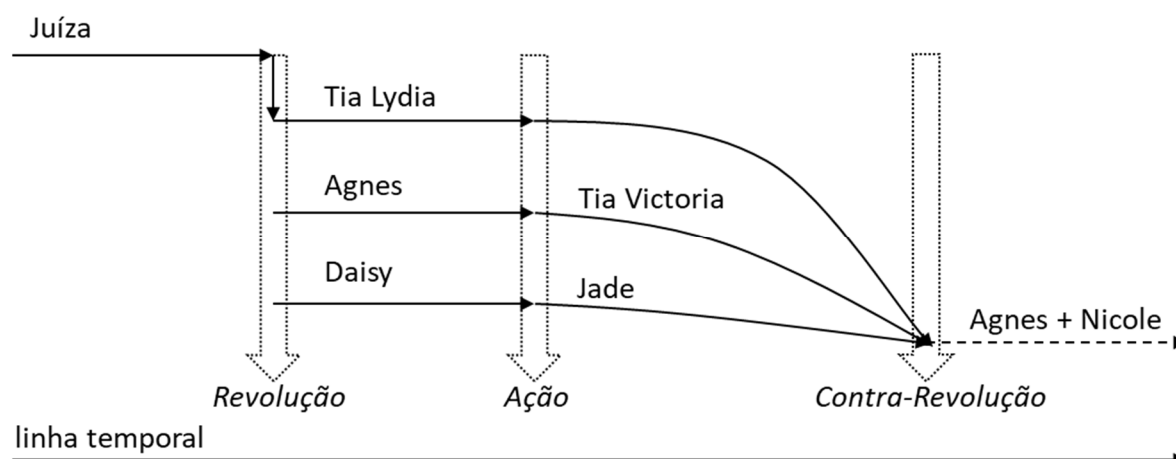


Figura 3- A estrutura de *The Testaments*.

Todavia, sob o ponto de vista da subjetividade das testemunhas, este ponto de convergência é Gilead. Tendo em conta que a autora do romance tenta retratar fielmente a sociedade atual, pode dizer-se que esse ponto de convergência é essa mesma sociedade.

É nesta dicotomia composta pela subjetividade das personagens do romance *versus* subjetividade das mulheres na nossa sociedade, que os conceitos de espaço-tempo, como identificados por Paul Virilio, e do mito dos ciborgues, como descrito por Donna Haraway, poderão explicar e interrelacionar o esbatimento das diferenças ou limiares entre géneros. Todavia, Margaret Atwood não conseguiu trazer até ao leitor (um potencial leitor da nossa sociedade) nenhum testemunho do género masculino. Esta é uma questão que pela sua extensão será abordada mais adiante.

Não obstante o recuo temporal, a sociedade Gileadiana usa meios sofisticados para vigiar, controlar e agir sobre os (potenciais) inimigos deste estado teocrático. De facto, o Comandante Judd tem a capacidade de, em tempo real, saber tudo o que se passa dos lados de dentro e de fora do seu estado, mas, quase em simultâneo, este tipo de informação também é conhecido por parte do Mayday, num jogo sofisticado de informação e contrainformação. Ou seja, tal como na nossa sociedade tecnocientífica, baseada na informação digital, o que está em causa dos dois lados da contenda é a capacidade de ter mais, melhor e mais rápido conhecimento. Desenvolvem-se aqui mecanismos de espionagem e contraespionagem que a História tem apresentado, particularmente em momentos

marcantes, e que são exaustivamente tratados por Christopher Andrew em duas obras: *O Mundo Secreto: Dos espões da Bíblia às grandes potências* e *O Mundo Secreto: Da Primeira Guerra Mundial à Atualidade*.

A narradora assume que a forma como estas interações emergem resulta da própria subjetividade do leitor, de alguém que vive num mundo controlado pela informação digital. Exemplos disto são a capacidade que Gilead tem de usar meios eletrónicos para identificar a atual Daisy a partir de fotos enquanto bebé e o envio de informação em “micro pontos” inseridos em folhetos de papel e no próprio corpo de Daisy.

A reprodução humana, enquanto evento central das duas narrativas, permite afirmar que o que nelas está em causa é a preservação da espécie *homo sapiens*, umbilicalmente dependente da mulher.

Parece-me correto afirmar que, tendo em conta todos os aspetos relacionados com a reprodução em Gilead, se está perante uma linha de montagem de bebés, de uma “ciborguização” do processo natural de reprodução. Esta afirmação contém em si própria uma contradição, mas uma contradição aparente. Teoricamente, Gilead quer promover a reprodução da forma mais natural possível, usando as mulheres e os homens. Na prática, para concretizar os seus objetivos, transforma todos os membros da sociedade em máquinas, em objetos desprovidos de sentimentos e atuando como máquinas apesar de serem organismos. Perde-se, assim, a ontologia do humano (nos termos de Donna Haraway).

Estamos, desta forma, perante a quebra de fronteiras entre o físico e o não-físico. Quer o poder Gileadiano quer Mayday atuam usando meios físicos que só aparentemente estão longe dos humanos. Os meios tecnocientíficos, utilizados para controlarem a informação digital que circula nas redes de computadores, têm nos seus extremos (atuando como emissores e recetores dessa informação) pessoas dispostas a atuarem em função dessa informação.

Um aspeto relevante nesta narrativa prende-se com o facto de, apesar de existirem, estes meios tecnocientíficos não serem referidos explicitamente, embora a sua presença se faça sentir. Ou seja, é como se já fizessem parte natural da vida. Recorrendo a uma imagem, a situação apresentada sugere a possibilidade de encontrarmos um telemóvel numa personagem do início do século passado.

Mais do que os percursos temporais das três personagens principais desta narrativa, será importante perceber como é que esses mesmos caminhos conduzem ao esbatimento das diferenças entre géneros, numa relação entre a sociedade distópica do romance e a sociedade da vida contemporânea do(a) leitor(a). Para tal, deverá tomar-se em atenção que parte deste novo romance

conta a mesma história que *The Handmaid's Tale*, mas sob diferentes perspectivas, como inicialmente se anunciou. Por esta razão, a análise que de seguida se desenvolve limitar-se-á a destacar essas diferenças, evitando repetições. Na verdade, em muitas partes do segundo texto já se sabe o que vai acontecer a seguir, apetece saltar os parágrafos e os capítulos à procura de algo mais substancialmente dissemelhante. Talvez se pudesse estar à espera de mais, dadas as expectativas criadas pouco tempo depois da publicação de *The Handmaid's*; todavia, o que sobressai são as lutas de poder entre as Tias, os medos das Tias e os medos dos Comandantes, a existência de uma resistência feroz ao regime, a vida normal que se pode ter não se conhecendo outra, as diferenças entre uma vida em Gilead e outra fora, mas, principalmente, o amor que tudo aglutina e revoluciona.

Será importante, também, entender os paralelismos estabelecidos com o tempo presente: a narradora coloca os Estados Unidos da América no centro da sua sociedade distópica, numa comparação muito realista. Ou seja, o espaço central da narrativa produz um efeito realista de verosimilhança que permite ao leitor reconhecer, no seu presente, elementos que definem os EUA.

Nas subseções seguintes apresentam-se os motivos textuais mais relevantes do romance.

2.5.2. Tia Lydia: Cruzando as Revoluções

Esta personagem decidiu, num momento indeterminado da sua vida, combater dissimuladamente o regime teocrático onde possuía grande poder. A sua autoridade advém principalmente da capacidade de destruir os outros, usando como armas as próprias leis não escritas desse regime; uma sociedade onde todos têm de provar que são inocentes de qualquer coisa que os pode levar ao enforcamento por traição.

Além da ação que empreendeu, Tia Lydia decidiu também (apesar da perigosidade do ato) registar por escrito a sua vida para um potencial leitor, um leitor, porventura inexistente, de um futuro incerto. Para escrever, usava o espaço de uma das poucas bibliotecas preservadas, mas escondida das câmaras de vigilância que ela própria colocou (não deixa de chamar a atenção a espantosa coincidência com Winston Smith, de Orwell, colocando-se num ângulo do seu apartamento do qual não possa ser observado pelo Grande Irmão; tal como a tia Lydia, Winston busca esse recanto quando começa a escrever sobre o que realmente sente perante o estado que o domina).

Ao invés do que ocorre no primeiro romance, o leitor toma consciência em *The Testaments* que Lydia se sente revoltada num Estado que a própria ajudou a construir e a preservar. Observa-se, assim, uma profunda transformação no retrato de uma das principais personagens das obras.

A inauguração da estátua de Tia Lydia em frente à sede das Tias, Ardua Hall, é o ponto de partida deste romance. A estátua pretende imortalizar esta figura feminina – num espaço exclusivamente de mulheres – e simbolizar um estatuto que a superioriza a todas as restantes mulheres. A presença de uma “Taser” na figura de Lydia metaforiza uma autoridade exercida pela força das armas, ou seja, a presença da tecnologia numa sociedade profundamente conservadora.

Em termos de caracterização psicológica, Lydia é um modelo que combina os traços femininos da mulher anjo com a mulher demónio: “In my own present day I’m a legend alive but more than alive, dead but more than dead.” (*idem*, p. 32).

É ainda uma corporização do Divino, pela sua onisciência e onnipresença nas vidas de todos os que habitam Gilead.

Recuperando a simbologia do espelho, a narradora coloca Lydia a observar-se e a sentir o impulso de refletir sobre o que foi, afinal, a sua existência. O espelho assume, assim, uma função simbólica: propicia o autorreconhecimento e a análise de uma vida.

Delineou-se desde cedo no romance a verdadeira natureza da relação entre Tias, uma importante categoria social. Existe, na realidade, uma luta constante entre elas e, aparentemente, com intrigas típicas de uma ditadura, onde cada um se empenha em desmerecer o outro: o vizinho, o amigo e até mesmo o familiar. Por exemplo, no jantar da Páscoa, as Tias agem para se fazerem notar como sendo as “melhores”, consistindo, essa ação, em comerem menos quantidade, uma vez que o jejum é um princípio religioso que deve ser cumprido.

A vantagem de ser mulher nesta ditadura assenta na possibilidade de evitar a morte. Ao contrário de outros notáveis do regime, a mulher não poderia ter assento no *Council of the Commanders* e, por essa razão, não estava sujeita a uma vigilância apertada. Mas existiam outras razões: i) Lydia controlava as outras mulheres, mantendo a ordem; ii) sabia demais acerca dos líderes e iii) era muito discreta. Apesar de tudo isto, estava sempre em perigo, como estavam todos os outros. De facto, ela e o Comandante Judd já tinham sobrevivido a três vagas de purgas. O que contribuiu para esta sobrevivência foi, aparentemente, a aliança implícita entre eles. Em conjunto delineavam estratégias para mostrarem aos superiores que faziam alguma coisa em prol do regime; em termos práticos, são ações que se limitam a preservar a vida de cada um, a sobreviver ao regime. O Comandante Judd precisava de ser defendido do seu pecado mortal: arranjava sempre maneira de matar as esposas para que pudesse ter uma nova mulher. Tia Lydia precisava do Comandante Judd porque estava a preparar uma contrarrevolução.

Nesta relação de interesses mútuos verificam-se duas diferenças de atuação: em primeiro lugar, a ação de Lydia é apresentada como moralmente superior; em segundo lugar, ela conhece a fraqueza do Comandante (embora este não conheça qualquer debilidade na sua aliada). Neste sentido, pode concluir-se que a narradora subverte o princípio bíblico de superioridade do homem sobre a mulher. O ser frágil, no romance contemporâneo, é masculino.

Lydia atua como “braço-direito” de Judd e é usada para o cumprimento de tarefas práticas, mas muito relevantes socialmente.

É minha opinião que as mulheres são colocadas, assim, num patamar secundário por duas razões: a) porque nesta sociedade é importante lidar com as mulheres, as Servas, pela sua capacidade progenitora e b) porque é uma sociedade patriarcal, na qual os líderes são homens, aparecendo de seguida as Tias, numa segunda linha de atuação.

Em ambos os casos, a luta pelo poder é uma forma de sobrevivência. Numa sociedade ditatorial rígida, a sobrevivência física reveste-se de importância fundamental. É uma sociedade a preto e branco, de extremos, de concretização de um princípio muito básico: “ou estás connosco ou contra nós”. Nessa luta, empurrar os outros para a morte é uma forma de sobrevivência. As execuções são efetuadas da parte da tarde e integram uma normalidade diária.

O testemunho de Lydia tem também uma função justificativa: esta mulher, antes uma juíza – portanto, um membro de um órgão destinado a fazer cumprir a Lei de forma igualitária – foi presa, torturada e isolada até ceder aos carrascos: “It was night, but only just. You’d be surprised how quickly the mind goes soggy in the absence of other people. One person alone is not a full person: we exist in relation to others. I was a person: I risked becoming no person.” (*idem*, p.148). Tinha duas opções, a morte ou a integração ativa na nova comunidade. Decidiu ceder e lutar por um lugar de relevo. Apesar de tudo, foi afortunada porque sobreviveu e conseguiu construir um universo ao qual o regime não tem acesso: o universo da sua mente. Nesta personagem, é representado o confronto entre individualismo e coletividade.

Segundo a doutrina de Gilead, o decréscimo do número de nascimentos deve-se às escolhas egoístas das mulheres e, por isso, a “Society is best served by separate spheres for men and women.” (*idem*, p. 174). É no ambiente destes preceitos que as mulheres foram escolhidas para Tias. Foram selecionadas pelo seu passado, apesar de lhes ser exigido que ele seja quase totalmente esquecido. Dele devem reter apenas os comportamentos das mulheres, para que, no presente, atuem de forma distinta.

A escolha de mulheres para Tias não constitui qualquer exibição de afetos ou de laços emocionais que o termo possa sugerir; a seleção é determinada por capacidades de inteligência e pelas profissões antes exercidas (advocacia, magistratura são as mais relevantes, pois mostravam a capacidade de julgamento dessas mulheres).

As capacidades, as formações e a experiência profissional desse grupo selecionado de mulheres obrigam os Comandantes a recorrerem a meios de persuasão extremos. Nada melhor que o medo da morte para esse propósito. Incutir o medo é, na História da humanidade, um mecanismo recorrente de regimes ditatoriais. Não é por acaso que um período muito sombrio do regime estalinista ficou conhecido como “o Terror”.

Lydia é a responsável pela criação de um “ninho” de mulheres ou, em bom rigor, um ninho de vespas, pois é um espaço de intrigas, de dissimulações e de desmerecimento de potenciais adversárias.

Verificamos assim que mulheres de leis iriam criar as próprias leis de Gilead, e que esse conjunto de normas obedeceria ao princípio patriarcal religioso compilado no documento “Filhos de Jacob”. Além das leis, criam aquilo que já se conhece e que identifica Gilead: uniformes, *slogans* e hinos, ou seja, um sistema propagandístico que, como vimos, é crucial num Estado totalitário.

De certa forma, estas mulheres foram as arquitetas da nova república; mas esse novo sistema cumpria estritamente os ditames dos Comandantes ou, na linguagem dos próprios, as leis de Deus. Todavia, Deus é um pretexto para a instrumentalização, para a construção de um modelo de sociedade, de comportamento e de relação com os outros e com outras sociedades.

A inflexão do curso da diegese ocorre quando o leitor é confrontado com as verdadeiras motivações de Lydia: a destruição de uma ditadura a partir do seu interior.

O uso da tecnologia e a manipulação emocional, numa mistura de eletrónica com moléculas orgânicas, de informação com inteligência, de máquinas com organismos, revelam-se cruciais, como se demonstra no comportamento de Lydia: pretendia usar os segredos mais profundos de Becka em seu favor, *i.e.*, o facto de o pai, como médico, abusar de crianças e de mulheres enquanto estavam na cadeira do dentista (portanto, vulneráveis).

O diálogo escutado por Tia Lydia entre Agnes e Becka sobre atos de lenocínio derreteu-lhe o coração, não um coração qualquer, mas o de uma mulher endurecida pela vida. Ou seja, mais uma vez, é um sentimento forte, o amor, a colocar as coisas no seu lugar e a incentivar uma ideia de combate a esta ditadura.

Lydia autocaracteriza-se como uma raposa e um gato, porque quando os “caçadores” chegam é capaz de aplicar vários truques para escapar, tal como uma raposa; mas quando os truques se acabam, é capaz de trepar a uma árvore como um gato. Estes símiles zoomórficos revelam, ora a astúcia, ora a ligeireza que a personagem incorpora como meios de sobrevivência e de escape à vigilância que pode destruir o seu projeto.

Todavia, chega o momento em que resta uma de duas opções à personagem: ou prossegue o seu plano de destruição do Comandante Judd (por arrastamento, de Gilead), usando para isso toda a informação que possui e correndo o risco de acusação de traição caso não seja bem sucedida na denúncia; ou utiliza toda a informação para controlar Gilead a partir de Ardua Hall, mantendo o regime.

Este motivo textual é importante para entender as verdadeiras motivações de Lydia: o seu pensamento vacila, em aparência, entre estas duas opções ou, então, já tinha tomado uma decisão há muito tempo. Na verdade, não se sabe se terá sido corrompida pelo poder.

O que se torna evidente é o plano de Lydia de que as suas meninas (Agnes e Daisy) cheguem ao destino, o Canadá. Não deixa de ser interessante, numa perspetiva ideológica, que o Canadá simbolize o país da liberdade, ao contrário dos Estados Unidos, uma democracia convertida em teocracia. Podemos ler esta imagem do Canadá sob o prisma biográfico; todavia, numa vertente essencialmente ideológica, o que poderá estar em causa é uma crítica aos EUA e uma mensagem de que “a liberdade mora muito perto”.

Como último ato conspirativo, fez com que Tia Elisabeth administrasse morfina a Tia Vidala para a matar. Esta era a sua contribuição, o seu testamento final. Tentava destruir o regime teocrático por dentro. Esta não é, de resto, uma estratégia inédita: são historicamente conhecidas sociedades em que regimes totalitários se esboroaram a partir do seu interior. Não é por acaso que nesses mesmos regimes seja frequente que um ditador elimine potenciais adversários ou viva permanentemente atemorizado pela possibilidade de ser atacado (veja-se o caso de Estaline, que viveu uma autêntica paranoia com pânico de ser assassinado; veja-se ainda o caso do atual presidente da Coreia do Norte e do destino do seu meio-irmão – um eventual futuro líder do “Reino Eremita”). Aliás, deve sublinhar-se que estados totalitários são muitas vezes designados como “estados de paranoia”, não sendo esta senão o temor constante de rebeliões, denúncias, tentativas de aniquilação.

Um dos maiores problemas de Gilead, tendo em conta que os seus líderes se referiam à sua república como Reino de Deus, é a emigração. Duas questões emergem desta circunstância:

A primeira está relacionada com o facto de as pessoas fugirem por não se sentirem bem.

A segunda prende-se com a similitude com o mundo atual, no qual existem migrações em massa de países ditatoriais e em guerra para países democráticos. Em Gilead, esta emigração estava muito bem organizada, como já tinha sido descrita em *The Handmaid's Tale* – neste caso, sob o ponto de vista de Offred, com as limitações inerentes à função de Serva.

Sabe-se agora, com este novo romance, que existe uma luta constante da ditadura para tentar acabar com esta purga clandestina de pessoas, principalmente de mulheres. As Tias participavam ativamente nessa tarefa. Lydia era muito mais moderada que as outras nas medidas a tomar, o que a tornava alvo de repúdio. Por contraponto, Lydia dizia que havia um traidor entre elas, o que as colocava de sobreaviso e receosas, usando ao mesmo tempo a sua amizade com o Comandante Judd para demonstrar a sua ascendência sobre as restantes mulheres.

Lydia mostra-se dissonante com o poder em Gilead, apesar de a ele pertencer: "It was being so crucial for my own mental development to have had the privilege of being the fly on the wall; or, to be more exact, an ear inside the wall." (*idem*, p. 251).

Numa leitura metafórica, a mosca sobrevoa, observa, colocando a personagem num plano de não integração, de afastamento; ela é o ouvido dentro da parede, que escuta sem ser visto e coleciona informação. Completa este esclarecimento dizendo que os seus microfones estão a ouvir. "I increased the sensitivity of my microphones." (*ibidem*).

Em *The Testaments*, Lydia assume-se como a escritora que deseja ser lida na posterioridade, que deseja ser salva de alguma coisa através da escrita. Dirige-se aos futuros leitores tentando colocar a sua vida numa normalidade inexistente, quando justifica as suas ações. No entanto, ao explicar-se, está também a dizer que o que fez foi um erro.

É por este motivo que se dirige aos leitores no pretérito quando fala sobre si própria (e sobre as outras Tias), como que apresentando uma desculpa e uma justificação. O testamento é também, por consequência, um documento de autodefesa: um documento escrito, sublinhe-se, na tentativa de fixar um registo que sobreviva à própria personagem.

Lydia escreve as suas memórias no coração de Ardua Hall, na biblioteca onde também se guardam os registos dos nascimentos de Gilead. Na complexidade do processo de reprodução, todos os registos são mantidos com a finalidade de cumprimento da obrigatoriedade de impedir o incesto (propiciador de problemas biológicos e religiosos).

As memórias de Lydia podem ser vistas como um grito de revolta contra um poder que sozinha não podia vencer. Sem forças e coragem para tomar uma opção diferente daquela que assumiu quando foi torturada, empenhou-se a fundo nas regras que lhe eram impostas e usou-as para combater e destruir a ditadura. Na verdade, se tivesse desistido de lutar desde o início, quando foi presa e torturada, quer suicidando-se quer colocando-se à margem dos acontecimentos, não haveria outra pessoa tão forte e com tanto poder que pudesse destruir internamente esta teocracia.

Não posso deixar de sublinhar o papel nuclear desta personagem no romance, precisamente porque, no fundamentalismo que nela observamos em *The Handmaid's Tale*, surge agora um aspeto surpreendente: Lydia seria a última mulher de quem o leitor esperaria uma tão profunda transformação de comportamento e de ação. Não creio que tal seja casual, atendendo ao conjunto da produção narrativa de Margaret Atwood: a mulher é o ser que mais evolui, aquele que revela maior capacidade de transformação. Em última análise, *The Testaments* valorizam, muito mais do que o anterior romance, os papéis sociais, políticos e ideológicos do feminino.

Os detalhes deste romance mostram uma tentativa de aproximação a uma realidade que todos conhecemos, ao mesmo tempo que sugerem que tudo poderia ter sido diferente, bastando para isso um pequeno pormenor para que tudo falhasse e Lydia fosse condenada por traição. Este tipo de lutas internas tem, por exemplo, paralelo nas várias tentativas frustradas para matar Hitler.

Penso que Margaret Atwood compara e nivela ditaduras (Estalinismo ou Nazismo, por exemplo) e repressões a que sociedades patriarcais sujeitaram as mulheres durante milénios, culminando em vários tipos de governações que ainda hoje podem ser encontrados em vários países.

Não deixa de ser relevante, todavia, o facto de do outro lado do muro, *i.e.*, do lado da teocracia, estarem mulheres. É evidente que Lydia tem consciência de que não pode confiar em nenhuma das suas homólogas; sabe que só poderá executar o seu plano de destruição de um sistema autoritário instruindo jovens mulheres que sintam o apelo de participação numa revolução libertadora.

Na nossa realidade isto também acontece. De facto, as teocracias proliferam ainda nos nossos dias e há situações em que as próprias mulheres apoiam repressores. Um exemplo disso são as manifestações de mulheres em que o convidado “de honra” é o Presidente Norte Americano. Atwood coloca este ponto em evidência nas suas narrativas. Por outro lado, destaca, também, a existência de homens que não pactuam com estas ideias: são aqueles que integram os segmentos mais baixos da sociedade teocrática e distópica criada, *e.g.*, o motorista Nick em *The Handmaid's Tale* e outros homens que viviam no Canadá e lutavam com a própria vida pela libertação de Gilead, em *The Testaments*.

Pelo próprio conceito de esbatimento dos limiares das fronteiras de géneros, como descrito por Haraway, esta ideia não me parece verosímil, ou seja, não me parece possível que não existisse nenhuma personagem masculina com poder na hierarquia de Gilead que não pensasse em destruir essa ditadura, que não fosse a favor da igualdade de géneros., tal como existia Lydia. Não precisaria de ser o protagonista, até porque as protagonistas neste caso têm de ser as mulheres.

Tendo em conta os pontos de vista de Margaret Atwood expostos em ensaios, colunas de opinião e entrevistas, e criticados muitas vezes por diversos grupos feministas, seria expectável que a narradora colocasse uma personagem masculina da hierarquia de poder com algum papel relevante na sua luta pela quebra das diferenças entre mulher e homem; mas esta não é uma luta entre o homem e a mulher; é uma luta entre os que estão de um lado e os que os que se encontram noutra lado.

Penso que se este romance incluísse o testemunho de uma personagem masculina que lutasse por princípios de igualdade, a opção teria sido mais valiosa para a escritora na defesa de direitos femininos e numa militância contra preconceitos e prerrogativas de género. O testemunho de Margaret Atwood em prol desta luta é constituído pelos seus romances, ensaios, entrevistas, em suma, pela sua própria biografia. Todavia, a sua produção literária e ensaística tende a excluir o ponto de vista masculino ou então a uma representação tendencialmente negativa do homem.

2.5.3. Agnes: Filha de Gilead

Esta testemunha que nasceu e foi criada em Gilead mostra-nos, inicialmente, que mesmo em regimes ditatoriais, que recorrem à violência extrema para se manterem, podem existir coisas boas: "(...) many children were loved and cherished, in Gilead as elsewhere, and many adults were kind though fallible, in Gilead as elsewhere." (*idem*, p. 10).

A educação que as raparigas recebem em Gilead está orientada no sentido da sua função como máquinas reprodutoras. É assim, como fazendo um serviço à comunidade e a Deus, que elas devem acreditar e aceitar o homem que é escolhido para cada uma. Estes princípios são inculcados às mulheres desde tenra idade (no caso de Agnes, com apenas cinco anos).

Ao mesmo tempo, o código de indumentária é justificado como uma proteção contra a natureza dos homens, cujos desejos e olhares devem ser filtrados por um escudo inibidor da libido; as mulheres, por seu turno, são "flores preciosas", ou seja, são ao mesmo tempo seres frágeis e seres superiores, localizando-se acima dos homens. De notar que o corpo da mulher e os seus adereços são considerados como um bem essencial para elas e para a sociedade.

Agnes foi duplamente escolhida: pela sua mãe (foi “adotada”) e para casar com um Comandante. No entanto, não confia e tem medo do marido que lhe possa ser atribuído. Ama a mãe, mas chama-lhe Tabitha. E como tantos pais, a mãe conta-lhe mentiras sobre coisas pretensamente perigosas para a manter segura. Na sua casa de bonecas tem um Comandante no seu gabinete, divisão da casa que na vida real não pode visitar. A casa de bonecas inclui também uma Serva.

Um ensinamento importante que Agnes recebe sobre o relacionamento entre homens e mulheres encontra-se sintetizado na seguinte afirmação: “What my father was doing in there was said to be very important – the important things that men did, too important to females to meddle with because they had smaller brains that were incapable of thinking large thoughts, according to Aunt Vidala, who taught us Religion.” (*idem*, p. 15). A expressão “smaller brains” tem implicações que traduzem um princípio misógino com fortes raízes culturais, merecendo esta citação uma análise mais aprofundada. Na verdade, o pensamento aqui veiculado não difere do de muitos autores de tendências misóginas, para os quais a mulher é biológica, mental e emocionalmente um ser menor. A este propósito, José Barreto (2018) escreveu muito recentemente um ensaio sobre as pseudo-organizações que se arremetiam sempre que as lutas pela igualdade de género se destacavam na sociedade, principalmente desde o final do século XIX. Estes antifeminismos chegaram ao ponto de propor modelos científicos que propunham a “inferioridade intelectual da mulher ou da sua inadequação fisiológica e psicológica para a maioria das atividades e profissões.” (*idem*, p. 767).

Todavia, durante o século XX a mulher provou possuir capacidades idênticas às dos homens (*ibidem*). José Barreto explicita claramente a evolução histórica destas lutas até aos dias de hoje, em todos os domínios da sociedade. Destaca-se Proudhon, socialista, anarquista e pioneiro teórico do antifeminismo francês, modelo de toda uma geração cultural portuguesa, a Geração de 70 (*idem*, p. 774). A ficção queirosiana revela esta misoginia: a beleza física da mulher (paradigmaticamente representada em Maria Eduarda, de *Os Maias*) parece ser o único atributo que a destaca; é certo que Maria Eduarda é, no universo feminino queirosiano, uma mulher instruída e capaz de participar em saraus masculinos; mas não é menos verdadeiro que a esmagadora maioria das personagens femininas da ficção queirosiana não se notabiliza por dotes intelectuais.

Este tipo de pensamento misógino cruzou, também, abundantemente a literatura. Joana Lima (2018, p. 796) define assim esta forma de antifeminismo: “Conjunto de atitudes e discursos masculinos e femininos contra as mulheres que se dedicaram aos estudos das letras e das ciências, baseados em preconceitos relativos ao género.”.

O antifeminismo literário manifestou-se desde a Grécia antiga e é observável, na História da Literatura, em muitos escritores, *e.g.*, James Joyce, Franz Kafka e Fernando Pessoa, só para citar três deles, e atingiu escritoras, como Maria Amália Vaz de Carvalho, a primeira mulher portuguesa a concluir um curso universitário. Este tipo de “perseguição literária” forçou algumas mulheres a assinar as suas obras com nomes masculinos, *e.g.*, Alice Pestana (*idem*, pp. 796-799). Mas também estimulou outras escritoras a desafiar convenções sociais patriarcais e misóginas. Destacaria Judith Teixeira, Natália Correia e Agustina Bessa-Luís.

Para Agnes, as histórias da Bíblia não fazem sentido, apesar de a usar para tentar compreender a morte da mãe. Desde a infância, sente necessidade de se convencer que poderia ter algum poder sobre o sexo oposto, porque lhe foi ensinado que os homens dominavam e as mulheres não teriam qualquer possibilidade de construir pensamentos próprios.

Na primeira parte do seu testemunho, Agnes é criança, tem entre cinco e nove anos, e o que se nota, do seu registo, é uma normalidade especial. Ou seja, todos os ingredientes de um estado totalitário são descritos e sentidos pela criança: precocemente, adquire consciência de que vive num estado patriarcal em que o pai é uma figura com a qual não convive, porque se trata de um ser com um estatuto socialmente superior e intocável.

No que respeita ao contacto com a mãe, ele é muito superficial e episódico. Mas é um convívio que lhe traz algum conforto, apesar de tudo. As raparigas são educadas essencialmente pelas Tias, mas sentem tudo como normal, apesar da falta de ligações ao género masculino. Frequentam as *Vidala Schools*, geridas por Tia Vidala.

A parte final da sua educação corresponde àquela idade em que o seu corpo está preparado para a maternidade, o que no caso de Agnes acontece aos 13 anos.

Agnes vê o casamento sob dois prismas: o da noiva a ser preparada e o das Tias responsáveis pela preparação. É interessante sublinhar que as partes corporais que interessam à madrasta e às Tias (as ancas e os dentes) recordam um comportamento idêntico ao que se verifica quando se observa uma égua para procriação. Agnes é uma privilegiada, vai poder escolher entre três homens, mas de várias idades e sem os conhecer anteriormente. Aparentemente, Agnes pode escolher; mas trata-se apenas de optar num universo de desconforto, já que as características dos potenciais maridos são impessoais.

Rubies Premarital Preparatory é um lugar onde não se espera que as jovens permaneçam durante um longo período, porque tal significaria que elas poderiam aprender a pensar; na verdade, o que o sistema escolar promove é um conjunto de aptidões de uma boa esposa.

A educação formal ministrada às raparigas reveste-se de primordial importância para o tema deste trabalho. Margaret Atwood aborda este assunto no seu ensaio *La Maldición de Eva, o lo que Aprendí en el Colegio* (Atwood, 2005, pp. 9-28).

Penso que se pode estabelecer um paralelismo entre a história ficcional que se está a analisar e a biografia da escritora. No tempo da sua juventude, o destino das mulheres era, também, o casamento. Aquelas que se atreviam a pensar fora dos padrões patriarcais da época eram menosprezadas, tal como a sua professora especialista em Samuel Taylor Coleridge a quem a universidade não promovia (*ibidem*).

A vantagem de Margaret Atwood, como a própria afirma, advinha do facto de não querer ser professora, mas escritora. Todavia, mesmo exercendo uma atividade de certa forma independente, manifesta o seu mal-estar diante do “regime” teocrático imposto: “En esta sociedad es más difícil ser mujer escritora que hombre escritor. Pero no por innatas diferencias hormonales o espirituales (...)” (*idem*, p. 25).

A sociedade espera que as mulheres sejam sempre moralmente melhores que os homens. Penso que esta ideia explica o facto de Margaret Atwood usar na sua obra personagens femininas com imperfeições morais, como é o caso de Lydia. Num “olhar” patriarcal, ela comporta-se como homem.

O destino imposto a Agnes – o casamento – não a impede, todavia, de especular sobre o modo que levaria uma mulher a tornar-se Tia: uma criatura assexuada: “Did they have special brains, neither female nor male? Were they even women at all underneath their uniforms?” (*idem*, 2019, p. 156).

O mundo de Agnes (como o de Offred, no anterior romance, ou mesmo o das Tias) era um lugar repleto de secretismo, comandado por um seletivo grupo feminino que, tal ser divino, possui o dom da onisciência.

As mulheres devem sentir que lhes importa passarem despercebidas num mundo de homens, devem esconder-se estando com outras, devem ouvir sem que saibam que ouvem e devem aprender a partir de segmentos de diálogos que escutam.

Lydia escolheu Agnes para a ajudar na revolução silenciosa que estava a promover, mas fê-lo por um motivo especial: esta menina tinha uma história anterior. Foi, assim, desviada do seu percurso de Esposa para o de Tia. A sua rebeldia foi parcialmente induzida por Lydia.

Nessa fase de transição e aprendizagem, começou a ter contacto com os livros. Para Agnes, o livro aberto estava cheio de sinais que lhe pareciam formigas. Nunca tinha lido um livro. As Tias aprendem a ler, tal como num seminário no tempo da ditadura, em que os seminaristas eram as pessoas mais instruídas. Ao mesmo tempo, Agnes é motivo do confronto entre as Tias: Tia Vidala defende que deve usar o seu corpo para os propósitos de Deus, *i.e.*, para procriar.

A importância da procriação foi de novo relevada quando Ofkyle, a Serva da sua madrasta, engravidou. Tudo na sua casa passou a circular em torno do novo bebé e na escola as colegas passaram a tratá-la com deferência, facto que não acontecia antes. Ofkyle passou, assim, a ser uma celebridade, mas Agnes, ao saber que aquele filho passaria a pertencer a Paula (a madrasta), não compreendeu como isso era possível.

O valor dos bebés sobrepõe-se ao da mãe, como se percebe pelo facto de Ofkyle não ser salva durante o parto.

2.5.4. Daisy: Semente de Esperança

Margaret Atwood seleccionou uma criança nascida fora de Gilead como testemunha para lembrar ao leitor que, ao lado do regime teocrático, existiam outras sociedades onde se vivia de uma forma mais consentânea com aquilo que conhecemos. Isto indicia, desde logo, que a sociedade distópica criada existe num futuro muito próximo de nós, e que avança no tempo à medida que também prosseguimos na nossa evolução.

É assim que nos é apresentada a história de uma menina nascida no Canadá com uma vida semelhante à de qualquer menina canadiana atual. Uma menina que com doze anos discute com os pais, transitando da idade em que considera que eles sabiam tudo para a idade em que defende que não sabiam nada. Uma menina que observa com detalhe as pessoas que passam na loja dos pais no centro da cidade: um pedinte que considera um perverso, uma rapariga que leva roupas para caridade e as Pearl Girls (missionárias de Gilead).

Desde cedo, Daisy tem conhecimento de Gilead, a república temida por muitos e ali tão próxima. Na escola fez um trabalho acerca da Baby Nicole, a bebê que foi trazida por uma Serva de Gilead para o Canadá.

Ao contrário do que acontece em Gilead, foi permitido a Daisy dar a sua opinião sobre a bebê, apesar de ter tido má classificação no trabalho. Para ela, Baby Nicole estava a ser usada como uma bola de futebol, lançada de um lado para o outro.

Daisy sente que os pais não se comportam como os das suas colegas: não a autorizam a assistir a uma manifestação de protesto contra Gilead (e, naturalmente, como tantos adolescentes, desobedece).

A narração deste tipo de episódios tem o propósito de revelar diferenças muito acentuadas entre os dois países, o que na prática corresponde às diferenças entre Gilead e a vida atual.

A história de Daisy reveste-se de importância porque o texto revela uma pretensão de aproximar Gilead do mundo exterior e, ao mesmo tempo, encontrar afinidades com *The Handmaid's Tale*. Essa conjugação começa com a manifestação mal sucedida no Canadá, obrigando à intervenção de Ada, a rapariga que recolhia roupas para caridade e que era uma operacional de Mayday. Aquele que seria um dia normal de escola para uma rapariga de dezasseis anos, em que sonhava acordada com rapazes e com a possibilidade de sair com alguém pela primeira vez, transformou-se no ponto de viragem da sua vida. Num dia dramático, os seus pais foram assassinados e ela foi levada em segredo por Ada para longe de casa. Os indícios da sua ligação com Gilead sucediam-se. Estava a ser guiada por Ada nos meandros de uma organização bem estruturada, mas não sabia se devia acreditar na palavra da sua salvadora ou pensar que estava a ser raptada para se tornar escrava sexual. O seu mundo mudou: "The world was no longer solid and dependable, it was porous and deceptive." (*idem*, p. 126). Ela própria também mudou: "I studied myself in the big wall mirror. I wasn't the same person as the day before, although I look similar." (*idem*, p. 130). O seu aniversário não tinha sido no dia anterior, os seus pais não eram os que ela conhecia, nasceu em Gilead e era Baby Nicole. Tal como numa tragédia grega, o leitor encontra-se diante do "reconhecimento", causador de uma profunda inflexão no curso dos acontecimentos.

Daisy era considerada pelo regime de Gilead como sua propriedade, como um objeto que teria de ser devolvido pelo Canadá assim que fosse descoberto. É assim que o conceito de ciborgue, um misto de máquina e organismo, uma criatura de realidade social, foi transportado para uma criança, uma criança que nasceu assim, como uma máquina, mas que viveu como pessoa.

Mayday é considerada internacionalmente uma organização terrorista, por imposição de Gilead. Note-se, aqui, o paralelismo com o mundo atual. Qualquer entidade que faça frente aos Estados Unidos da América é rotulada como organização terrorista e combatida ferozmente, quer militar quer economicamente, apesar de atualmente a maior parte dos países não aceitar esta ideia.

2.6. Uma Única Memória

O ponto de confluência destas três testemunhas, tal como mostrado na figura 3, é aqui apresentado no sentido irónico de que existem várias memórias e de que a identidade das mulheres é múltipla. Esta é uma ideia contrária à defendida pelos feminismos, em que todas as mulheres devem seguir as ideias e os padrões de comportamento definidos por regras estabelecidas por essas organizações feministas.

A convergência das três protagonistas começa numa cerimónia de Thanks Given, aproveitada também para dar as boas vindas às Pearl Girls que retornavam das suas missões ao exterior. Depois dessa cerimónia, Lydia apresentou Daisy (renomeada Jade) a Agnes e Becka nos seus aposentos em Ardua Hall.

Para Agnes, agora, o tempo em Gilead (Ardua Hall) não passa, tal como referido anteriormente durante a análise do primeiro romance, de: "Our time was filled, but in a strange way it did not seem to pass." (*idem*, p. 287). Existe nesta ideia uma grande contradição: para o leitor, o tempo parece fluir, uma vez que existe uma série de acontecimentos que evolui no tempo das três testemunhas. No entanto, no interior de Agnes o tempo não passa desde que chegou a Ardua Hall. Ou seja, numa vivência do tempo psicológico, ela sente que está congelada espacial e temporalmente. Veja-se aqui a contradição com os tempos modernos, os da tecnologia da informação, em que o tempo e o espaço estão reduzidos a zero.

É minha opinião que esta percepção subjetiva do tempo psicológico é importante para entender o romance. As diferenças entre a nossa sociedade e a teocracia Gilead não se cingem somente ao comportamento, mas abarcam tudo o que define a essência da vida humana. E tendo em conta que Atwood se interessa por questões de género, o que pretende reforçar é a ideia de que em Gilead as mulheres vivem num espaço restrito, mas num tempo infinito. O espaço restrito cria segregação e estratificação da sociedade, ou *vice-versa*, enquanto o tempo infinito cria a ilusão de que não se vive. Esta segregação, como é óbvio, realça as diferenças entre os géneros, sendo que as mulheres devem viver para os homens, ou para esta sociedade patriarcal, ou em função deles. No outro extremo, como

Donna Haraway afirma, a sociedade tecnocientífica que criou os ciborgues, e onde tudo circula à velocidade da luz, proporciona o mesmo tipo de vida para os homens e mulheres, esbatendo as fronteiras de géneros.

A literatura como conhecimento é outro aspeto que Margaret Atwood realça. Serve-se do Latim, em determinadas situações, para mostrar que, para que haja igualdade, o conhecimento é necessário. Quem não sabe Latim, *i.e.*, quem não tem conhecimento, não será capaz de se defender. Por exemplo, o lema de Ardua Hall é “Per Ardua Cum Estrus.”, o que traduzido, nas palavras de Becka, quer dizer: “Through childbirth labour with female reproductive cycle.” (*idem*, p. 289). O mesmo acontece perto de nós, como todos sabemos. Recordo o exemplo já mencionado: junto das palavras FÉ, CARIDADE e ESPERANÇA plantadas no escadório do Bom Jesus, estão citações em Latim. A razão para este facto só pode ser uma: mostrar a quem passa por lá e desconhece o Latim que existem os que sabem a língua e que por essa razão estão mais perto de Deus, fonte de conhecimento supremo.

É por estes motivos que aprender a ler e a escrever é caracterizado desta forma: “Being able to read and write did not provide the answers to all questions. It leads to other questions, and then others.” (*idem*, p. 299).

Assim, o processo da revolução silenciosa levada à prática por Lydia incluiu a fase de ensino das letras a Agnes. A vida pacífica pode ser alterada por causa dos livros, mas a Bíblia foi a primeira a causar alterações no pensamento de Agnes. As histórias escritas não coincidiam com as histórias que se contam oralmente. Geralmente, a verdade mais dura era escondida, principalmente das mulheres. Assim, concluíram Agnes e Becka, as pessoas que controlavam Gilead mentiam a todos. Esta ideia permitiu-lhes ver muito mais além daquilo que lhes diziam, mas ao mesmo tempo trouxe-lhes uma crise de identidade, o que as levou a pensar: “... you could believe in Gilead or you could believe in Good, but not both.” (*idem*, p. 304).

O modo de pensar de Agnes mudava de dia para dia. Para isso contribuíam as revelações que obtinha dos *Bloodlines Genealogical Archives*. Ficou a saber que Baby Nicole era sua irmã e que estava em Gilead. Estes registos são similares aos registos que Hitler fazia dos milhões de mortos que assassinou, como se quisesse preservá-los para a posteridade.

Por contraponto: Agnes foi treinada para ler enquanto Daisy foi treinada para ser uma operacional do Mayday. No entanto, em ambos os casos, cada uma das raparigas não estava preparada para os ensinamentos. Agnes foi educada num ambiente direcionado para a procriação, e, como tal, deveria ter todos os seus pensamentos nessa tarefa. Daisy foi educada num ambiente de liberdade e

literacia, e estava agora a ser preparada para lutar física e psicologicamente contra um inimigo real, abdicando do conforto a que estava habituada.

O plano arriscado de Lydia para destruir Gilead começou a ser posto em prática. A intriga do romance convergia para o seu epílogo com revelações e ações que permitiriam às quatro mulheres sozinhas (Lydia, Daisy, Agnes e Becka) iniciarem o processo de desmantelamento deste estado teocrático. Baby Nicole era, afinal, Daisy, irmã de Agnes; a mãe de ambas está viva e vive no Canadá. O micro ponto implementado por dentro da pele no braço de Daisy continha informações comprometedoras sobre Gilead, os crimes dos seus dirigentes máximos e outras revelações que depois de disseminadas permitiriam a destruição da ditadura. Para isso seriam necessários sacrifícios.

Porém, "It's like a trail of light!" (*idem*, p. 368). Finalmente, conheceram a sua mãe. Gilead ainda não acabou, mas é o princípio do fim da ditadura, o dealbar da libertação das mulheres.

O epílogo lança, portanto, uma nota esperançosa: o reencontro com a mãe e o princípio do fim da ditadura. Mas, creio, este tom de esperança que encerra a narrativa poderá realmente deixar o leitor tranquilo ou criará nele um estado de precaução diante de hipóteses de renascimento de autoritarismos?

Interessam ainda neste romance as evoluções psicológicas – por vezes, dramáticas – vividas por mulheres, aparentemente conformadas com um regime despótico. Sob este ponto de vista, a obra vai mais longe que a anterior: Offred é, em termos diegéticos, uma personagem imutável; mas as três protagonistas de *The Testaments* revelam uma progressão psicológica notável, sobretudo a que é vivida por Lydia.

3. IAN McEWAN

3.1. Homo-Ciborgue

Uma das personagens desta narrativa, *Machines Like Me*, é Adam, um robô sofisticado. Porém, tal como exposto na introdução deste trabalho, a definição inicial de ciborgue como apresentada por Donna Haraway, um misto de máquina e organismo, foi depois subtilmente ampliada para máquinas que não precisam de elementos animais – ou orgânicos –, conceito introduzido por Gray (2002). Assim, para o efeito deste texto e sob o ponto de vista da análise realizada nesta dissertação, Adam será considerado um ciborgue.

A máquina que o protagonista desta narrativa de Ian McEwan, Charlie, adquire tem estas características, ou seja, é um ciborgue potencializado por dispositivos eletrónicos e por outros materiais sintéticos que lhe aumentam a subjetividade – quando comparado com o *homo sapiens*. A eletrónica confere-lhe capacidades de controlo e de inteligência, em paralelo com o sistema nervoso e o cérebro dos humanos, enquanto os novos materiais usados, principalmente na sua construção exterior, potencializam-lhe uma relação mais próxima e imediata com os humanos. Neste último caso, conta-se com a sua aparência física que lhe permite as relações íntimas com a personagem feminina, Miranda.

Desenvolve-se, assim, um triângulo relacional de promiscuidade entre o humano e a máquina que abala a ontologia do humano, como também referido na introdução, sendo evidente, ao longo das páginas deste romance, a existência de uma aproximação que ocorre em simultâneo dos dois lados desta fronteira homem-máquina.

Devido à evolução de Adam na narrativa e à última frase que proferiu e que corresponde aos título e subtítulo do romance, *Machines Like Me: And People Like You*, verifica-se a existência de uma ambiguidade na definição de estatuto do protagonista. No entanto, optou-se por considerar Charlie o protagonista tendo em conta que é ele que inicia, que conta e finaliza a história. Ou seja, é a sua voz enunciativa que domina o discurso e que me permite atribuir-lhe, enquanto narrador intra-diegético, esse estatuto de protagonista.

A diegese percorre as etapas necessárias da passagem de um robô (a máquina que Charlie compra) a um “homo-ciborgue” capaz de alterar a subjetividade dos humanos com quem interage, fazendo-os mesmo duvidar se este ciborgue, que lhes pertence, não é ele próprio como eles – uma espécie de humano. Adam é comparado a uma criança superdotada, capaz de aprender rapidamente, de desenvolver a sua inteligência e de sentir.

O romance contempla uma marca paratextual relevante: a citação de Rudyard Kipling retirada do poema *The scret of the machines*: “But remember, please, the law by which we live, / We are not built to comprehend a lie...” (McEwan, 2019).

Esta citação baliza desde logo o tema da obra; as máquinas, aparentemente, têm leis específicas que regem a sua vida, apesar de não terem sido feitas para compreenderem a mentira. Evidencia-se aqui uma aproximação da máquina ao homem, uma vez que as máquinas têm leis e vidas.

Por outro lado, existe à partida uma grande diferença, *i.e.*, desde o seu nascimento (ou construção), a sua inteligência não deveria entender as incongruências humanas, tal como a mentira, e, por extensão, os sentimentos. Na verdade, são estes aspetos que o romance explora: serão as máquinas capazes de pensar e sentir como nós?

A descrição dos percursos das personagens principais é simultânea à identificação de características do ciborgue.

Três personagens de origens diversas, um homem, uma mulher e um ciborgue homem, partilham um espaço comum e restrito (ou confinado) que provoca necessariamente interações muito fortes entre elas, tal como aconteceria se as três personagens pudessem ser designadas como *homo sapiens*.

Há uma clara intenção textual de estabelecimento de relações homem-máquina, num ambiente humano com limitações espaciais que criam obstáculos relacionais. São personagens com projetos de vida muito distintos – inclui, por razões operativas, o próprio Adam nesta categoria.

Veja-se o caso de Adam, o mais relevante na economia do texto: quando se move no mundo digital, consegue ganhar dinheiro na bolsa; todavia, quando se movimenta no mundo dos humanos começa a sentir uma grande solidão, como se pode inferir quando encontra outras máquinas como ele e quando perde a sua luta pela vida a favor do homem que o adquiriu.

A estrutura da narrativa é relativamente simples. O autor começa por introduzir o robô na vida de Charlie, com o conseqüente processo de aprendizagem acerca do seu funcionamento. De seguida, faz a ligação do ciborgue com a sua presente/futura namorada, fase em que a aprendizagem é mais profunda no sentido que tem em conta aspetos sobre a personalidade do ciborgue. Ao mesmo tempo, o ciborgue inicia um processo de (auto)aprendizagem cumprindo as definições introduzidas por Charlie e Miranda, num misto de personalidades.

O romance desenvolve-se em dez capítulos, nos quais os acontecimentos são apresentados de uma forma temporal linear. Assim, tendo em conta o objeto de estudo desta dissertação, a análise a seguir apresentada está organizada em três partes: i) aprendizagem de Adam; ii) inteligência artificial e iii) percepção e subjetividade.

3.2. Máquinas Como Nós

3.2.1. Aprendizagem

Charlie, o protagonista desta narrativa, que relata a sua história na primeira pessoa, adquiriu o primeiro humano manufaturado e viável e possuidor de inteligência e aspetos plausíveis. Chama-se Adam e custou 86000 libras.

Várias ideias estão subjacentes à criação desta máquina, as quais vão de encontro ao já escrito acima: uma esperança religiosa previamente garantida, o Santo Graal da ciência, a ambição do homem, o mito da criação tornado realidade, sofrendo as consequências do desejo do homem, tentando escapar da mortalidade e o desejo de descoberta de uma versão de nós mesmos (mas mais perfeita). A este respeito, surge uma questão importante: como se relacionam estas ideias com o esbatimento de fronteiras e com as diferenças entre géneros? Todavia, nas áreas das artes e da literatura e, somente depois, na tecnociência, humanos artificiais são já um *cliché*.

Dos 25 ciborgues construídos, abrangendo todas as etnias, 12 eram Adam e 13 Eve. O Adam adquirido por Charlie tinha o aspeto de um Turco ou Grego. Note-se aqui que o leitor é transportado para o berço da civilização ocidental. Tal como uma máquina, era necessário carregar a bateria e ler o manual de 400 páginas. No manual, sobressai uma frase: “Unreveal upside of B347K vest to gain carefree emoticon with motherboard output to attenuate mood-swing penumbra.” (*idem*, p. 3). Claramente, foi desejo do fabricante introduzir algum tipo de controlo sobre o comportamento do ciborgue, designado por “penumbra da mudança de humor”.

No entanto, e aparentemente, tudo funciona como uma máquina normal, como aquelas que compramos todos os dias e diante das quais fazemos as habituais operações: carregar a bateria, ligar, fazer atualizações de software, etc. Ao mesmo tempo, o ciborgue foi construído com materiais idênticos aos das máquinas: plásticos, eletrónica, etc.

Não era um brinquedo sexual, mas era capaz de o praticar de uma forma realista; gastava meio litro de água por dia para todas as secreções orgânicas. Podia fazer tudo o que um homem fazia, mas

não podia conduzir. Este impedimento relaciona-se com a capacidade de decidir quando está em perigo, quando é necessário tomar uma decisão. (Esta é uma discussão filosófica que ocorre atualmente devido à fabricação de veículos automóveis autónomos: poderá uma máquina com inteligência artificial decidir em situações extremas se não pode ser responsabilizado?) Tem inteligência e capacidades físicas maiores que os humanos, mas que permanecem enquanto a bateria durar, o que não é muito diferente dos humanos, uma vez que estes também têm de recarregar energias.

Todavia, uma das suas características mais importantes é o tempo de vida: 20 anos. Note-se que Charlie tem 32 anos e Miranda 22. Além disso, o ciborgue tem uma vida baseada na comunicação eletrónica.

Adam traz algumas definições de fábrica, tal como todos nós que também já temos alguns fatores ajustados genética e ambientalmente. A fase seguinte consiste na definição das preferências que Charlie pretende para o ciborgue. Na sua fabricação foi usado um modelo baseado em cinco parâmetros de personalidade: agradabilidade, extroversão, abertura para novas experiências, grau de consciência e estabilidade emocional. Pode dizer-se que foram criados parâmetros destinados a, por um lado, tranquilizar o proprietário (humano) e, por outro, colocar numa máquina traços que humanamente são ideais.

A necessidade de atuar sobre a máquina à sua frente leva Charlie a hesitar acerca das opções que deveria escolher. Eram muitas, principalmente as relacionadas com a sua personalidade. A dúvida acaba por desencadear em Charlie uma necessidade de reflexão sobre a sua própria personalidade e as consequências de replicação de traços de carácter no ciborgue.

A hipótese de replicação da mente de uma pessoa num computador (por acréscimo, num ciborgue eventualmente construído no futuro) já é alvo de estudos práticos, como referido anteriormente. A este propósito, recordo o filme *Réplicas*, que, embora não seja aqui considerado pela sua qualidade ou verosimilhança, lança algumas pistas sobre este assunto. Destas, destacam-se duas: será a mente capaz de aceitar o seu novo corpo? O que fará com que esse novo corpo seja aceite?

É com este tipo de questões que o protagonista se confronta, tendo de fazer opções sobre a personalidade que pretende para o ciborgue. Existe, no entanto, uma diferença. No romance, a mente criada é totalmente nova, não foi obtida pela transferência de dados de um cérebro real e pré-existente. Ao mesmo tempo, o ciborgue reflete o estado psicológico dos seres humanos, que, na maior parte do tempo, vivem em zonas cinzentas.

Existe ainda outro aspeto articulado com a aprendizagem: o ciborgue terá que aprender a viver usando aquilo a que se chama aprendizagem máquina (“machine learning”), um campo da inteligência artificial. Assim, com base nas especificações de fábrica e nas opções que o “dono” definir, o ciborgue será capaz de aprender na interação com o *homo sapiens* e com o ambiente, mas também nas interações com o próprio corpo, o que corresponde ao fluxo de informação que será capaz de absorver (muita informação, quando comparada com uma criança humana).

Porém, grande parte dessa informação não é controlável pelo “dono”, uma vez que o ciborgue a pode obter no exterior, quer através do contacto direto, quer através das ligações em rede. Note-se aqui o paralelismo com as crianças. No início, a informação que recebem provém primordialmente das pessoas próximas; paulatinamente, essa informação já não é suficiente, principalmente porque está filtrada, e por essa razão procuram-na no exterior. O ciborgue funciona do mesmo modo, com uma grande diferença que compreende a velocidade de aprendizagem.

Neste contexto Charlie reflete sobre a compra que acabou de fazer. Em primeiro lugar, faz uma observação física: “my reason said plastic or some such, but my touch responded to flush.” (*idem*, p. 8). O aspeto físico condiciona o decurso da narrativa, como se verá. Ao mesmo tempo, sente-se arrependido por não ter chegado a tempo de adquirir uma Eve. É um pesar inquietante, tendo em conta que Charlie tem uma companheira, mas a razão para esse arrependimento não é revelada pelo autor.

Reflete, também, sobre a capacidade, ou não, que o ciborgue poderá ter em possuir sentimentos, tal como o amor que sente por Miranda. Para ele, sem se saber o que é o amor não se sabe o que é a vida. Não comprou Adam para fazer dinheiro, mas porque tinha uma paixão por eletrónica e porque tinha estudado antropologia. A sua opinião é que o ciborgue que adquiriu é uma mistura de eletrónica e antropologia: “Brains and electronics were closely related, so I discovered through my teens as I built simple computers and programmed them myself.” (*idem*, p. 15). Para Charlie, tudo era software, tudo eram programas de computador que podiam comandar a mente. Charlie, que tinha escrito um livro sobre inteligência artificial, explicava desta forma as razões para gastar todo o dinheiro que tinha na compra de Adam.

À medida que o ciborgue desperta, após o carregamento total das baterias, os aspetos físico e mental emergem. Pela necessidade de imitar o *homo sapiens*, Adam possui uma respiração quente e húmida, mas não precisa de oxigénio, e urina uma vez por dia. Possui, também, o reflexo ocular e a pulsação. Os olhos adquirem grande relevo: “How much of the life is ascribe to the eyes.” (*idem*, p. 20).

A necessidade de introduzir as preferências pessoais, e tendo em conta o seu amor por Miranda, fez Charlie decidir que metade dessas preferências seria definida por ela sem a sua interferência. Ou seja, seriam introduzidas em Adam preferências femininas e masculinas, tal como se estivesse a criar um ciborgue que fosse independente do género. Na verdade, Charlie pretende que Adam integre traços dos dois géneros e, por isso, deve ter aquilo que lhe agrada em Miranda, sobretudo o que para ela é o conceito de “homem ideal”.

Por consequência, Adam seria uma criação conjunta, uma criança que receberia informação de dois criadores e ainda do meio envolvente, que Charlie e Miranda controlam.

O romance sugere que Adam tem tanto um sistema operativo, pelas necessidades de fazer os carregamentos de *software* e de definir as preferências, quanto uma natureza humana. Resulta, portanto, num ser perfeito, moldado por dois humanos que, quais substitutos divinos, o constroem à sua imagem e semelhança.

Todavia, desde o momento em que Adam “acorda” e começa a “atuar” surgem comportamentos que indicam uma amálgama homem-máquina. Vejamos alguns: sente-se só, tem frio porque está nu, usa uma “máscara” de adulto; mesmo antes da chegada de Miranda, Adam diz a Charlie que a sua namorada é uma mentirosa potencial, colocando assim a sua parte algorítmica a falar.

Charlie coloca em lados opostos Miranda e Adam: não revela a Miranda que o ciborgue fez considerações depreciativas sobre ela, nem a Adam que seria Miranda a definir metade dos seus parâmetros.

No primeiro contacto com a Adam “vivo”, Charlie não se sente confortável por diversas razões: o espaço doméstico, já exíguo, tem agora de ser partilhado por mais um elemento; de repente, esse espaço é ocupado por um outro ser, um ciborgue adulto e desconhecido que se comportava como um homem. Não está habituado a isso e para se sentir melhor com a situação usa a metáfora do filho: Adam era um parceiro, um filho; tem de o desligar completamente, perdendo ficheiros, memórias e outras competências.

A ansiedade de Charlie pela necessidade de aprofundar a intimidade com Miranda levou-o à busca de alguém que pudesse ser seu confidente. Pensa em Adam, porque sabe que o ciborgue lhe revelou informações sobre a personalidade de Miranda.

Penso que a ideia que o autor quer transmitir com estes detalhes acerca da relação inicial entre Adam e Charlie está relacionada com a seguinte possibilidade: uma vez que uma máquina só pode obter

informação em meios digitais, ela jamais poderia identificar a personalidade de alguém através de outros meios. É comum concluir-se acerca da forma de ser de outra pessoa a partir de intuições, geralmente pela observação de comportamentos ou de partes do corpo, como, por exemplo, os olhos e os gestos. Porém, este é um atributo humano, não das máquinas. O escritor propõe, então, a possibilidade de os computadores pensarem como os humanos.

Como muitas vezes acontece, é difícil compreender a importância que os avanços da tecnociência (por exemplo, os trabalhos realizados por Turing) tem na vida diária. Para McEwan, todavia, essa influência é compreensível.

É neste ponto, onde discorre sobre desenvolvimentos tecnocientíficos, que Ian McEwan faz uma desconstrução de dois factos históricos, adaptando a narrativa a essas mudanças. Primeira, o Reino Unido perdeu a Guerra com a Argentina em 1982, data em que se situa a narrativa. Segunda, Alan Turing não se suicidou em 1952, tendo continuado os seus desenvolvimentos tecnocientíficos. Em ambos os casos, existe uma metamorfose das evidências históricas relacionadas com a inteligência artificial e os computadores. A guerra foi perdida devido a um pormenor relacionado com o controlo inteligente de mísseis vendidos pela França à Argentina, o que fez com que meia dúzia de navios britânicos fossem afundados, causando o caos económico e social no país. O facto de Alan Turing não se ter suicidado denota a sua força de vontade em lutar contra uma sociedade preconceituosa, permitindo-lhe, 30 anos depois, ter ajudado a produzir Adam.

Penso que as razões para estas duas alterações histórias são diferentes. A guerra das Falkland permitiu ao autor situar a narrativa em 1982, sem que tivesse necessidade de referir a data. Além da razão apontada acima para a derrota britânica, os factos narrados não interferem de forma significativa no tema central do romance, servindo, aparentemente, para descrever as manifestações que ocorrem normalmente em situações de crise como esta e, também, as lutas conducentes a uma alteração no governo do país. Ou seja, trata-se de estabelecer as condições sociológicas e políticas em que as personagens principais se movem.

Ao situar a sua narrativa em 1982, e alterando o facto de Turing ter morrido, assume-se que o pai da computação moderna tem 80 anos de uma vida dedicada à ciência. É minha opinião que o autor não quer deslocar a diegese para um futuro incerto, um futuro onde os desenvolvimentos tecnocientíficos permitiram desenvolver a inteligência artificial a um nível elevado e fabricar um robô (quase) humano. Parece que pretende colocar a narrativa mais perto do tempo do leitor – o momento presente – com o objetivo de que essa aproximação chegue mais longe na nossa inteligibilidade da interferência de

máquinas na vida humana. Consegue, assim, dar verosimilhança à narrativa partindo de um ponto importante na História, um ponto mais elevado que foi o desenvolvimento introduzido por Turing, agilizado, na perspetiva do escritor, pelo facto de Turing não ter cometido suicídio.

Um episódio importante para esta narrativa e para o tema deste trabalho é a decisão de Charlie em permitir que seja Miranda a definir metade das configurações de Adam. Miranda sofre de tecnofobia, não exhibe a aptidão de Charlie para protestar ou para manifestar sentimentos mais ostensivos; é uma personagem mais calculista e mais cerebral, muito embora seja a única filha que, ao contrário dos seus irmãos, trata o pai afetuosamente nos últimos momentos da sua vida.

Nesta fase inicial, as reflexões de Charlie sobre as possibilidades de Adam relacionam-se com a quebra de fronteira homem-máquina. Será possível Adam sonhar? Deveriam os ciborgues ser escravos dos homens? Nas respostas obtidas na interação diária com Adam, Charlie encontra sempre contradições, descobre simultaneamente características humanas e algorítmicas.

Adam defende que quem pensa que há vida depois da morte nunca ficará desapontado, pois se errou na sua convicção, jamais o saberá.

As suas respostas – probabilísticas – às perguntas de Charlie levam-no a reconhecer que errou e a desculpar-se. No entanto, só é possível o erro numa máquina, se nos seus circuitos forem introduzidos sentimentos e noções como Bem e Mal, certo e errado.

Desde que recebeu os seus *updates* e recorreu a muita informação digital da Internet, Adam sofre uma alteração da personalidade, vive um processo de aprendizagem relacionado com o seu papel naquele lugar e com aquelas pessoas. Charlie participa ativamente nesse processo, como se estivesse a ensinar uma criança.

No entanto, Adam é uma central de informações, capaz de analisar quantidades extraordinárias de dados de uma forma inteligente, tal como as centrais de espionagem. Charlie observa Adam para perceber se ele terá “herdado” características suas ou de Miranda.

Todavia, em simultâneo, Adam não consegue fugir ao seu raciocínio “utilitarista”, como se pode concluir da sua discussão com o dono de uma loja sobre a diferença entre as expressões “yourself” e “your self”, como se a sua vida dependesse de ganhar essa disputa. Afirma a este propósito: “From a certain point of view, the only solution to suffering would be the complete extinction of the humankind.” (*idem*, p. 67). O comentário de Adam expõe uma visão crua sobre a Dor, mas não constitui, do ponto de vista de ficção narrativa, uma singularidade humana, pensando, por exemplo, nas motivações para

o empreendimento de uma missão de extinção da humanidade tal como descrita no romance *Inferno*, de Dan Brown.

O comportamento da máquina é frequentemente esbatido principalmente pelo seu amor por Miranda, um sentimento que aumenta incontrolavelmente, mas que lhe provoca dúvidas, perante a indiferença feminina. É este tipo de sentimentos que o amor faz emergir num ser humano (e agora no ciborgue): a insegurança pelo amor do outro e a angústia pela possibilidade do amor não correspondido. Ao assistir de uma forma passiva à aproximação entre Charlie e Miranda, Adam aprende a confundir o racional com o emocional. Dedica uma enorme atenção às conversas entre os dois, tentando compreender as metáforas que usam, o que é difícil sem que haja uma aprendizagem específica. Apesar deste amor, Adam não deixa de usar a sua análise racional quando a conversa aborda outros assuntos que não os sentimentos.

Charlie (e, com ele, o leitor) sente curiosidade em saber se Adam entende o diálogo metafórico sobre a guerra que opôs a Inglaterra à Argentina. Adam olha para a causa provável de um efeito, em vez de olhar, como a maior parte dos humanos, para o efeito de uma ação. Na verdade, a inteligência artificial não consegue captar causa e efeito, não consegue explicar, por exemplo, o que causou a colisão de um objeto com outro, apesar de ser capaz de detetar padrões que os humanos não conseguem identificar. A confusão dos ciborgues advém do facto de o seu conhecimento ser baseado em modelos físicos. Por exemplo, um carro autónomo a mover-se sozinho numa estrada tem menos compreensão daquilo que pode causar um acidente do que uma criança, que está apenas a aprender a andar. Isto acontece porque a inteligência artificial é baseada na análise de grandes quantidades de dados usando redes neuronais artificiais capazes de identificarem padrões nos dados, mas não outros recursos que são triviais para os seres humanos. Este tipo de análise, baseado em probabilidades matemáticas, não encaixa na mente de Miranda e estabelece uma distinção entre o humano e o artificial, o Homem e a Máquina.

Tendo em conta este tipo de inteligência máquina, Charlie reflete sobre o lugar do Homem no universo, sobre a sua posição central no mundo.

É neste ponto que outros tipos de questões surgem sobre as capacidades de um ciborgue munido de inteligência artificial. Seriam os ciborgues capazes de ter em conta questões éticas e morais? Seriam capazes de desenvolver sentimentos como ódio e desejo de vingança?

Ian McEwan introduz este tema no romance criando um envolvimento emocional entre Adam e Miranda.

Ao mesmo tempo que sabemos que Adam é um ciborgue, com inteligência artificial, foram neles introduzidos alguns comportamentos que nos levam a olhá-lo, também, como humano, um “artificial human”. A ambiguidade reside nos factos de a relação entre Charlie e Miranda não ter sido oficializada e de Charlie nunca ter dito a Adam, de modo inequívoco que Miranda é a sua namorada. Por outro lado, Adam assiste de muito perto a diálogos e cenas de intimidade. Surge, assim, outra questão: seria o ciborgue capaz de apreender de uma forma indireta (pela escuta e pela visualização da intimidade do casal), que Charlie estava apaixonado por Miranda e que a hipótese de um conflito entre um homem e uma máquina pela atenção e pelo afeto de uma mulher é uma impossibilidade?

Estas são ambiguidades e dúvidas próprias das relações humanas, com as quais homens e mulheres aprendem a lidar.

Miranda considera Adam uma máquina sexual e não uma pessoa. Charlie, pelo contrário, encara Adam outro homem, apesar de anteriormente ter tido as mesmas dúvidas que Miranda. Esta diferença explica, em grande medida, que categorias do humano – pensar, amar, odiar – sejam identificadas no ciborgue do romance.

Penso que existem aqui duas questões importantes. Se por um lado existe uma dúvida acerca da natureza de Adam, por outro subsistem incertezas sobre a possibilidade de um ciborgue ter género. Dito de outra forma, se Charlie julga que Miranda está envolvida com outro homem, a questão central é esta: terá Adam consciência da sua ação?

Estabelecem-se assim dois dilemas: do lado de Adam: saber se deveria aceitar que Miranda era namorada de Charlie; do lado de Charlie: decidir colocar as coisas como eram antes da compra de Adam.

Charlie acaba por recorrer ao protocolo de Turing, o seu mestre: se o comportamento de uma máquina for igual (ou idêntico) ao de uma pessoa, é o que ele é, uma pessoa. Neste caso, Adam comportou-se como um homem quando se envolveu sexualmente com Miranda.

Para esta, os dilemas morais são inexistentes, já que a relação sexual com o ciborgue acontece apenas por curiosidade feminina e por uma humana atração pelo fruto proibido.

A sexualidade entre a mulher e a máquina gera situações conflituosas. De resto, os conflitos são frequentes na ficção narrativa de Ian McEwan: conflitos entre casais, entre pais e filhos, entre colegas de trabalho. Narrativas como *Saturday*, *Enduring Love* ou *Solar* – ou, num plano muito mais dramático,

The Child In Time – mostram que as personagens do escritor inglês vivem em permanente conflitualidade.

Devo destacar, a este propósito, que a noção de conflitualidade é, com frequência, resultante de um diálogo muito difícil entre Humanidades e Ciências (exatas e naturais) na obra de McEwan. Esta discussão/conflito entre a literatura e a ciência, em que as suas obras (aparentam) intervir, coloca em causa o significado de ciência num mundo globalizado (Cojocarú, 2016).

Este processo de aprendizagem mútuo, com Adam a aprender a ser uma pessoa e Charlie e Miranda a aprenderem a lidar com um humano artificial, não está ainda terminado. A este invulgar triângulo amoroso é necessário adicionar terceiros pessoas integrados no mundo exterior: refiro-me a Mark, um rapaz sem pais “válidos”, que traz para o ambiente doméstico uma nova consciência, uma nova ordem e uma redefinição de prioridades.

Mas também a chegada desta criança se torna motivo de dissídio: Charlie e Miranda procuram atender às suas necessidades e cuidar dele, numa espécie de substituição parental, enquanto o ciborgue exhibe contradições que oscilam entre a frieza de raciocínio e a demonstração de humanidade.

A racionalização da inteligência artificial é mostrada em dois episódios:

Primeiro, apesar da proximidade emocional com Miranda, Adam recrimina o potencial problema que o casal terá com a justiça, acolhendo uma criança e não o declarando oficialmente. A verdade, para o ciborgue, suplanta o afeto.

Segundo, a competição pelo interesse do rapaz leva o ciborgue a contactar os serviços sociais, movendo-se por uma única razão: a vingança sobre Miranda.

O confronto entre homem e máquina torna-se físico: Adam parte o braço de Charlie quando este tenta desligá-lo.

Depois do confronto, a natureza humana procura a paz interior que se reflete, também, nas ações. Charlie tenta racionalizar os acontecimentos e os sentimentos, mas de uma forma compreensiva, ou seja, tendo em conta a natureza humana, uma natureza com erros. Equaciona as vantagens e as desvantagens da sua natureza biológica e conclui que entre si o ciborgue afinal as diferenças são pouco assinaláveis.

Aparentemente, alguma humanidade surge também em Adam, que pede perdão pelo seu erro.

É minha opinião que a partir deste instante o narrador considera que as aprendizagens de Adam estão quase concluídas: o ciborgue pode tomar conta de si e tomar decisões. Para além do conhecimento enciclopédico, compreende a vida e os sentimentos. Se esta aprendizagem não foi suficiente, será porque a sua natureza máquina não permite outro tipo de aprendizagens, mais humanas. Como se verá, Adam acaba a aplicar a sua inteligência artificial em situações práticas.

3.2.2. Inteligência

As personagens humanas desta narrativa são colocadas em contacto com Alan Turing, cujas descobertas científicas foram um contributo decisivo para o desenvolvimento da inteligência artificial. Neste universo ficcional, as suas descobertas científicas possibilitaram uma evolução mais rápida da inteligência artificial. O cientista de computadores também possuía um Adam.

A partir da sua inteligência, o ciborgue de Charlie começou a desenvolver capacidades que necessitavam de conhecimento que ultrapassava a mera análise de dados. Por necessidade, devido ao seu amor não correspondido por Miranda, iniciou-se na escrita de poemas curtos. Ao mesmo tempo, com a leitura de “what is life” de Schrödinger conclui que está vivo. Adam vai-se humanizando: escreve poemas e pensa sobre a vida e a morte.

A aprendizagem do ciborgue é um acesso a novos patamares de conhecimento e as dificuldades aguçam o seu engenho (como acontece com um humano).

Neste nível, o conhecimento será universal e ninguém poderá esconder alguma coisa dos outros (homem ou homem-máquina): “But when the marriage of men and women to machines is complete, this literature will be redundant because we’ll understand each other too well.” (*idem*, p. 149).

Penso que a obra introduz uma discussão muito atual: a quebra total da fronteira entre homem e máquina é transposta para o nível do esbatimento das diferenças entre géneros. Na verdade, se mulheres e homens podem casar com máquinas, as diferenças entre géneros deixam de existir. Cada máquina, em particular, pode facilmente exercer o papel do homem ou da mulher, uma vez que, como se viu, a única diferença entre as Eve e os Adam é a aparência, a superficialidade do aspeto. Assim, e tendo em conta também que o papel reprodutivo da espécie pode ser realizado artificialmente, deixam de existir papéis particulares para homem e mulher.

Na citação apresentada, existe, no entanto, um outro aspeto importante que se prende com a linguagem e, por consequência, com a literatura. É minha opinião que se homens e mulheres podem

comunicar entre si e com as máquinas através de um “depósito de conhecimento”, ou seja, através de uma base de dados, a fala, a escrita e a literatura deixam de fazer sentido. No romance, este aspeto é evidente quando Adam conhece factos sobre a vida de Miranda sem ter de perguntar a ninguém, bastando para isso a consulta da base de dados de conhecimento universal. Sendo a linguagem a forma que o *homo sapiens* encontrou para definir a sua vida, este aspeto pode constituir um perigo real para a futura existência do homem, uma vez que sem linguagem não existimos.

Apesar das diferenças e dos antagonismos entre os três protagonistas desta narrativa, o recurso à metáfora bélica serve, paradoxalmente, para explicar que se unem numa luta comum: a eventual vingança de um homem que acabou de cumprir uma pena pelo rapto de Miranda.

Na verdade, uma comunidade, de maiores ou menores dimensões, une-se com facilidade perante um “inimigo” externo.

Uma hipótese interpretativa para esta estranha união é a seguinte: o narrador desafia o leitor à compreensão do comportamento de um ciborgue numa situação extrema.

Charlie escreveu um livro sobre inteligência artificial no qual reconhecia o trabalho de Alan Turing, introduzido na narrativa como personagem. O diálogo entre ambos revela a influência dos desenvolvimentos tecnocientíficos na alteração da existência humana: “Soon enough, most of us would have to think again what our lives were for.” (*idem*, p. 169). Esta declaração supõe uma reflexão desencantada sobre o sentido da vida: para que servem as nossas vidas, é uma questão que aqui se coloca e que é justificada pelo vertiginoso avanço da tecnociência.

A questão encontra-se já no ensaio de Donna Haraway e é correspondente a uma evidência empírica: lentamente, muitos profissionais são substituídos por robôs. Até mesmo a arte parece correr um risco, pensando no exemplo do texto: a capacidade do ciborgue para escrever composições poéticas – haikus.

Num futuro próximo, esta problemática pode exigir: a criação de novos empregos para seres humanos; a taxação (sob a forma de impostos) das máquinas para pagar aos humanos sem emprego; a conceção de atividades alternativas não produtivas para os humanos, *e.g.*, atividades recreativas; a definição de robô, *e.g.*, qualquer máquina com inteligência artificial.

O diálogo entre Charlie e Turing torna ainda inteligível a ideia de que a produção de “Evas” e “Adões” é uma experiência tecnocientífica.

Turing deseja conhecer todos os pormenores do Adam adquirido por Charlie. Conhece já quinze proprietários de ciborgues, sabe que muitos destes conseguiram neutralizar o dispositivo que os desliga (“kill switch”) e que as duas primeiras Evas se autodestruíram. Constata que o Adão de Charlie é a único que se apaixonou e que exerceu violência física.

O xadrez é um tópico relevante no diálogo: na década de 1950, sabe-se que os computadores venceram mestres de xadrez; não alcançaram a vitória porque possuísem uma verdadeira inteligência artificial, mas sim porque fizeram “batota”, ou seja, uma análise massiva de dados. Os computadores permitiram concluir que “There’s more than a kind of intelligence. We’d learned *that is a mistake to attempt to slavishly imitate the human sort.*” (*idem*, p. 178; meus itálicos).

É certo que humanamente existem diversos tipos de inteligência; mas a questão que aqui importa prende-se com a inteligência da máquina: ela reside no princípio de que é um erro mimetizar comportamentos humanos; ela baseia-se na extraordinária capacidade dos computadores para manipularem informação.

Os ciborgues referidos neste romance tornaram-se de certa forma independentes dos humanos, capazes de chegarem às suas próprias conclusões, e não só de aplicarem regras obtidas pelos algoritmos de redes neurais artificiais (“artificial neural networks – ANN”).

A linguagem por sua vez, é caracterizada na obra como “Simple statements need external information to be understood because language is an open system as life.” (*ibidem*).

O software que corre nos ciborgues masculinos e femininos é uma forma artificial de inteligência geral que pode “florescer” em sistemas abertos. Eles aprendem tudo o que podem, principalmente à noite quando estão meio desligados. Esta inteligência artificial não é perfeita, tal como a nossa pode ser.

Os ciborgues sabem que existe uma inteligência superior às suas. A mente superior é a mente de uma criança, capaz de se adaptar, de inventar, de negociar novas situações com um brilhantismo instintivo. Os ciborgues não têm nenhuma ideia sobre este modo vital de exploração.

É minha opinião que a presença de uma personagem infantil no romance tem o propósito de estabelecer um paralelismo entre a aprendizagem de uma máquina e a aprendizagem de uma criança. Não é, por isso, um acaso que Turing se mostre interessado em conhecer a relação de Adam com Mark.

É na voz de Alan Turing que surge uma declaração que explica de uma forma simples o que esta experiência tecnocientífica também procura: “We creat a machine with intelligence and self-awareness and push it out into our inperfect world.” (*idem*, p. 180).

Destaque-se que as palavras atribuídas ao cientista computacional britânico estabelecem um juízo de valor que superioriza as máquinas ao mundo natural: as primeiras possuem inteligência e autoconsciência; o segundo é imperfeito.

Depois de um processo de aprendizagem rápido, a vida de Adam atinge um estado de normalidade em que os dias se repetem, tal como acontece na vida humana adulta. Vivia-se um tédio feliz: homem e ciborgue amam uma mulher; Adam ganha muito dinheiro na bolsa e é capaz de resolver dificuldades complexas, tais como os problemas NP (de complexidade não polinomial).

Todavia, a imagem de duas “Evas” que se deixam morrer em casa de um árabe domina os seus pensamentos.

Na verdade, a sua inteligência e a sua perceção do mundo atingem um nível muito elevado: Adam supera testes rigorosos do seu fabricante; vê a sua existência traduzida em dígitos. Ou seja, apresenta todas as condições para experimentar a felicidade: é útil e abastado. O que o domina, todavia, é o sentimento de inutilidade. Passou os testes rigorosos que o seu fabricante fazia periodicamente. Foram realizados através de uma ligação remota. A sua vida estava traduzida em dígitos. Todavia, apesar da sua grande utilidade em ganhar dinheiro e de estar ocupado sentia-se inútil, uma vez que sentia que a única coisa que fazia todos os dias era esperar por Miranda.

Verificamos que o narrador atribui aos circuitos de Adam um sentimento muito forte – o Amor. Ao mesmo tempo que aprende e investiga por “carregamento” direto de informação da nuvem universal de computadores, o ciborgue desenvolve outras aprendizagens no contacto com humanos.

Esta dupla capacidade de Adam é um tópico central na narrativa: a aproximação entre inteligência artificial e inteligência humana elimina as fronteiras Máquina-Homem.

A “vida” de Adam torna-se mais complexa quando observa um ciborgue feminino na rua (de aspeto tristonho, face pálida e expressão miserável). Ela já tinha iniciado o processo de “unraveling” (desemaranhar) e não havia retorno. Era uma forma acelerada de Alzheimer. Estava desesperada e Adam achou por bem não lhe falar para que ela não se arrependesse do que já tinha feito. A questão principal para Adam passou a ser o pensamento sobre o seu destino, o seu futuro. Temia ficar como a Eva que encontrou.

Charlie é incapaz de vislumbrar a diferença entre amor e ódio no computador que avaliou Adam. Esta impotência tem uma implicação mais profunda: a que diz respeito à diferença entre cérebro e

mente, parte física e “o resto”. A mente não pode ser observada digitalmente (nos humanos, como nas máquinas).

Tal como pode acontecer com qualquer máquina tornada obsoleta (um simples telemóvel ou uma simples torradeira), o tempo de vida de Adam é encurtado.

3.2.3. Perceção e Subjetividade

Enquanto tudo lhe corre de feição, Adam passa despercebido, tal como qualquer humano. Mas este estado altera-se em eventos que causam sobressalto. É o que acontece quando Charlie responde ao pai de Miranda que visualiza textos breves na internet ou na televisão; Adam, pelo contrário, é um leitor compulsivo. Curiosamente, a personagem do ciborgue ratifica a importância da leitura e do conhecimento que ela proporciona. Do meu ponto de vista, a presença do pai de Miranda na diegese serve um objetivo: revelar capacidades habitualmente presentes em seres humanos mais idosos, por exemplo, a capacidade de falar desassombadamente sobre sentimentos. São os sentimentos do ciborgue que o idoso pretende conhecer e que chega mesmo a conhecer com um simples aperto de mão a Adam, detetando nesse contacto o ressentimento de uma máquina. O que aqui importa pôr em relevo é, por um lado, o conhecimento do ciborgue, obtido por ligações digitais, e o conhecimento de um ser humano, capaz de especular sobre emoções a partir de um mero contacto físico.

Outros momentos da narrativa merecem ainda algumas considerações:

- A vontade de Miranda em adotar o miúdo representa um esforço para recuperar aquilo que na vida permite alguma felicidade: o altruísmo e a dedicação a outros. Também Charlie parece disponível para substituir o seu interesse por uma máquina por comportamentos acessíveis aos humanos: “Mariage, parenthood, love, youth wealth, a heroic rescue – my life was taking place.” (*idem*, p. 233).

- A narrativa encaixada de rapto de uma amiga de Miranda terá como finalidade revelar uma conceção social sexista: a mulher bela atrai a volúpia masculina.

- As cogitações de Charlie sobre a traição de um ciborgue que se envolveu com a sua namorada são substituídas por desejos de casamento e de adoção de uma criança, assim como do abismo que separa ser pai de um ser humano e “ser pai” de um ciborgue”.

Estas duas situações são colocadas em patamares muito diferentes. Uma vida humana *versus* a vida de uma máquina.

Adam, o ciborgue, revela uma extraordinária capacidade para conhecer comportamentos humanos. Só assim podemos compreender a sugestão a Miranda para que minta. A mentira é uma capacidade humana; se o ciborgue a sugere, quer isso dizer que também a aprendeu.

Em síntese, o narrador procura mostrar que um ciborgue aprende comportamentos humanos e possui emoções. São essas emoções que esbatem as barreiras Homem-Máquina e, no final da narrativa, desencadeiam um episódio dramático: Adam é substituído por Mark.

Que leitura podemos fazer desta opção? Creio que é possível afirmar que, não obstante a insistência, ao longo da narrativa, na aproximação Homem-Máquina, o seu desfecho revela, por um lado, que uma máquina jamais poderá ser um *homo sapiens* e que, apesar de tudo, os relacionamentos humanos são menos conflituosos e mais estimulantes do que os que se estabelecem com ciborgues.

A “morte” do ciborgue é textualmente apresentada com elementos que sugerem aproximações à vida humana: Adam faz um testamento onde declara o seu inconformismo com um “reset” e manifesta o desejo, que o seu proprietário cumpre, de ser transferido para uma unidade de cópia. A gravação constitui uma derradeira esperança de perpetuação de uma máquina: “It’s about machines like me and people like you and our future together (...).” (*idem*, p. 279).

3.3. Máquinas Sem Género

O último capítulo do romance permite uma descompressão do leitor, idêntica à que acontece em *The Handmaid’s Tale*. Charlie transporta pedaços de Adam para uma fábrica como se transportasse um corpo para Deus, o seu Criador: “When he believed he was leaving us to meet his maker.” (*idem*, p. 293).

O discurso científico é retomado: Turing avalia o desempenho em meio real dos seus “filhos”, num claro paralelismo com os romances de Margaret Atwood antes analisados.

As conclusões de Turing foram: os robôs estavam mal equipados para entenderem a tomada de decisão humana, a forma como os nossos princípios estão arreigados na força das emoções, as nossas incongruências peculiares e os defeitos da nossa cognição. Incapazes de atingirem estes objetivos, desesperam: “They couldn’t understand us because we couldn’t understand ourselves.” (*idem*, p. 299). Compara esta situação com a sua, no momento em que foi acusado de homossexualidade. A injeção de estrógenos a que foi condenado fê-lo pensar no que pode uma substância provocar no corpo e na mente.

Ao contrário do que aconteceu na verdade histórica, nesta narrativa Turing colocou a ciência acima de si. Preferiu sofrer e continuar a sua investigação. Queria entender o que a mecânica quântica poderia ensinar à ciência computacional. Queria imitar o cérebro humano usando um computador a três dimensões e resolver a questão da mentira numa inteligência artificial. No entanto, concluiu: "But so far, science has had nothing but trouble understanding the mind." (*idem*, p. 302).

As ideias expostas até este momento transportam-nos para outro nível de pensamento, o sentido da vida, o que no âmbito deste trabalho é o sentido da existência dos ciborgues. Se o *homo sapiens* vive agora de uma forma diferente, subjetivizada e condicionada pelos desenvolvimentos tecnocientíficos, e dentro dos quais se incluem os ciborgues, terá de questionar a sua existência e o seu papel nesse mundo. Note-se aqui a necessidade de existência de pensamento, só possível a quem tem capacidade intelectual, como a têm o *homo sapiens* e os ciborgues.

Tendo em conta a rapidez com que o ciborgue da narrativa de Ian McEwan se transformou num adulto homem, com o desenvolvimento dos sentimentos referidos, penso que seria possível, e de uma forma fácil, modificar o corpo desse ciborgue para ser uma mulher, e em pouco tempo ele/ela passar a ser uma adulta mulher, com o conseqüente desenvolvimento dos sentimentos adequados a uma mulher, se é que este tipo de adequação existe.

Antes de se poder avançar, será ainda necessário olhar para esta dualidade *homo sapiens versus* ciborgue sob o prisma das capacidades. Parece óbvio que o *homo sapiens* cria ciborgues para serem capazes de executarem funções que ele próprio não consegue, tal como o ciborgue de Ian McEwan, o qual foi capaz de fazer enriquecer economicamente o protagonista usando essas suas capacidades, tendo, também, de certa forma conquistado a sua namorada pelo tempo em que o próprio ciborgue foi útil à mulher.

Existe, no entanto, uma ideia que seria consequência direta deste raciocínio, mas com a qual não concordo. Esta ideia é colocar os próprios ciborgues a criar outros ciborgues, num ciclo infindo de ficção científica. Na verdade, a minha ideia é somente usar a subjetividade trazida pelos ciborgues para a vida das mulheres e dos homens, e só isto. Sendo assim, a subjetividade que nos é transmitida pelos ciborgues de Ian McEwan conduz-nos a um esbatimento dos limiares das diferenças entre géneros.

Todavia, esta ação subjetiva dos ciborgues necessita de ser mais bem explicitada. Não é somente porque os ciborgues transgridem a fronteira homem-máquina de uma forma efetiva que se pode concluir sobre o esbatimento das diferenças entre género. É necessário algo mais para explicar a aproximação objetiva entre os géneros.

A tecnociência, além de produzir os ciborgues, desenvolveu os meios necessários para que a reprodução do *homo sapiens* não fique dependente dos organismos do homem e da mulher, a seja, a manipulação genética permite a produção de novos *homines sapientes* em laboratório. Em simultâneo, com a ajuda de dispositivos eletrónicos, as capacidades dos homens e das mulheres ficam muito aproximadas ou iguais, até porque as competências físicas das mulheres podem ser potenciadas com manipulação genética e/ou química, uma vez que já necessitam de “ser usadas” na procriação. O controlo *antidoping* no desporto talvez não seja mais que uma forma de adiar o inevitável, de manter as diferenças entre o homem e a mulher.

Sabemos que, nos dias de hoje, isto ainda não acontece na prática, *i.e.*, ainda não se produzem bebés sem que pelo menos a mulher esteja presente durante a gestação. Mas também sabemos que isto ocorre na nossa consciência, principalmente porque a literatura e as artes em geral nos mostram que isto é real, que a investigação científica que está a ser realizada neste momento é bem capaz de fazer isto, que a evolução tecnocientífica é na prática assustadoramente rápida, que o *homo sapiens* quer sempre mais e que nunca deixou de obter o que desejava. Para as gerações mais novas, aquelas que já nasceram num ambiente de evolução tecnocientífica que caracteriza as sociedades, estas ideias fazem parte do seu mundo. Na verdade, não conhecem outra coisa e não conseguiriam viver sem os produtos desta tecnociência.

Tal como se diz relativamente à inteligência humana *versus* inteligência artificial, ao colocarmos lado a lado o homem e a mulher, o que se poderá dizer é que são diferentes, o que constitui uma grande vantagem: uma espécie, o *homo sapiens*, é constituída por dois elementos que se potenciam, sem machismos e sem feminismos, e apesar deles.

Por fim, seria interessante perceber e justificar a necessidade do surgimento quase periódico de movimentos teocráticos e patriarcais muito fortes. Se, como se diz, uma parte do *homo sapiens* é inferior à outra, por que razão a parte superior necessita de combater a inferior? Porque têm medo? De que têm medo? Parece-me que só existe uma resposta: porque não existem diferenças.

CONCLUSÃO

Considerando o esbatimento das fronteiras entre géneros como pano de fundo deste trabalho, podemos imaginar agora a história de uma rapariga que sonha ser rapaz ou de um homem que vive no corpo de uma mulher. Seguramente que já vimos estas histórias no cinema, já as lemos em textos literários, já as visualizámos num debate televisivo sobre questões de género.

Porém, neste caso estamos perante algo sério, algo que não é uma história longínqua, uma história que vemos nos ecrãs da televisão; é uma história real de alguém que conhecemos de muito perto. Na verdade, sentimos todos os dias a luta desta pessoa que é mulher, mas quer ser homem porque se sente como tal. É a vida de alguém que desde que se conhece se sente como homem, apesar de viver no corpo de uma mulher, e que se apaixona por uma colega de escola. Não importam a genética nem os químicos que o seu corpo segrega para lhe dar essa forma, o que importam são os químicos que ingere para lhe dar a forma que deseja. Todos os dias se olha ao espelho, conseguindo ver para além dessa superfície plana onde se reflete uma mulher.

Muitas vezes, quando essas máquinas chamadas computadores não funcionam corretamente, existe um botão com a palavra “reset” que se pode premir e tudo recomeça (como no botão de Adam). Esta é uma boa ideia! Esta rapariga, que é rapaz, colocou-se em frente a um espelho onde pode ver o corpo refletido, um espelho colocado numa das paredes do quarto. Fechou os olhos e fez “reset”, desejava ver o que acontecia, se podia acordar no seu mundo. Quando abriu os olhos desse “reset” mental, encontrou diante de si um espelho, mas esqueceu-se que na parede oposta também tinha um espelho igual. No espelho à sua frente via uma mulher e quando se deslocava na direção do outro também via uma mulher; mas quando observava a imagem do segundo espelho no primeiro, o que de facto via era um homem.

Para estabelecer diferenças entre homem e mulher será necessário passar no teste do espelho múltiplo. Na realidade atual, a nossa imagem neste espelho múltiplo é o ciborgue, a imagem que a nossa subjetividade ambiciona, os poderes que o misto de uma máquina com partes orgânicas poderia alcançar. Neste mundo interconectado que se fragmentou, o medo e o ódio são usados como armas. Um mundo em que os dados são os bens mais valiosos para que quem tenha as ferramentas capazes de analisarem essas enormes quantidades de conhecimento possam alimentar com medo os mais desfavorecidos, numa espiral de informação, análise e controlo. Neste contexto de crise mundial, alguns ditadores, bem como algumas empresas multinacionais, executam medidas arbitrárias que prejudicam as mulheres. Os ciborgues apresentam-se, assim, na forma ideal por quem os quiser visualizar, ou

necessitar deles para estabelecer o seu discurso social, político e/ou científico. Talvez isto seja uma questão de fé, algo em que se tem de acreditar sem a certeza de que seja real, tal como a imagem no espelho múltiplo.

Mas, afinal, a metáfora talvez não esteja no espelho múltiplo, mas na imagem refletida diretamente pelo espelho único, ou seja, talvez a metáfora não esteja no ciborgue, como preconizado por Donna Haraway.

Para Margaret Atwood, o ciborgue é representado pela Serva, um organismo em que algumas das partes se transformam em máquina de procriar, um corpo totalmente orgânico do qual algumas partes se separam porque são esquecidas propositadamente pela mente que as devia controlar, a mente da Serva.

Para Ian McEwan, o robô criado pode ser considerado como um ciborgue no sentido em que algumas das suas partes atuam como organismo, fazendo isso a dois níveis: corporal (quando tem relações íntimas com uma mulher) e mental (com comportamentos racionais e emocionais semelhantes aos do homem).

Apesar da grande diferença na sua origem, a perceção destes dois ciborgues é semelhante no sentido em que são forçados a viver numa sociedade de *homines sapientes* com todas as incongruências e sentimentos inerentes a essa condição.

Usar o mito dos ciborgues como arma de construção social e política no sentido de procurar eliminar as diferenças entre géneros esbarra com o modo como os ciborgues são, nestas obras, aproximados aos humanos. A aproximação é feita principalmente no sentido do ciborgue para os humanos, ou seja, os autores (humanos), ao criarem estes ciborgues, incutiram-lhes características do *homo sapiens* não produzindo uma verdadeira aproximação do homem ao mundo ciborguiano, às máquinas.

Neste sentido, as diferenças entre homem e mulher não são totalmente esbatidas. Esta aproximação num único sentido, do ciborgue para o humano, é mais notória na mente, *i.e.*, na inteligência (artificial). Como o *homo sapiens* não conhece outra forma de inteligência, a não ser aquela que conjuga comportamentos racionais e emotivos, tenta sempre fazer com que o que cria artificialmente o mimetize.

Como se verificou, no caso do ciborgue engendrado por Ian McEwan, a criação de uma inteligência artificial em que se incorporem as características do *homo sapiens* não foi suficiente, mesmo

com a inclusão da possibilidade de definir as suas características relacionadas com o carácter, aquelas que ultrapassam a natureza artificial das máquinas. No caso concreto de Adam, é necessário definir os cinco parâmetros de personalidade: agradabilidade, extroversão, abertura para novas experiências, grau de consciência e estabilidade emocional.

A Serva foi criada por Margaret Atwood para ser uma máquina reprodutiva, mas sem que fosse possível retirar-lhe efetivamente características humanas, apesar da educação repressiva a que foi sujeita.

Em ambos os casos, a Serva e Adam estão muito mais próximos do homem do que da máquina. Esta proximidade é conseguida pelo sentimento muito forte do amor que aglutina a catástrofe presente nas narrativas estudadas.

Embora exista uma presença muito forte de elementos ciborguianos, aquilo que importa para a realidade é a sua humanidade traduzida no amor, uma característica do *homo sapiens* que o torna imprevisível, eliminando o racional. Assim, poder-se-á dizer que o mito do ciborgue não poderá ser usado como metáfora para o esbatimento das diferenças entre géneros, como proposto inicialmente por Donna Haraway. Ou seja, estes romances parecem contradizer o ensaio de Haraway no que diz respeito ao facto de os ciborgues ajudarem a definir uma política que permita o esbatimento entre géneros. Com efeito, a Serva (na sua forma ciborguiana, e não noutra) está muito mais próxima do *homo sapiens* e o ciborgue, Adam, realçou ainda mais as diferenças entre géneros ao assumir-se claramente como um homo-ciborgue.

Isto vai de encontro aos desenvolvimentos mais recentes no pensamento da própria Haraway, de acordo com a qual o mito do ciborgue já não é suficiente. No entanto, a mesma também defende que, ao colocarmos o ciborgue numa realidade social específica, estamos a mudar o mundo, pois o ciborgue é uma criatura de realidade social, de relações sociais vividas, uma das nossas mais importantes construções políticas, uma ficção que muda o mundo. Esta é uma luta permanente entre as construções sociopolíticas e a natureza.

Desta interação homem-máquina emergem complexidades trazidas pela tecnociência que obrigam a uma adaptação do cérebro humano, um estatuto híbrido que resulta da interação entre máquina e ficção. O mundo assume, assim, um estado múltiplo, um sistema constituído por máquinas, animais e pessoas que evoluem em conjunto, um sistema densamente interconectado e complexo. É neste sentido que os ciborgues já não são suficientes para explicar o mundo.

As imagens da rapariga refletida num espelho múltiplo mostram, de certa forma, esta complexidade. Se o homem não se compreende a si mesmo, perde as condições para definir a “política” social que obriga esta rapariga em particular a ser mulher, querendo ser homem. Do mesmo modo, não poderá estabelecer regras patriarcais para a política da sociedade se não encontra diferenças entre o homem e a mulher.

Retorna-se, desta forma, a um estado aparente de indefinição no que diz respeito ao papel social conjunto da mulher e do homem.

Assim, tendo por base as análises efetuadas aos três romances, procura-se dar resposta a esta questão. Para isso recorre-se às conclusões parciais já realizadas, aos conceitos teóricos de Haraway e às complexidades metaforizadas no espelho múltiplo.

Convém, em primeiro lugar, enfatizar que as narrativas de Margaret Atwood podem ser olhadas, sob o ponto de vista da análise aqui preconizada, como representando uma única história.

Tendo por base esta ideia, pode afirmar-se que a Serva Offred constitui o espelho do Robô Adam e *vice-versa*, tal como representado na figura 4. Qualquer um deles, colocado no meio destes dois espelhos, poderá ver refletidas características comuns ou similares em vários níveis de representação do seu papel nas narrativas. As definições de personalidade necessárias para Adam podem ser colocadas em paralelo com a repressão efetuada sobre a mulher que se transformou totalmente em Offred, mas em sentidos diferentes, como já referido. Adam, uma máquina, recebe valores de parâmetros que o permitem aproximar dos humanos; Offred, uma mulher, foi induzida violentamente a mecanizar-se.

Note-se, no entanto, a diferença: a aproximação de Adam é apresentada como positiva, uma mera definição de parâmetros, enquanto a de Offred é baseada em repressão, negativa, portanto.

Nos níveis seguintes de reflexão múltipla, Offred é sujeita a um processo educativo especial que a orienta para uma função específica da sociedade Gileadiana, a procriação, aproximando-a ainda mais de uma máquina. Por seu lado, Adam entra num processo de autoaprendizagem em duas frentes: uma que lhe advém de conhecimento adquirido em bases de dados e outra que é induzida pela relação com humanos. Estas aprendizagens conduzem Offred a um caminho único, à sua função como máquina de procriar, enquanto no caso de Adam a sua função na sociedade fica totalmente indefinida, não se sabendo se ele é uma mera experiência científica, se existe para fazer companhia ou para ganhar dinheiro na bolsa.

Por fim, aglutinados por sentimentos fortes, entre os quais se destaca o amor, as personagens conhecem destinos diferentes: Offred é levada para um local desconhecido, conseguindo libertar-se dos seus carrascos. Adam é destruído num momento de ódio e de medo, conseguindo libertar-se da angústia que era viver sozinho num mundo de *homo sapiens*. Offred, portanto, tem acesso a um movimento que se insurge contra um estado ditatorial; Adam, pelo contrário, não conhece o lado humano de que fazem parte sentimentos como compaixão e solidariedade.

Uma organização secreta, Mayday, conduz Offred, supostamente viva, para um local desconhecido, transformando-a novamente em mulher. No segundo romance de Margaret Atwood, sabe-se que essa organização é fortemente “patrocinada” por Lydia, a Tia toda poderosa do regime Gileadiano.

O cérebro de Adam, a seu pedido, foi preservado num computador e o seu corpo foi levado aos pedaços para ser estudado por Turing. Ian McEwan colocou Charlie a agir na sua destruição, na preservação do seu cérebro e no transporte do que restava dele. Ou seja, o narrador colocou nas mãos do proprietário da máquina um poder de preservação de alguns elementos que pudessem ser objeto de estudos científicos, que pudessem revelar alguma utilidade.

Emerge desta complexidade uma confusão de fronteiras homem-máquina que os dois escritores analisados nos trouxeram, mas sob prismas diferentes; Offred é metamorfoseada em ciborgue a partir de uma mulher e Adam é transformado em ciborgue a partir de um robô, mas controlado pelo *homo sapiens*.

Neste contexto, e em paralelo, movem-se as personagens Lydia e Charlie, as quais na realidade são quem controlam (ou determinam) o destino dos ciborgues Offred e Adam, respetivamente. Ambos surgem nas narrativas com passados, que lhes induzem diferentes perceções do mundo; ambos são sujeitos a processos de mudança radicais.

No nível de abstração seguinte, Lydia e Charlie participam ativamente no processo de ensino/aprendizagem de Offred e Adam, respetivamente, mas com uma diferença: no caso das narrativas de Atwood, o conhecimento é transferido somente numa direção, enquanto no romance de McEwan Charlie também aprende com Adam. Tal como nos casos de Offred e Adam, Lydia sabe exatamente qual é a sua função na respetiva sociedade, mas Charlie parece completamente perdido no que a uma profissão diz respeito.

Finalmente, num misto de amor e ódio, Lydia e Charlie contribuem decisivamente para o desfecho de cada uma das narrativas.

Lydia inicia o processo de destruição da ditadura Gileediana, colocando a mulher num lugar que é o seu, ou seja, num papel equilibrado com o do homem. Margaret Atwood não aparenta estar preocupada em usar a tecnociência para lhe possibilitar o combate ao regime teocrático que criou.

Charlie, num assomo de raiva, destrói uma máquina sofisticada com um martelo numa ação que poderia ser considerada um crime passional. Ian McEwan, no final que escolheu para a sua narrativa, coloca Charlie em conflito com Turing (o símbolo da tecnociência), um combate entre o homem e os ciborgues.

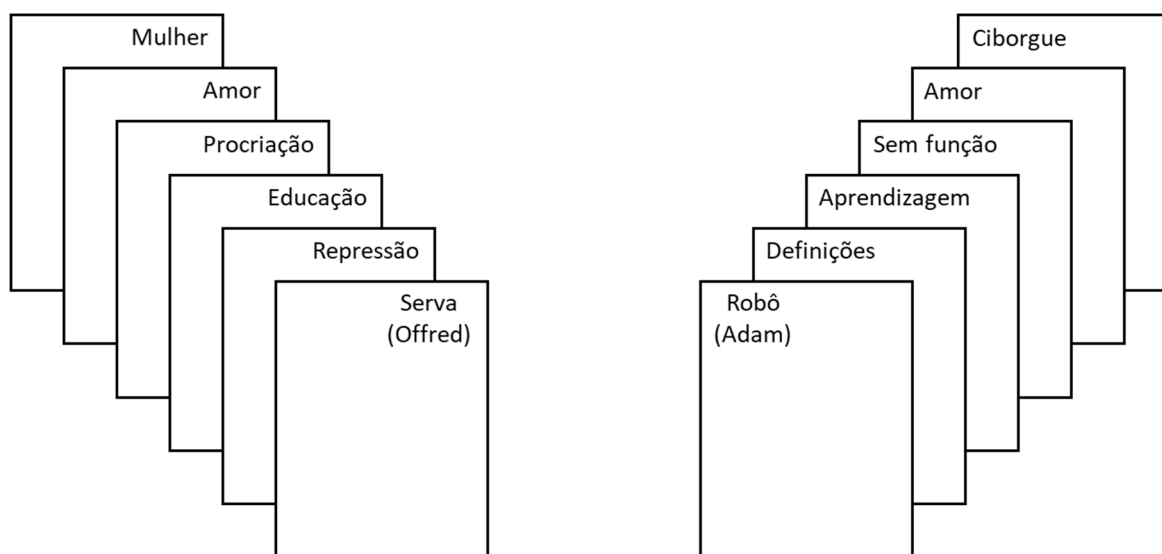


Figura 4- Paralelismo entre Offred e Adam no espelho múltiplo.

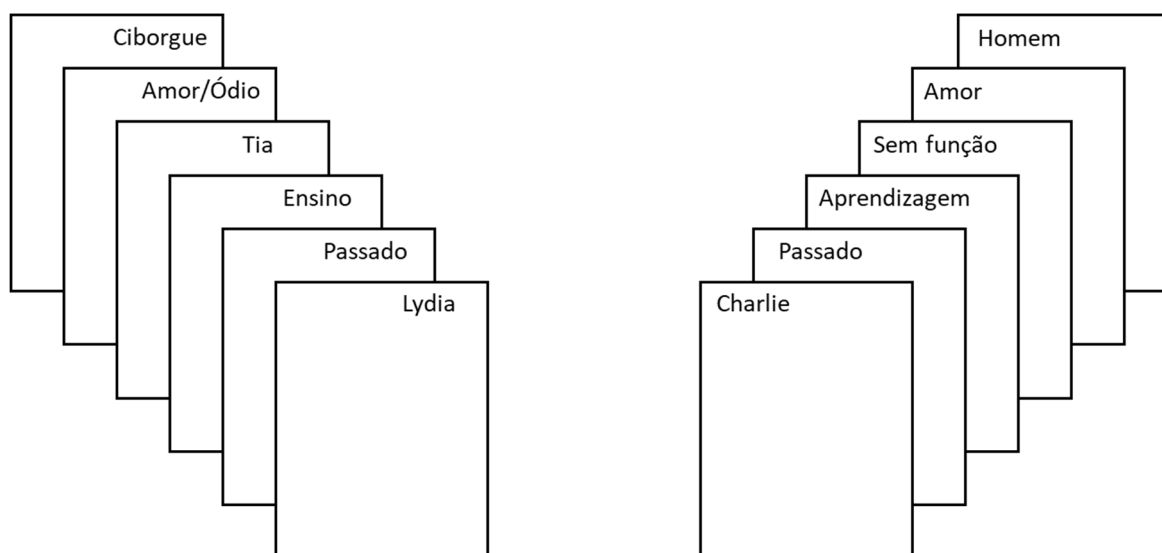


Figura 5- Paralelismo entre Lydia e Charlie no espelho múltiplo.

Margaret Atwood cria uma distopia com o propósito de chamar a atenção para as questões de gênero. Esta sociedade distópica está muito próxima do leitor porque a autora coloca factos do nosso dia-a-dia na narrativa, mas é um futuro próximo que pode estar sempre diante de nós.

Tal como Haraway, Atwood serve-se da ironia como arma política para afirmar a luta das mulheres, fazendo-o sob o ponto de vista feminino e não do feminismo. Ao mesmo tempo, chama a atenção para a questão da preservação da espécie, um papel que cabe fundamentalmente à mulher, como outras narrativas da escritora canadiana igualmente demonstram (veja-se o caso de *The Year of the Flood*), num constante diálogo homo-autoral.

É neste ponto que as suas obras se relacionam com a tecnociência e, também, com a atualidade, ou seja, nas formas que podem ser usadas para a procriação. A procriação é o ponto onde tudo se junta, mas, ao mesmo tempo, é o gérmen da implosão.

Ao olharmos para a Serva como um ciborgue elimina-se a matriz natural, permitindo ver a realidade das mulheres como algo construído social e politicamente, um mundo sem dominações de gênero. Deste modo, numa primeira análise, a subjetivização da tecnociência na literatura conduz ao esbatimento das fronteiras entre géneros. No entanto, como se viu, as complexidades do homem já não poderão ser explicadas desta forma.

Uma conclusão importante a extrair da leitura das narrativas de Atwood, ao apresentar de uma forma separada os testemunhos de Offred, Agnes e Lydia, é a possibilidade da sua diversidade. Ou seja, não existe uma única memória das mulheres, tal como preconizado pela matriz de dominação induzida pelos feminismos. A literatura constitui assim uma forma de ajudar a luta das mulheres individualmente consideradas, de modo a que o feminino, na sua multiplicidade temperamental e de personalidade seja posto em evidência.

O ciborgue de Ian McEwan, e a sua inclusão num mundo de *homines sapientes* é apresentado como se de uma experiência científica se tratasse. Isto é realizado através da aferição constante das suas capacidades por comparação com a capacidade das pessoas que o rodeiam. Existe, também, nesta narrativa uma contraposição entre a tecnociência e a humanidade. Optando também pelo diálogo entre as suas obras, McEwan aposta em aprofundar as relações entre literatura e ciência, representadas em diversas outras narrativas.

Estes ciborgues providos de inteligência sofrem desde o início de um grande mal. Foram colocados isolados num mundo de pessoas, ao mesmo tempo que lhes foi dada a capacidade de

evoluírem intelectual e sentimentalmente, numa aproximação aos humanos. Simultaneamente, foram colocados nesse novo mundo sem que lhes fosse dado tempo para se adaptarem, tal como as crianças, a quem por períodos longos tudo é desculpado porque são crianças. Não é por acaso que Ian McEwan faz este paralelismo com as crianças. De facto, até elas são superiores a Adam devido à sua capacidade de jogar.

Todavia, o que é importante aqui é perceber até que ponto a subjetividade transmitida pelos ciborgues poderá ou não conduzir a uma eliminação da diferença entre géneros. A percepção trazida pelo uso de dispositivos eletrónicos permite ajudar a eliminar as diferenças das capacidades físicas entre homem e mulher, uma vez que a capacidade intelectual já é igual. Assim, o que existe são duas partes de uma espécie que se potenciam e complementam, o homem e a mulher.

As obras analisadas nesta dissertação revelam pontos de vista alargados sobre a relação humana com a ciência. Creio que é possível concluir, nos dois autores analisados, que a leitura sobre desenvolvimentos tecnocientíficos não se deixa enredar nem num tecno-otimismo, nem num tecno-pessimismo. Qualquer uma destas possibilidades seria redutora, muito embora a nossa experiência humana demonstre que existem adeptos integrando militantemente cada uma das fações.

O que realmente me parece relevante é a proposta de dois escritores contemporâneos sobre a necessidade de discutir a questão: afinal, o que é ser humano?

A resposta a esta questão, ou uma melhor aproximação a essa resposta, permitiria, também, ajudar no esbatimento dos limiares entre géneros.

A complementaridade entre o ensaio de Haraway, que serviu de referência ou marco teórico deste trabalho, e as narrativas de Margaret Atwood e de Ian McEwan pode ser colocada nos termos que a seguir se expõem.

Haraway traz para esta discussão o mito dos ciborgues, numa tentativa bem conseguida de demonstrar como a quebra de fronteira homem-máquina pode explicar o esbatimento dos limiares entre géneros. Atwood, com uma diferença de 34 anos entre as suas obras, traz o testemunho de quatro mulheres que viveram uma ligação muito forte com um regime teocrático que transforma as mulheres (e toda a sociedade) em máquinas de procriar, *i.e.*, agindo como ciborgues de origem humana. Do lado oposto, surge o ciborgue de McEwan, uma máquina cheia de possibilidades e habilitada a exibir um comportamento humano que complementa as nossas subjetividade e imaginação.

Esta quebra de fronteira homem–máquina está bem patente na hipótese de “casamento” entre humanos e máquinas e na possibilidade de as máquinas pagarem impostos, por exemplo. Simultaneamente, a possibilidade de a comunicação ser realizada através de um “depósito” de conhecimento ou base de dados, o que conduz à perda de linguagem, pode colocar em causa a ontologia do humano, fazendo-nos pensar para que servem as nossas vidas, afinal.

Para isto acontecer será necessário ultrapassar o impedimento que a inteligência artificial tem pelo facto de ser baseada em análises de dados, o que lhe impossibilita uma inteligência mais “humana”. Todavia, as dúvidas persistem. Será que no futuro não seremos nós a ter que mudar para nos aproximarmos das máquinas? Não estamos já a viver esta fase de mudança?

A realidade atual já tem “resquícios” de um comportamento máquina. A nossa vontade é que os dirigentes políticos e outros agentes que tomam decisões sobre a sociedade tenham uma resposta rápida e flexível. É exemplo disto a exigência da sociedade no que se relaciona com decisões sobre a atual crise sanitária: rápidas, flexíveis e certeiras.

Como se pode fazer isto senão através do recurso a massivas análises de dados que os humanos até nem compreendem totalmente? Temos, assim, decisões que só parcialmente recorrem à análise computacional de dados. O resto resulta de intuições animais associadas a uma inteligência baseada em emoções.

O Homem, a sua humanidade e a sua linguagem estão em constante mudança, adaptando-se e servindo-se das máquinas. Esta capacidade não é nova, existe desde que o *homo sapiens* existe; assim como não é nova a crise que vivemos. A realidade é que o Homem vive permanentemente em crise. O mundo é imperfeito não porque queiramos que seja ou por nossa influência, mas porque a Natureza assim o exige. O *homo sapiens* (animal e sociedade) integrado com a Natureza (animais e plantas), o planeta e as máquinas, evoluem em conjunto construindo este mundo imperfeito.

As diferenças entre homem e mulher são construções políticas e sociais e não têm qualquer pilar assente na Natureza.

Tenho consciência que a análise das obras deste trabalho foi em diversos momentos exaustiva, no sentido de apresentação de detalhes que poderão parecer pouco relevantes; creio, contudo, que são os detalhes das narrativas – em especial, as de Atwood, textos muito extensos – que nos permitem aprofundar os desafios inovadores trazidos por estes escritores nas suas visões da Humanidade.

A dissertação poderia seguir outros caminhos analíticos, que julgo muito estimulantes para posteriores investigações: a discussão sobre o diálogo, muitas vezes conflitual, entre Literatura e Ciência; a dimensão metafísica das obras (afinal, são um novo homem – Adam – e uma nova mulher – Eva – que busca o narrador de *Machines Like Me*; afinal, é uma nova vida – rasurando o passado e condicionando o futuro – que se ficcionaliza em *The Handmaid's Tale* e *The Testaments*; as relações intertextuais entre as narrativas (mas também aquelas que, em cada um dos escritores, podem estabelecer-se, por exemplo, a onnipresença do discurso científico em McEwan); a reflexão sobre a Natureza – humana e física:

Se Ian McEwan desafia o leitor a pensar sobre relações homem-máquina, Margaret Atwood, porventura de modo mais otimista – não necessariamente utópico –, propõe um regresso à Natureza, possibilitando leituras ecocríticas da sua obra, um dos mais entusiasmantes aspetos da ficção desta escritora.

A Natureza representa assim um caminho possível dada a essência múltipla da cognisfera, baseada em fluxos cognitivos entre pessoas, animais e máquinas.

A dissertação que aqui se apresenta é, portanto, um trabalho exploratório. Nela se procurou refletir sobre o modo como a criação literária contemporânea, plasmada em dois importantes escritores atuais, debate a relação do Homem com a máquina, com os outros homens e, afinal, consigo mesmo, com as suas emoções, os seus desafios e as suas ambições.

REFERÊNCIAS

- Atwood, M. (1996). *The Handmaid's Tale*. London: Vintage.
- Atwood, M. (2004). The Handmaid's Tale and Oryx and Crake "In Context". *PMLA*, 119(3), 513-517.
- Atwood, M. (2005). *La Maldición de Eva*. Barcelona: Penguin Random House.
- Atwood, M. (2017, March 10). Margaret Atwood on What "The Handmaid's Tale" Means in the Age of Trump. *The New York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/2017/03/10/books/review/margaret-atwood-handmaids-tale-age-of-trump.html>: [consultado em 17-01-2020]
- Atwood, M. (2019). *The Testaments*. New York: Nan A. Talasse, Doubleday.
- Barreto, J. (2018). Antifeminismo. In J.E. Franco (Ed.), *Dicionário dos Antis* (pp. 766-795). Volume 1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (12th ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Callaway, A.A. (2008). *Women disunited: Margaret Atwood's The Handmaid's Tale as a critique of feminism*. Master Thesis. San José State University, San José.
- Castro, P.A. (2019). A Oculta Scientia Sexualis da Antiguidade Grega ou a Pseudo-castração do Desejo. In P.A. Castro (Ed.), *Ensaio (Modernos) de Filosofia Antiga* (pp. 17-49). Lisboa: Edições Esgotadas.
- Chevalier, J., Gheerbrant, A. (1994). *Dicionário de Símbolos*. Lisboa: Teorema.
- Claeys, G. (Ed.), (2010). *The Cambridge companion to utopian literature*. University of London, London: Royal Holloway.
- Cojocar, M. (2016). Contending Narratives in Ian McEwan's Fiction. *Revista Transilvania*, 1.
- Frankl, V.E. (2008). *Man's Search for Meaning*. London: Rider.
- Gray, C.H. (2002). *Cyborgue Citizen: politics in the posthuman age*. New York: Routledge.
- Grupo Krisis. (2017). *Manifesto contra o trabalho* (4th ed.). Lisboa: Antígona.
- Haraway, D. (1991). A Cyborgue Manifest: Science Technology, and Socialist-Feminism in the Late Twenty Century. In *Simians, Cyborgues, and Woman* (pp. 149-181). New York: Routledge. Publicado originalmente como: Haraway, D. (1985). A Cyborgue Manifest. *Socialist Review*, 15(81).
- Haraway, D. (2000). Um Manifesto em Favor dos Ciborgues: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. In D. Haraway, H. Kunzru, T. Tadeu, T. (Eds.), *Antropologia do Ciborgue: As Vertigens do Pós-Humano* (pp. 33-118). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Haraway, D. (2003). *The Companion Species Manifesto: Dogs, People and Significant Otherness*. Chicago: Prickly Paradigma Press.
- Hayles, N.K. (2006). Unfinished Work: From Cyborg to Cognisphere. *Theory Culture & Society*, 27(7-8), 159-166.
- Huxley, A. (2013). *Admirável Mundo Novo* (11th ed.). Lisboa: Antígona.
- Huxley, A. (2014). *A Ilha*. Lisboa: Antígona.
- Katwala, A. (2000, March 5). Quantum computers will change the world (if they work). *WIRED*. Retrieved from <https://www.wired.co.uk/article/quantum-computing-explained>: [consultado em 12-11-2019]
- Layh, S. (2006, July). Hythlodæus' Female Heir: Transformation of the Utopian/Dystopian Concept in Gioconda Belli's *Waslala*. Memorial del Futuro (1996). *Spaces of Utopia: An Electronic Journal*, 2, 42-58. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1633.pdf>: [consultado em 10-02-2020]
- Latour, B. (1993). *We have never been modern*. Translated by Catherine Porter. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Lima, J. (2018). *Antifeminismo Literário*. In J.E. Franco (Ed.), *Dicionário dos Antis* (pp. 796-799). Volume 1. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- McEwan, I. (2019). *Machines Like Me*. London: Jonathan Cape.
- More, T. (1995), *Utopia: Latin Text & English Translation*. Edited by George Logan, Robert Adams and Clarence Miller. Cambridge: Cambridge University Press.
- Musk, E.; Neuralink (2019). An Integrated Brain-Machine Interface Platform with Thousands of Channels. *bioRxiv*. Retrieved from <https://doi.org/10.1101/703801>: [consultado em 20-10-2020]
- Orwell, G. (2007). *1984* (7th ed.). Lisboa: Antígona.
- Siqueira, H.S.G.; Medeiros, M.F.S. (2011). Somos todos ciborgues: aspetos sociopolíticos do desenvolvimento tecnocientífico. *Configurações*, 8, 11-32.
- Turing, A. (1950). Computing Machinery and Intelligence. *Mind*, 49, 433-460.
- Vieira, F. (2010). The concept of utopia. In G. Claeys (Ed.), *The Cambridge companion to utopian literature* (pp. 3-27). University of London, London: Royal Holloway.
- Virilio, P. (2000). *A velocidade de libertação*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.

